

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS/FALE
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS/PROFLETRAS

SIMONE ALBINO DA SILVA SANTOS

A VEZ E A VOZ DOS ADOLESCENTES: ARTICULANDO A CAPACIDADE
DISCURSIVA ORAL COM A CAPACIDADE DISCURSIVA ESCRITA

Belo Horizonte
2018

SIMONE ALBINO DA SILVA SANTOS

**A VEZ E A VOZ DOS ADOLESCENTES: ARTICULANDO A CAPACIDADE
DISCURSIVA ORAL COM A CAPACIDADE DISCURSIVA ESCRITA**

Dissertação apresentada ao Programa
de Mestrado Profissional em Letras da
Universidade Federal de Minas
Gerais, como requisito parcial à
obtenção do título de Mestre em
Letras.

Orientador: Prof. Dr. Júlio César
Vitorino.

Belo Horizonte
2018

Dedico este trabalho ao meu esposo Edson Santos e aos meus filhos, pela paciência e companheirismo, a minha mãe, minha grande amiga, pelo apoio, incentivo e amor sem medidas; e aos meus irmãos Edimilson, Edson e Emerson que sempre cuidaram de mim.

AGRADECIMENTO

Em especial, agradeço a Deus, pelo amor incondicional provado a nós na cruz, sem o qual nada seria possível;

Ao meu orientador, Professor Dr. Júlio Cesar Vitorino, pela dedicação, compromisso e ensinamentos, por me conduzir nesse processo de investigação;

A Professora Dra. Leiva Leal, que contribuiu com esta pesquisa cedendo o Jogo das Controvérsias como parte da proposta aplicada;

Aos professores e colegas do PROFLETRAS, pelo aprendizado;

A minha amiga Márcia, por dividirmos essa caminhada;

Aos alunos participantes desta pesquisa, pelo interesse e envolvimento;

Aos diretores, pedagogas e professores do Colégio Tiradentes de Betim por abrirem espaço para a aplicação desta proposta de trabalho.

Enfim a todos que de alguma maneira contribuíram para que eu pudesse trilhar os caminhos para a construção deste conhecimento.

“A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal”. (BAKHTIN, 2003, p. 348).

RESUMO

Argumentar é uma capacidade fundamental que deve ser ensinada e desenvolvida na escola, que tem por responsabilidade formar cidadãos questionadores, com capacidade de análise crítica. Diante disso, o objetivo que regeu este trabalho foi “elaborar e executar um projeto de ensino cujas atividades potencializassem a capacidade discursiva oral dos alunos, articulando-a com o desenvolvimento da capacidade discursiva escrita. Partiu-se da seguinte questão fundamental, norteadora desta pesquisa, destacada como problema, “como promover a formação de alunos aptos a defenderem sua opinião e a argumentar, discursivamente, em diferentes situações sociais?”. Para fundamentar esse trabalho foram relacionados diversos autores, tendo destaque os estudos de: Amossy (2011, 2007), Bakhtin (2000), Citelli (1994), Dolz & Schneuwvly (2004), Fiorin (2015), Koch (1993). No que tange a caracterização da pesquisa, o estudo qualitativo interpretativista foi adotado, uma vez que o foco se prende a um contexto real, nesse caso, o ambiente escolar, o Colégio Tiradentes, da Polícia Militar de Minas Gerais em Betim, tendo como sujeitos, aprendizes de uma turma de 8º ano do ensino fundamental, com aproximadamente 35 alunos, com idades entre 12 e 14 anos. A relevância dessa pesquisa se dá, sobretudo, por propor um trabalho voltado não apenas para o desenvolvimento da capacidade argumentativa escrita, mas também a oral, encarando o desafio de articular a duas modalidades em uma proposta didática, a qual foi nomeada como Rota da Argumentação, que contou com quatro etapas e sete atividades, desenvolvidas em 15 aulas; iniciando com atividades mais espontâneas, como a primeira, com a apresentação do tema e a segunda, realizada por meio do *Jogo das Opiniões*, passando pelo debate virtual, e pela análise de controvérsias e a formação do ponto de vista propostos no *Jogo das Controvérsias*, respectivamente a terceira e quarta atividade, chegando a sexta atividade, que envolvia o reconhecimento do gênero e a produção de um debate de opinião com fundo controverso, finalizando com a sétima atividade, a produção de um artigo de opinião. A análise dos dados gerados com a aplicação da Rota, certamente, respondem a pergunta norteadora desse trabalho, uma vez que os alunos participantes dessa pesquisa puderam, durante as atividades, “ter voz”, questionar fatos, opiniões, argumentos, discursos, concordando, discordando, posicionando-se e agindo sobre o outro por meio da palavra. Constatou-se que, durante as atividades, eles colocaram em prática a capacidade de argumentação, que naturalmente o ser humano possui, aliando a ela outros saberes, como as estratégias argumentativas, as expressões modalizadoras e as inúmeras estratégias da linguagem não verbal que utilizamos para argumentar, as quais foram desenvolvidas durante a Rota. Não se pode dizer que tornaram-se mestres na argumentação oral e escrita, mas, certamente, notou-se um crescimento gradativo com relação ao desenvolvimento da capacidade argumentativa, o que é uma resposta muito positiva ao trabalho realizado, demonstrando sua relevância. Por fim, propõe-se aqui um modelo prático de trabalho para que outros professores de Língua Portuguesa possam lançar mão em sala de aula, mesmo que de forma mais ou menos adaptada.

PALAVRAS-CHAVE: Capacidade argumentativa, Rota da Argumentação, modalidades oral e escrita da língua, estratégias de argumentação, escola.

ABSTRACT

Argument is a fundamental capacity that must be taught and developed in the school, which is responsible for forming questioning citizens, with capacity for critical analysis. Therefore, the objective of this work is to propose and execute a teaching project whose activities would enhance students oral discursive capacity, articulating it with the development of written discursive capacity. It was based on the following fundamental question, guiding this research, highlighted as a problem, "how to promote the formation of students able to defend their opinion and to argue discursively in different social situations?" In order to base this work, a number of authors have been related, with emphasis on studies by Amossy (2011, 2007), Bakthin (2000), Citelli (1994), Dolz & Schneuwvly (2004), Fiorin (2015) and Koch (1993). Regarding the characterization of the research, the qualitative interpretative study was adopted, once the focus is attached to a real context, in this case, the school environment, the Colégio Tiradentes, of the Military Police of Minas Gerais in Betim, MG, having as subjects, apprentices of an 8th grade elementary school class with approximately 35 students aged from 12 to 14 years. The relevance of this research is mainly to propose a work not only for the development of written argumentative capacity, but also oral, facing the challenge of articulating the two modalities in a didactic proposal, which was named as Route of Argumentation, which had four stages and seven activities, developed in 15 classes; starting with more spontaneous activities, such as the first one, with the presentation of the theme and the second one, through the Game of Opinions, through the virtual debate, and through the analysis of controversies and the formation of the point of view proposed in the Controversy Game, respectively the third and fourth activity, reaching the sixth activity, which involved the recognition of the genre and the production of an opinion debate with a controversial background, ending with the seventh activity, the production of an opinion article. The analysis of the data generated with the Rota application certainly answers the guiding question of this work, since the students participating in this research were able to "voice", question facts, opinions, arguments, speeches, agree, disagree, positioning and acting on the other through the word. It was found that during the activities, they put into practice the capacity for argumentation, which, of course, the human being possesses, in addition to other knowledge, such as argumentative strategies, modifying expressions and innumerable non-verbal language strategies that we use to argument, which were developed during the Route. It can not be said that they became masters in oral and written argumentation, but certainly there was a gradual increase in the development of argumentative capacity, which is a very positive response to the work done, demonstrating its relevance. Finally, a practical model of work is proposed to be used, in a more or less adapted way, by other Portuguese-speaking teachers in the classroom.

KEYWORDS: Argumentative ability, Argumentation route, oral and written language modalities, argumentative strategies, school.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1: Gêneros sugeridos para a prática de produção de textos orais e escritos nos PCNs	34
Quadro 2: O uso de estratégias argumentativas no debate virtual	66
Quadro 3: O uso de estratégias argumentativas no debate oral	70
Quadro 4: O uso de estratégias argumentativas no artigo de opinião	74

LISTA DE SIGLAS

BNCC- Base Nacional Comum Curricular

ENEM- Exame Nacional do Ensino Médio

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PCNs- Parâmetros Curriculares Nacionais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 APARATO TEÓRICA: FUNDAMENTANDO A PESQUISA.....	17
1.1 Concepções essenciais que fundamentam esta pesquisa: texto, linguagem, modalidades oral e escrita da língua.....	17
1.2 A argumentação em sala de aula.....	20
1.3 Potencializando a capacidade discursiva por meio do uso de tecnologias em sala de aula.....	29
2 A PROPOSTA DE TRABALHO COM A ARGUMENTAÇÃO NA ESTRUTURA CURRICULAR DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	31
2.1 Capacidade discursiva oral e escrita: a abordagem dos PCNs e da BNCC.....	31
2.2 Discussão em torno dos PCNs e da BNCC.....	38
3 PROPOSTA DE TRABALHO: ASPECTOS METODOLÓGICOS	42
3.1 Contextualização da pesquisa.....	42
3.2 O projeto de ensino: descrevendo a Rota da Argumentação.....	45
4 APLICAÇÃO DA ROTA DA ARGUMENTAÇÃO: IMPRESSÕES DA PESQUISADORA	49
4.1 1ª atividade: Introduzindo o tema “liberdade de expressão”.....	49
4.2 2ª atividade: Argumentar e contra-argumentar no jogo das opiniões..	51
4.3 3ª atividade: Sala virtual: debatendo em rede.....	53
4.4 4ª atividade: Fundamentando opiniões por meio do jogo das Controvérsias.....	54
4.5 5ª atividade: ArgumentAÇÃO - o que é isso?.....	56
4.6 6ª atividade: A argumentação e contra argumentação no gênero debate	58
4.7 7ª atividade: Argumentação em um artigo de opinião.....	61
5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS: REVENDO A ROTA.....	64
5.1 Os efeitos na prática: o uso das estratégias de argumentação nas quatro etapas da pesquisa.....	64
5.1.1 Liberdade de expressão: aula interativa.....	65

5.1.2	Sala Virtual: debatendo em rede.....	66
5.1.3	A argumentação e contra argumentação no gênero debate.....	69
5.1.4	A argumentação no artigo de opinião.....	72
5.2	Considerações a respeito dos resultados apresentados.....	79
6	PERSPECTIVAS DE SÍNTESE.....	81
6.1	Revisitando os objetivos da pesquisa.....	81
6.2	Conclusões possíveis.....	84
	REFERÊNCIAS.....	88

APÊNDICES

APÊNDICE 1-	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, devidamente aprovados pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Minas Gerais e pelo Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).....	91
APÊNDICE 2-	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, devidamente aprovados pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Minas Gerais e pelo Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).....	93
APÊNDICE 3-	Termo de autorização de uso de Imagem e voz, devidamente aprovados pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Minas Gerais e pelo Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).....	95
APÊNDICE 4-	Jogo das Controvérsias.....	96
APÊNDICE 5-	Lista de Constatação do Gênero Debate.....	102
APÊNDICE 6-	Lista de Constatação do Gênero Artigo de Opinião.....	103
APÊNDICE 7-	Proposta de produção de um artigo de opinião.....	104
APÊNDICE 8-	Atividade: 1: Aula interativa	105
APÊNDICE 9-	Atividade 5: Aula teórica prática- Estratégias de argumentação.....	111

ANEXOS

ANEXO 1-	Artigos de opinião utilizados como exemplos.....	117
ANEXO 2-	Compêndio dos Comentários Produzidos Pelos Participante da Pesquisa no Debate Virtual.....	118
ANEXO 3-	Textos selecionados para publicação na sala virtual	122

INTRODUÇÃO

A interação verbal é essencialmente argumentativa. Logo, argumentar é uma habilidade/capacidade fundamental que deve ser ensinada e desenvolvida na escola, que é o espaço propício para isso, visto que tem por responsabilidade formar cidadãos questionadores, com capacidade de análise crítica. Há todavia uma lacuna nesse alvo, uma vez que a educação propõe isso, mas a escola não promove espaços para discussões e debates, com o objetivo de expor e formar opiniões. Dessa forma, podemos perceber uma lacuna no ensino de produção textual quando cobramos a escrita de textos argumentativos, mas não desenvolvemos efetivamente a argumentação, ou melhor, não levamos nossos alunos a desenvolverem a capacidade discursiva, seja escrita, seja oral.

Considerando o cenário social pelo qual passa o nosso país, é imprescindível que a escola se preocupe em atingir seu objetivo, formar alunos/cidadãos que saibam lutar por seus direitos, que sejam conscientes, questionadores e possam ajudar na mudança do país. Sendo assim, a pesquisa desenvolvida teve como objetivo principal elaborar e executar um projeto de ensino cujas atividades pudessem potencializar a capacidade discursiva oral dos alunos, articulando-a ao desenvolvimento da capacidade discursiva escrita desses aprendizes, indo ao encontro do objetivo de formar cidadãos críticos e aptos a se posicionarem de forma responsável em diferentes situações sociais como propõe os Parâmetros Curriculares Nacionais. Nessa perspectiva, recentemente, a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), lançado em 2017, defende que o trabalho com a Língua Portuguesa tenha como meta desenvolver a leitura e a escuta vinculadas à construção de sentidos coerentes para textos tanto orais quanto escritos, e também a escrita e a fala, para a produção de textos adequados a situações de interação diversas, a partir da apropriação de conhecimentos linguísticos relevantes.

Frente a essa realidade, faz-se necessário o desenvolvimento da capacidade argumentativa tanto na modalidade oral quanto na modalidade escrita. Contudo, o que se percebe é que a modalidade oral só muito raramente é tomada como objeto de ensino, sendo vista como uma capacidade natural, decorrente do fato de as pessoas saberem falar a língua. A capacidade discursiva oral, que aqui é defendida não como a capacidade de falar uma língua, e sim a de defender pontos de vista, de

discutir e convencer, precisa ser desenvolvida, aperfeiçoada e articulada à capacidade discursiva escrita, rompendo com a concepção de que a língua oral é inferior ou subordinada à língua escrita, compreendendo as duas como modalidades distintas de uma mesma língua, cada qual com suas especificidades.

Vale ressaltar que os gêneros orais não são, mas necessitam ser, efetivamente ensinados na escola. Nos livros didáticos, o que se comprova é que, muitas vezes, eles não são tomados como objeto de ensino, na verdade, quase sempre estão subordinados à escrita, ou seja, são propostos objetivando a escrita. A proposta desta pesquisa opõe-se a essa visão, uma vez que não tem como objetivo privilegiar uma ou outra modalidade da língua, oral ou escrita, e sim articulá-las em um Projeto de Ensino, que propõe uma “Rota da Argumentação”, com atividades que visam fomentar a capacidade discursiva de alunos do 8º ano do ensino fundamental.

Diante disso, a questão fundamental, norteadora desta pesquisa, aqui destacada como problema, é “como promover a formação de alunos aptos a defenderem sua opinião e a argumentar, discursivamente, em diferentes situações sociais?”. Essa é a questão à qual se pretende dar uma resposta ao fim do trabalho.

Para tanto, o objetivo que rege este trabalho é “elaborar e executar um projeto de ensino cujas atividades potencializem a capacidade discursiva oral dos alunos, articulando-a com o desenvolvimento da capacidade discursiva escrita desses aprendizes”. Outros objetivos específicos também foram delineados:

- Desenvolver práticas de ensino voltadas para o conhecimento dos gêneros argumentativos exposição oral, debate, fórum de discussões virtual e artigo de opinião;
- Promover análise de controvérsias sobre o tema “Liberdade de expressão”;
- Promover a leitura como forma de desenvolver o ponto de vista;
- Propor uma “rota didática” mais eficiente para desenvolver a capacidade de argumentação;
- Contribuir para formação de cidadãos questionadores, críticos, capazes de agir no mundo.

Para fundamentar esse trabalho foram relacionados diversos autores, dentre eles: Amossy (2011, 2007), Azevedo (2000), Bakthin (2000), Costa Val (2004), Cavalcante e Custódio Filho (2010), Citelli (1994), Correa (2014), Fiorin (2015),

Geraldi (2012, 2013, 2015), Kersch (2014), Koch (1993), Leitão (2011), Marcuschi (2004, 2005), Ribeiro (2009), Rocha (2015), Rojo (2000), Travaglia (2016), Dolz & Schneuwly (2004). As concepções adotadas por esses estudiosos nortearam a pesquisa, desde o início partindo de uma visão sociointeracionista da linguagem, voltando-se para a argumentação nos gêneros discursivos orais e escritos.

É importante lembrar algumas expressões que causam inquietação e que não raramente são ditas por professores, não somente de língua portuguesa, mas também de outras disciplinas: “Os alunos não sabem argumentar”, “Eles não conseguem expressar sua opinião”, “Os meninos não sabem escrever dissertação”. Expressões como essas fazem parte do cotidiano escolar e sempre causam inquietação. Isso advém do fato de a escola ou os professores reconhecerem que os alunos não sabem argumentar e, paralelamente, pouco fazerem para mudar esse quadro, ou seja, deslocarem-se do lugar da queixa para uma ação efetiva a favor do desenvolvimento dessa capacidade dos alunos.

Diante dessa inquietude, surgiu o interesse em elaborar didaticamente propostas que auxiliem no desenvolvimento da capacidade discursiva oral e escrita dos aprendizes, elaborando e executando experiências pedagógicas capazes de articular potencializar as vozes dos alunos, muitas vezes silenciadas na escola. Isso devido à “cultura” que impera no contexto escolar no Brasil, em que o silêncio é considerado um sinal de disciplina e aprendizagem e, inclusive, caracteriza a atuação do chamado “bom professor”. Nessa visão, a escrita é sempre privilegiada, visto que para ela ocorrer, na prática, é necessário haver silêncio, enquanto que para desenvolver um trabalho voltado para a língua oral é necessário movimento, discussão, que muitas vezes ou, na maioria das vezes, é visto como “bagunça e não como aula”. Romper com essa visão é imprescindível e a busca de estratégias para promover tal ruptura é um dos objetivos desta pesquisa. Fazer com que a interação, a discussão e a conversa sejam um caminho para a aprendizagem é, para o educador, um desafio que necessita ser encarado.

Diante dessas reflexões, ao analisar o Plano de Curso de Língua Portuguesa dos anos finais do ensino fundamental da instituição em que será desenvolvida a pesquisa, Colégio Tiradentes de Betim, observa-se que a argumentação em textos orais, não é contemplada no Plano de Ensino, documento responsável por direcionar as ações dos professores de Língua Portuguesa e de Redação, no que se refere ao que ensinar. Na seção dedicada à produção escrita, são sugeridos apenas três

gêneros, a saber: resenha, anúncios publicitários e entrevista, nos quais se pode, a princípio, ser desenvolvida a argumentação. Nota-se que há uma proposta no documento de se trabalhar os diversos gêneros textuais, porém apenas a modalidade escrita da língua é considerada, não sendo sugerido gênero discursivo algum pertencente a modalidade oral da língua.

É fundamental desenvolver um trabalho voltado não apenas para textos escritos, mas também para os orais. Contribuindo para que isso seja uma prática vivenciada na escola, o desafio encarado nesta pesquisa foi articular o texto oral ao texto escrito. Certamente, quanto mais os alunos se apossarem da capacidade discursiva oral, tanto mais a sua capacidade discursiva escrita irá se tornar mais eficiente, produzindo textos argumentativos, orais ou escritos, com mais consciência e consistência.

Vale salientar que os adolescentes têm necessidade de expor suas opiniões, ou melhor, eles querem falar, querem ser ouvidos e a pesquisa pretendeu instaurar um espaço para que isso possa acontecer no ambiente escolar e dar fruto não somente na produção dos alunos em sala de aula, mas, sobretudo, em seu cotidiano. Certamente, promover um espaço de debate com apresentação e análise de pontos de vista controversos, principalmente no âmbito de um colégio militar, onde de certa forma tudo é um tanto quanto rígido, traz um crescimento não só para os estudantes, mas também para todos os atores presentes na escola.

Este trabalho está estruturado em cinco capítulos, intitulados: *Aparato teórico: fundamentando a pesquisa; A proposta de trabalho com a argumentação na estrutura curricular do ensino de Língua Portuguesa; Proposta de trabalho: aspectos metodológicos; Aplicação da Rota da Argumentação: impressões da pesquisadora e Discussão dos resultados obtidos: revendo a rota.* Além da *Introdução*, das *Perspectivas de síntese* como as considerações finais, das referências e dos anexos.

O primeiro capítulo apresenta a base teórica, calcada nas ideias dos principais estudiosos que fundamentaram a pesquisa. O capítulo está dividido em três seções: na primeira são expostas as concepções básicas que envolvem o ensino de língua; a segunda trata da argumentação em sala de aula e a terceira refere-se ao uso das novas tecnologias como estratégia para potencializar a capacidade discursiva dos aprendizes.

No segundo capítulo, expõe-se as diretrizes determinadas em dois documentos oficiais que regem o ensino de Língua Portuguesa brasileiro, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), de 1998, e a mais recente Base Nacional Curricular Comum (BNCC), destacando as concepções e orientações desses documentos com relação ao ensino e desenvolvimento da capacidade argumentativa oral e escrita nos anos finais do ensino fundamental.

Em linhas gerais, o terceiro capítulo descreve os procedimentos metodológicos adotados, destacando as características, o contexto da pesquisa, além de relatar a proposta de trabalho do projeto de ensino, a aplicação da “Rota da Argumentação”, descrevendo todas as etapas desenvolvidas.

No quarto capítulo, apresenta-se um relato de aplicação das atividades do projeto de ensino, destacando os objetivos das atividades, os procedimentos e recursos adotados e refletindo a respeito do percurso trilhado pelos participantes da pesquisa durante a aplicação da Rota da Argumentação sob uma ótica mais pessoal da professora pesquisadora.

A análise dos dados gerados pela aplicação do projeto de ensino e os resultados obtidos são apresentados no quinto capítulo, o qual é finalizado com uma seção que aponta algumas considerações a respeito dos resultados analisados.

Nas *Perspectivas de síntese*, como considerações finais, propõe-se, primeiramente, uma revisão dos objetivos delineados, visando verificar em que medida foram alcançados durante a aplicação do projeto de ensino, e, em seguida, buscou-se relacionar as conclusões possíveis após a aplicação e análise da pesquisa, pontuando aspectos relevantes que ocorreram durante o processo e propondo uma estratégia de trabalho para desenvolver a capacidade argumentativa oral e escrita dos aprendizes, por meio da Rota da Argumentação, produzida, aplicada e analisada. Além disso é retomada a questão norteadora deste trabalho, ou seja, “como promover a formação de alunos aptos a defenderem sua opinião e a argumentar, discursivamente, em diferentes situações sociais?”, assinalando em que medida a pesquisa pôde obter respostas para a questão.

Certamente, diante da amplitude do tema abordado aqui, nomeadamente “o desenvolvimento da capacidade discursiva oral e escrita dos estudantes do ensino fundamental”, sabia-se desde o início ser impossível esgotá-lo inteiramente neste trabalho, contudo buscou-se propor um modelo prático de trabalho para que também outros professores de Língua Portuguesa possam utilizar em sala de aula, mesmo

se de forma mais ou menos adaptada, e, ainda, a partir das considerações aqui apresentadas, abrir espaço para novas reflexões e novas abordagens de aspectos tão relevantes para a consolidação de práticas muito importantes relacionadas ao domínio de habilidades fundamentais para a inserção do indivíduo como cidadão consciente em nossa comunidade.

1 APARATO TEÓRICA: FUNDAMENTANDO A PESQUISA

Transitar entre o oral e o escrito, buscando potencializar a capacidade argumentativa dos alunos é o objetivo desta pesquisa. Para tanto, é importante destacar as concepções essenciais e os principais estudiosos que a fundamentam. Este capítulo é estruturado em três seções: a primeira trata das concepções de língua e de texto, a segunda apresenta os autores que fundamentaram a discussão acerca da argumentação em sala de aula e a terceira traz uma breve apresentação do uso das novas tecnologias, que se configuram como aliadas no ensino de língua, sobretudo, para o desenvolvimento da capacidade discursiva dos estudantes.

1.1 Concepções essenciais que fundamentam esta pesquisa: texto, linguagem, modalidades oral e escrita da língua

É imprescindível destacar em quais concepções de língua e de texto fundamentou-se esta pesquisa. No vasto panorama em que se encontra a questão de definir o que é texto, há uma vasta gama de posições em torno do termo, e da coisa, a partir de pontos de vista que oscilam do sentido mais amplo ao mais restrito.

Sob o ponto de vista mais amplo, o texto é entendido como uma unidade ou resultado de uma interação humana e qualquer produção linguística que tenha sentido em uma dada situação de interlocução pode ser considerada texto; além disso, para ser texto, muitas vezes, não é necessária a presença de língua escrita, muitas vezes, o texto configura-se simplesmente na fala, em imagens, cores ou gestos (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO, 2010, p. 64-65). Como exemplo disso, temos as placas de trânsito, os semáforos, uma mãe que repreende o filho apenas com um olhar, propagandas, tirinhas, charges, debates e inúmeros outros textos nos quais podemos perceber a multisssemiose, isto é, o uso de diferentes linguagens para se comunicar.

No extremo oposto, no sentido mais restrito, coloca-se o entendimento mais comum, em que se considera texto apenas a produção escrita. Essa compreensão é a que se apresenta mais comumente na escola, gerando vários inconvenientes didáticos, e por isso será aqui combatida.

Entre os dois extremos, buscando uma alternativa mais profícua para a didática da língua, considera-se que com os avanços linguísticos, discursivos, semióticos e literários mudou bastante o conceito de “texto”, que pode ser definido, hoje, como qualquer produção linguística, falada ou escrita, de qualquer tamanho, que possa fazer sentido em uma situação de comunicação humana, ou seja, em um processo de interlocução (COSTA VAL, 2004, p. 113). Essa concepção de texto como processo de interação, surgiu com a compreensão de língua como interação e não apenas como um código ou expressão do pensamento humano (GERALDI, 2012, p.41).

Bakhtin (1992) ao refletir a respeito da língua, postula que:

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. [...] A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. (BAKHTIN, 2000, p. 279).

Apoiada nessa concepção, a linguagem é concebida como lugar de interação social, em que sujeitos, por meio dela, se relacionam e se constroem. O texto, nessa perspectiva, é uma manifestação ou resultado dessas interações e a noção de texto pode ser aplicada tanto para manifestações orais como para as escritas. Falamos ou escrevemos porque desejamos estabelecer uma rede de significados destinados à transmissão de informações, a explicar, às vezes para discordar, muitas vezes para convencer; quando falamos ou escrevemos estamos querendo comunicar intenções, buscamos ser entendidos pelos nossos ouvintes ou leitores (CITELLI, 1994, p.22-23). Essa perspectiva rompe com a ideia de que o texto seria uma manifestação escrita, como muitos professores ainda entendem, e por esse motivo deixam de lado o texto oral, quando, na verdade, o texto pode se materializar tanto na modalidade escrita quanto na oral, logo, ambos devem ser objeto de ensino na escola.

A respeito dessas colocações Dolz e Schneuwvly (2004) destacam que

Os gêneros orais [...] são instrumentos ou melhor, megainstrumentos, visto que podemos considerá-los como a integração de um grande conjunto de instrumentos num todo único que fazem a mediação da atividade de linguagem comunicativa. Falta-nos ainda escolher, dentre uma enorme variedade de gêneros, aqueles que podem, e talvez mesmo devam, tornar-se objeto de ensino. Já que o papel da escola é sobretudo o de instruir, mais do que o de educar, em vez de abordarmos os gêneros da vida privada cotidiana, é preciso que nos concentremos no ensino dos gêneros da comunicação pública formal. (DOLZ, SCHNEUWLY, 2004, p. 146)

Marcuschi (2005, p. 33) destaca que é necessário valorizar a oralidade na sala de aula, levando o estudante a compreender que a produção oral, também precisa se adequar a situação comunicativa, mostrando sobretudo que existe um modelo de adequação comunicativa em que há uma relação entre o eu e o outro que interagem que se deve ter sempre em conta no ato da comunicação.

Bakhtin (1992, p.279) destaca que a língua se manifesta de duas formas, oral e escrita, em diferentes gêneros discursivos, os quais são considerados como “formas de relativamente estáveis de enunciados”. Nesse sentido, aprender a falar é aprender a estruturar enunciados e é assim que aprendemos a moldar nossa fala conforme os gêneros. Portanto, é fundamental desenvolver um ensino de língua que contemple os gêneros discursivos nas suas diversas manifestações, sejam orais, sejam escritas. Salientando que “O que constitui um gênero é a sua ligação com a situação social de interação e não as suas propriedades formais.” (RODRIGUES, 2005, p.164).

Muito raramente os gêneros orais, como objeto de ensino, são contemplados nos livros didáticos e até mesmo nos planos de cursos da língua Portuguesa,

Mesmo a linguística tendo investido prolongados anos de pesquisas sobre a importância do estudo da oralidade [...], podemos observar que a escola, de maneira geral, [...] ainda não contempla os gêneros orais como objeto de ensino-aprendizagem. Os professores comungam a ideia de que trabalhar a oralidade corresponde a um simples exercício de fala, exemplificado na forma de diálogo ou exposição espontânea. Convém explicitarmos que o fato de os alunos interagirem como falantes naturais não lhes garante uma eficiência nas produções orais, pois assim como os textos escritos, os textos falados de domínio público também são orientados por convenções formais da língua, cabendo a escola, portanto, o papel de ensiná-los. (RIBEIRO, 2009, p.19).

Sendo assim, o ideal seria que o ensino dos gêneros orais estivessem articulados aos da escrita e não estabelecidos como uma dicotomia, na qual de um lado, está o mais importante, os textos escritos e do outro, e menos importante, os textos orais. A abordagem conjunta das duas esferas implica em uma compreensão mais rica do oral, uma fundamentação mais sólida da escrita e uma maior percepção da relação complexa entre as duas modalidades.

1.2 A argumentação em sala de aula

Existem muitas críticas em relação à geração de jovens da atualidade: eles só se preocupam com futilidades, que não têm opiniões formadas, não sabem discutir, expressar opiniões, lutar por seus direitos. Geraldi (2012, p.39), afirma que “não falta quem diga que a juventude de hoje não consegue expressar seu pensamento, que estando a humanidade na ‘era da comunicação’, há incapacidade generalizada de articular um juízo”. A opinião é generalizada. Em parte, pode-se dizer que essas pontuações não estão incorretas e, de qualquer modo, não podem ser ignoradas. Sendo assim, a escola, e, mais pontualmente, as aulas de língua portuguesa, precisam ajudar na mudança desse quadro, uma vez que podem ensinar o poder da palavra, insistir no seu valor, trabalhando estratégias de argumentação, orais e escritas, desenvolvendo a competência discursiva e a competência comunicativa dos estudantes.

Mesmo que alguns linguistas vejam uma equivalência entre a competência discursiva e a comunicativa, pode-se observar uma sutil distinção das duas noções. A primeira, segundo o *Glossário Ceale*,¹ varia conforme o sentido dado ao termo “discursivo”, mas em geral pode ser entendida como a capacidade do usuário da língua, produtor ou intérprete de textos orais ou escritos, de contextualizar sua interação pela linguagem verbal (ou outras), adequando o seu produto textual ao contexto da enunciação, entendido no sentido restrito de situação imediata em que ocorre a formulação linguística do texto e, ao mesmo tempo, no sentido amplo de

1 s.v. “competência discursiva”, a autoria do verbete é de Luiz Carlos Travaglia. Disponível em: <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/competencia-discursiva>> Acesso em: 10 de janeiro de 2018.

contexto sócio-histórico e ideológico; a segunda, no mesmo *Glossário*,² refere-se à capacidade do usuário da língua de produzir e compreender textos adequados à produção de efeitos de sentido desejados em situações específicas e concretas de interação comunicativa, ou seja, é a capacidade de utilizar os enunciados da língua em situações concretas de comunicação.

A competência comunicativa envolve a competência linguística (produção de frases apropriadas ao que se quer dizer em determinada circunstância), a competência textual (capacidade do usuário de produzir, compreender, transformar e classificar textos adequados à interação comunicativa pretendida). A competência comunicativa, ultrapassando o que já trazem para o discurso a competência linguística e a textual, acrescenta um elemento relacionado a competência discursiva, na *contextualização adequada do que se diz*. Nessa pesquisa toma-se como objeto a constituição da competência comunicativa e da discursiva, tanto orais quanto escritas, com foco no desenvolvimento da capacidade argumentativa, compreendida como uma capacidade que do usuário da língua de fazer uso de recursos linguísticos, pertinentes à situação comunicativa e propícios ao propósito de persuasão pretendido.

Argumentar é uma capacidade fundamental que deve ser desenvolvida na escola, que tem entre suas principais responsabilidades a formação de cidadãos conscientes, questionadores, críticos, capazes de agir no mundo (BRASIL, 1998, p.). Refletindo a respeito desse objetivo, nota-se que há uma lacuna na busca desse alvo, uma vez que constitui um dos norteadores mais importantes da educação, mas, como já foi observado, a escola não promove espaços para discussões, debates, para expor, contrapor e formar opiniões.

Ribeiro (2009, p.17) apresenta duas concepções que contribuem para a existência dessa lacuna. Primeiro tem-se a concepção relacionada ao momento em que a argumentação costuma ser ensinada em contexto escolar, geralmente, no Ensino Médio voltado, principalmente, para a produção de textos dissertativos vinculados a vestibulares e ao Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Isso ocorre devido à compreensão de que argumentar é aprendido pelos indivíduos naturalmente, simplesmente por meio de maturação cognitiva. Para a autora, a

2 s.v. “competência comunicativa”, também de autoria de L. C. Travaglia. Disponível em: < <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/competencia-comunicativa> > Acesso em: 10 de janeiro de 2018.

argumentação pode ser desenvolvida desde as séries iniciais do Ensino Fundamental. A segunda concepção, que a autora define como equivocada, postula que a sala de aula não é um ambiente apropriado para o desenvolvimento da argumentação.

De fato, argumentamos desde a mais tenra idade. A argumentação é muito exercida no dia a dia, mas não tem o mesmo espaço dentro da escola, onde o narrar tem privilégio sobre o argumentar (KERSCH, 2014, p.51-53). A argumentação faz parte de nosso cotidiano, portanto seu desenvolvimento na escola é uma questão que precisa ser repensada, e não vista como uma competência que deva ser ensinada exclusivamente no ensino médio com vistas a avaliações externas.

É mesmo necessário que a escola se empenhe no desenvolvimento da oralidade dos alunos, visando a possibilitar-lhes [aos alunos] fluência e desembaraço na linguagem falada em instâncias públicas, inclusive na variedade padrão formal. E é preciso também proporcionar-lhes oportunidade de aprender, entre outras habilidades linguísticas, a argumentação racional, articulada e consistente, que se formula com base na reflexão sobre um tema e se exerce deliberadamente sobre determinado público. Confirmada a necessidade, é fácil concordar com a conveniência de se começar cedo esse trabalho, explorando, desde os primeiros anos escolares, a capacidade argumentativa, digamos, 'intuitiva' das crianças. (COSTA VAL; ZOZZOLI, In: RIBEIRO, 2009, p. 14).

As autoras destacam o fato de ser fundamental, desde os primeiros anos escolares, promover um ensino voltado para o desenvolvimento da capacidade de argumentação, ressaltando ser essa uma capacidade intuitiva que a criança já possui, como algo natural de um usuário da língua, a qual se manifesta já desde muito cedo, quando a criança começa a se apropriar da linguagem oral, no processo de interação com familiares e amigos e que vai se aprimorando à medida que ela cresce. Essa realidade, deve ser considerada, ou melhor, explorada, potencializada e desenvolvida na escola, desde os primeiros anos.

Ribeiro (2009) destaca que a escola evoluiu bastante, sobretudo com relação as contribuições do sociointeracionismo, mas ainda é notável que ela se limite à transmissão de conhecimentos e competências disciplinares, em sua maioria, desvinculados das práticas sociais, mas quando se pensa de forma mais ampla, visando à formação do aluno para cidadania, promovendo o pensamento crítico, o trabalho com a argumentação seria um grande e imprescindível aliado. "Para que

isso aconteça, é necessário não somente que a escola reconheça capacidades argumentativas que os alunos trazem em sua bagagem cultural, mas inclua em seus propósitos educativos o aprimoramento dessas capacidades” (RIBEIRO, 2009, p.57).

Para Amossy (2007, p.143) a argumentação é mais do que uma busca por se fazer aderir a uma tese, uma troca verbal que tenta influenciar modos de ver e de pensar. Nesse sentido, o interlocutor, no processo de argumentação, não é concebido como um sujeito a ser manipulado, mas sim, como um sujeito com o qual se compartilha uma visão de mundo.

O discurso argumentativo não se desenrola no espaço abstrato da lógica pura, mas em uma situação de comunicação em que o locutor apresenta seu ponto de vista na língua natural com todos os seus recursos, que compreendem tanto o uso de conectores ou de dêiticos, quanto a pressuposição e o implícito, as marcas de estereotipia, a ambiguidade, a polissemia, a metáfora, a repetição, o ritmo. É na espessura da língua que se forma e se transmite a argumentação, e é através de seu uso que ela se instala: a argumentação, é preciso não esquecer, não é o emprego de um raciocínio que se basta por si só, mas uma troca atual ou virtual - entre dois ou mais parceiros que pretendem influenciar um ao outro. (AMOSSY, 2011, p.132-133)

A autora também destaca o caráter dialógico da argumentação, por meio da qual um sujeito pode influenciar ou até mesmo mudar o ponto de vista de outro, tanto na modalidade oral quanto na escrita, salientando que em ambas “é preciso examinar a organização textual que determina o emprego da argumentação e a maneira como o locutor escolheu dispor os elementos de seu discurso com vistas a seu auditório” (AMOSSY, 2011, p.133).

Bakhtin (1992, p.290), ao abordar a questão da “atitude responsiva” afirma que o ouvinte que recebe e compreende a significação de um discurso adota simultaneamente, em relação a esse discurso, uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta; esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e compreensão. Para ele, a compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa: “toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, ele forçosamente a produz: o ouvinte se torna locutor”. O autor salienta que, no processo de comunicação verbal, locutor e ouvinte tem um papel ativo. O locutor espera uma resposta, não algo que duplicaria

o seu pensamento, sua visão e suas ideias no outro, mas sim uma concordância, uma adesão, uma objeção, uma execução.

Nesse sentido, Citelli (1994 p. 17-18) destaca que

[...] no fundo, estamos falando dos mecanismos básicos que regem a formação do ponto de vista. Eles decorrem de experiências que acumulamos, leituras realizadas, informações obtidas, do desenvolvimento da capacidade de compreender e, sobretudo 'traduzir' para outras pessoas aquilo que desejamos dizer. É neste processo que iremos, progressivamente, formando e reformando a visão das coisas.

Nota-se, diante dessas colocações, que o ensino de língua portuguesa, precisa dar um salto, compreendendo a argumentação não somente como mecanismos que determinam o tipo de argumento a ser utilizado ou como um conjunto de conjunções e expressões específicos que determinam sentidos. Para Koch (1993, p.110), "tanto na gramática quanto no ensino de língua materna, tem-se dado maior ênfase aos estudos dos morfemas lexicais e dos morfemas gramaticais flexionais e derivacionais". A argumentação passa por isso, porém é muito mais, são todas as escolhas do locutor ao buscar influenciar ou até mudar a opinião dos interlocutores por meio do discurso, levando-os a determinadas conclusões.

Koch (1993, p.19) defende que

A interação social por intermédio da língua caracteriza-se fundamentalmente, pela argumentatividade. Como ser dotado de razão e vontade, o homem, constantemente, avalia, julga, critica, isto é, forma juízos de valor. Por outro lado, por meio do discurso – ação verbal dotada de intencionalidade – tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que compartilhe determinadas de suas opiniões. É por razão que se pode dizer que o ato de argumentar, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões constitui um ato linguístico fundamental.

A língua é concebida nessa perspectiva como essencialmente argumentativa. O homem, por sua vez, é um ser argumentativo, a todo momento procura adesão para suas ideias, visões, opiniões utilizando a língua, a palavra para persuadir.

A vida em sociedade trouxe para os seres humanos um aprendizado extremamente importante: não se poderiam resolver todas as questões pela força, era preciso usar a palavra para persuadir os outros a fazer alguma coisa. Por isso, o aparecimento da argumentação está ligado à vida em sociedade e, principalmente, ao surgimento das primeiras democracias. (FIORIN, 2015, p.9)

O autor destaca que a sociedade é constituída de grupos, os quais possuem interesses distintos. O discurso é o meio pelo qual as vozes sociais tomam corpo, discutindo, expondo, refutando, na luta por adesão. Em consonância com tal concepção, Koch (1993, p.17) ressalta que a linguagem deve ser concebida como forma de ação, ação sobre o mundo permeada pela intencionalidade, que veicula ideologia, caracterizando-se, assim, pela argumentatividade, que nunca é neutra.

[...] ao escrevermos, lermos, recebemos, produzimos uma série de influências que passam por instâncias sociais, culturais de interesses. Assim, vivemos em permanente diálogo com os discursos circundantes. “Falamos” com outros textos, referimo-nos, de maneira mais ou menos direta, a eles. É neste vasto movimento de linguagem que buscamos elementos para sustentar nossas teses, nossos pontos de vista. (Citelli, 1994, p.56)

Zoppi-Fontana (2010, p.180) ressalta o caráter social da argumentação

[...] a argumentação está presente no nosso dia a dia, articulando nossas relações sociais tanto no âmbito cotidiano familiar e privado quanto em âmbitos mais amplos, mediados pelo espaço público e as mais diversas instituições que regulam a sociedade.

Tendo em vista que “ao invés de agir com o outro e com o mundo, o homem na verdade age sobre eles, tentando sempre influenciá-los, utilizando palavras e, por isso mesmo, imbricando nelas uma força muito mais argumentativa do que simplesmente informativa” (AZEVEDO, 2000, p.35).

Para Fiorin (2015, p.29)

[...] um discurso é sempre um discurso sobre outro discurso, todos os discursos são argumentativos, pois todos eles fazem parte de uma controvérsia, refutando, apoiando, contestando, sustentando, contradizendo um dado posicionamento. Todos os discursos são argumentativos, pois são uma reação responsiva a outro discurso.

O autor mostra que o ser humano está sempre argumentando, seja para explicar, apoiar, confrontar, questionar, reforçar, afirmar um ponto de vista. Dessa forma, é imprescindível que a escola se preocupe em atingir seu objetivo, formar alunos/cidadãos conscientes e questionadores, promovendo, assim, a formação de um ser argumentativo.

A importância do trabalho com a argumentação é enfatizado no PCN de Língua Portuguesa:

Os aspectos polêmicos inerentes aos temas sociais, por exemplo, abrem possibilidades para o trabalho com a argumentação – capacidade relevante para o exercício da cidadania – por meio da análise das formas de convencimento empregadas nos textos, da percepção da orientação argumentativa que sugerem, da identificação dos preconceitos que possam veicular no tratamento de questões sociais etc. (BRASIL, 1998, p. 41).

Nessa perspectiva, é fundamental que o ensino de língua portuguesa promova o acesso e desenvolva um trabalho voltado para análise e compreensão de textos, de discursos, de teses, e argumentos para que os estudantes possam formar e reformular seus pontos de vista, uma vez que “quanto maior for o diálogo mantido com outros discursos, mais aptos estaremos tanto para a compreensão dos argumentos alheios como para a produção dos nossos próprios” (CITELLI, 1994, p.56.).

A argumentação, para Leitão (2011, p. 16) é uma desafio para o professor, visto que

Por um lado, a observação de que crianças argumentam desde cedo toma possível trazer a argumentação para a sala de aula já a partir dos níveis mais elementares de escolaridade. Por outro, a ênfase nas necessárias transformações qualitativas de suas competências argumentativas precoces desafia professores e educadores ao planejamento de ambientes educacionais que, de fato, possibilitem o desenvolvimento de competências argumentativas sem as quais não se podem formar indivíduos críticos.

Scheneuwly e Dolz (2004) defendem que, na sala de aula, o debate é um ótimo gênero para fomentar o desenvolvimento dessas competências. Uma vez que é “um instrumento de aprofundamento dos conhecimentos, de exploração de campos de opiniões controversas, de desenvolvimento de novas ideias e de novos argumentos, de construção de novas significações, de apreensão dos outros e de transformação de atitudes, valores e de normas” (SCHENEUWLY; DOLZ, 2004, p.72). Os autores apresentam três modelos de debates que podem ser desenvolvidos em sala de aula, a saber, o debate de opinião com fundo controverso, em que várias opiniões a respeito de um tema são apresentadas; o debate para deliberação, no qual tem-se uma argumentação para tomada de decisões e o debate para resolução de problemas.

Para Correa (2014, p. 178), “o debate permite expor livremente nossas ideias, mas também exige que saibamos respeitar as opiniões dos outros, sendo uma experiência enriquecedora para a sala de aula, pois além do desenvolvimento da linguagem oral é um exercício de cidadania”. O autor destaca o uso do debate como prática de ensino para o desenvolvimento da cidadania, uma vez que durante sua execução é preciso desenvolver a escuta, a análise crítica e a defesa de um ponto de vista, capacidades fundamentais para o exercício efetivo da cidadania, que é o objetivo primordial da escola.

Conforme Bakhtin (1992, p.309), “as palavras não são de ninguém e não comportam um juízo de valor. Estão a serviço de qualquer locutor e de qualquer juízo de valor, que podem mesmo ser totalmente diferentes, até mesmo contrários”. Em um debate, os estudantes podem vivenciar esse aspecto da palavra, a qual agrega opiniões que muitas vezes são controversas. A controvérsia é entendida como confronto de opiniões distintas acerca de uma ação, de uma idéia, de um fato, como discussões polêmicas a respeito de um determinado tema sobre o qual muitos indivíduos divergem, assumindo uma ideia de jogo, no qual se desenvolve uma disputa intelectual.

Cristovão, Durão e Nascimento (2003), ao tratarem da utilização do debate como prática em sala de aula, relatam que são inúmeros os conhecimentos que podem ser desenvolvidos por meio dessa prática, como a

[...] distinção entre opinião e argumento; a identificação de uma refutação; estratégias discursivas sobre sustentação de opinião; a identificação de 'zonas' mais perigosas para o surgimento de conflitos; a modalização dos enunciados; os comportamentos discursivos desencadeadores de ameaça à face; os pontos de quebra das regras conversacionais; a responsabilidade enunciativa (de quem é a voz que 'fala' em certas passagens); a força de certos argumentos; a coerência argumentativa; a coesão verbal e nominal nas sequências narrativas e argumentativas; a fragmentação e desorganização aparente do texto falado; a transposição do texto falado para o escrito etc. (CRISTOVÃO; DURÃO; NASCIMENTO, 2003, p.1440).

Promover o debate como atividade em sala de aula é uma excelente forma de desenvolver a capacidade discursiva dos alunos, uma vez que coloca em evidência vários aspectos da língua, inclusive a transposição e articulação entre o texto oral e o escrito.

Amossy (2007, p. 122) ao destacar a questão dialógica do discurso, destaca que

[...] o discurso comporta como qualidade intrínseca a capacidade de agir sobre o outro, de influenciá-lo. Sem dúvida, é preciso manter a distinção entre a estratégia de persuasão programada e a tendência de todo discurso de orientar as maneiras de ver do(s) interlocutor(es). No primeiro caso, o discurso manifesta uma orientação argumentativa: o discurso eleitoral ou a publicidade constituem exemplos flagrantes disso. No segundo caso, ele comporta simplesmente uma dimensão argumentativa [...] assim acontece com o artigo informativo que preza por sua neutralidade, a conversa coloquial ou o texto ficcional. Mas a argumentação, presente ela ou não uma vontade manifesta de conduzir à aprovação, é sempre parte integrante do discurso em situação.

O gênero discursivo debate enquadra-se no primeiro caso em que o discurso manifesta uma orientação argumentativa, desenvolvendo estratégias de persuasão programada, em que se busca influenciar o outro. Fiorin (2015) destaca inúmeras técnicas argumentativas dentre elas, o uso de exemplos, ilustrações, perguntas, causas, comparações, provas, dentre outras, que devem ser tomadas como estratégias para se desenvolver a argumentação.

1.3 Potencializando a capacidade discursiva por meio do uso de tecnologias em sala de aula

É importante ressaltar que os professores contam hoje com ótimas ferramentas tecnológicas para o ensino de Língua Portuguesa e o desenvolvimento da capacidade de argumentação em sala de aula. Isso não pode ser ignorado, pois

Crianças e adolescentes lidam diariamente com a tecnologia, usando dispositivos tecnológicos em benefício próprio, mantêm relações de amizades e afetivo amorosas com apoio da mídia virtual, usam as redes para criticarem algo, se organizarem em grupos, defenderem uma ideia ou simplesmente para fins de deleite. Cabe, portanto, à escola prepará-los para poderem se portar diante dessa gama de textos que lhes é posta, assumindo, de fato, a postura interpretativa e interativa de modo consciente e crítico. (ROCHA, 2015, p.142).

Não se pode ignorar o fato de os estudantes da atualidade viverem na era da tecnologia, com a qual demonstram muita habilidade e interesse, no entanto, o uso dessas possibilidades ainda assusta muitos professores, que preferem não ter que envolvê-las em sua prática educativa, alguns por acharem que não estão capacitados, outros por não saírem do lugar de conforto, e ainda, há o problema de, muitas vezes, não terem na escola o acesso a essas novas tecnologias, fato que, infelizmente, é realidade em muitas instituições de ensino brasileiras.

Refletindo a respeito do letramento digital, Marcuschi (2004, p.13) salienta a extrema versatilidade dos ambientes virtuais que, hoje, competem em importância com outras atividades comunicativas; podendo-se dizer que a internet é um espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo, devendo ser utilizada na escola a favor do ensino. Por sua vez, Coscarelli (2005, p.32) mostra a importância da informática no contexto escolar, uma vez que ela dá aos estudantes acesso a um recurso que faz parte de suas vidas no mundo contemporâneo, e é algo que neles desperta interesse e prazer.

Não favorecendo esse acesso à informática e não a transformando em aliada para a educação, sobretudo das camadas populares, a escola estará contribuindo para mais uma forma de exclusão de seus alunos, lembrando que isso vai excluí-los de muitas outras instâncias da sociedade contemporânea que exige de seus cidadãos um grau de letramento cada vez maior. (COSCARELLI, 2005, p. 32).

O letramento digital³ é defendido pela autora como um aspecto fundamental a ser trabalhado na escola, visto que é por meio dele que o aluno será capacitado para se incluir em diversos setores da sociedade contemporânea, inclusive no mercado de trabalho, que a cada dia vem se mais tornando mais tecnológico, exigindo dos cidadãos esse letramento, do qual a escola deve ser a principal agente.

A autora destaca que “a informática não vai tomar o lugar do professor nem vai fazer mágica na educação” (2005, p. 25). Na verdade, a tecnologia pode ser uma aliada no processo ensino e aprendizagem, instigando a pesquisa por parte de professores e alunos, tornando esse processo mais ativo e participativo, potencializando a capacidade discursiva dos alunos, uma vez que por meio de sites, redes sociais e blogs os alunos têm acesso a inúmeras informações, discursos, textos e linguagens. Cabe ao professor tomá-la como aliada nesse processo, inclusive para promover a formação de um indivíduo crítico, questionador e consciente, que é um dos objetivos mais importantes não apenas do ensino de Língua Portuguesa.

3 O termo “letramento digital” corresponde, segundo Buzato (2006, p.16, apud REZENDE, 2016, p. 101), a redes de letramentos (práticas sociais) que se apoiam, entrelaçam, e apropriam mútua e continuamente por meio de dispositivos digitais (computadores, celulares, aparelhos de TV digital, entre outros) para finalidades específicas, tanto em contextos socioculturais limitados fisicamente, quanto naqueles denominados online, construídos pela interação social mediada eletronicamente. Disponível em: <www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivre/article/download/10266/9615>. Acesso em: 19 de Dez. de 2017.

2 A PROPOSTA DE TRABALHO COM A ARGUMENTAÇÃO NA ESTRUTURA CURRICULAR DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

A educação, garantida como direito pela Constituição Federal a todo brasileiro, tem como objetivo a formação de cidadãos, promovendo o acesso ao exercício pleno da cidadania e garantindo o acesso a direitos sociais, políticos, econômicos e culturais. A Política Nacional da Educação Básica Brasileira na atualidade é integrada pela Constituição Federal, LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), Política Curricular Nacional, Diretrizes Curriculares e pela Base Nacional Curricular Comum, que veio substituir os Parâmetros Curriculares Nacionais, ambos visam nortear os professores, coordenadores, diretores no que diz respeito aos aspectos fundamentais concernentes ao ensino de cada disciplina.

Nesse capítulo serão apresentados, primeiramente, os Parâmetros Curriculares Nacionais, publicados em 1998, e a Base Nacional Comum Curricular, cuja versão preliminar foi lançada em 2016 e a versão final em 2017, salientando o que referem a respeito do ensino da argumentação e do desenvolvimento da capacidade discursiva oral e escrita nos anos finais do ensino fundamental, mais especificamente para o 8º ano. Em seguida, serão apresentadas visões e discussões a respeito desses documentos, destacando as contribuições de Rojo (2000) e Geraldi (2015), que apresentam análises sobre a implementação prática desses documentos no contexto educacional brasileiro.

É importante destacar que as pontuações abordadas nesse capítulo contribuem para justificar e sustentar o objetivo e a proposta de trabalho dessa pesquisa que é a de “elaborar e executar um projeto de ensino cujas atividades potencializem a capacidade discursiva oral dos alunos, articulando-a ao desenvolvimento da capacidade discursiva escrita desses aprendizes”, buscando transpor para a sala de aula o que esses documentos norteadores postulam.

2.1 Capacidade discursiva oral e escrita: a abordagem dos PCNs e da BNCC

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) do terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental de língua portuguesa foram publicados em 1998, tendo como

proposta promover uma transformação no sistema educacional brasileiro, buscando favorecer ao aluno o acesso a conhecimentos necessários ao exercício da cidadania.

Em suas páginas iniciais, os PCNs indicam como objetivos primordiais para o ensino de língua portuguesa conduzir o aprendiz a

[...] posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas; [...] questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação. (BRASIL, 1998, p.7-8).

Observando esses objetivos nota-se uma preocupação com a formação de jovens capazes de analisar criticamente, questionar, buscar soluções, de transformar, tomar decisões e se posicionar de forma crítica diante das diversas situações sociais. Objetivo semelhante se encontra na Base Comum Curricular Nacional (BNCC):⁴ “Formular questionamentos, argumentar e posicionar-se diante de situações que envolvam as dimensões éticas, estéticas e políticas, mobilizando conhecimentos das linguagens” (BRASIL, 2016, p.327).

Para atingir a esses objetivos, é imprescindível um ensino que desenvolva a capacidade discursiva tanto oral quanto escrita dos estudantes. Com relação ao desenvolvimento dessa capacidade é importante destacar, primeiramente, o que os PCNs postulam com relação ao ambiente sala de aula.

A escola deve assumir o compromisso de procurar garantir que a sala de aula seja um espaço onde cada sujeito tenha o direito à palavra reconhecido como legítimo, e essa palavra encontre ressonância no discurso do outro. Trata-se de instaurar um espaço de reflexão em que seja possibilitado o contato efetivo de diferentes opiniões, onde a divergência seja explicitada e o conflito possa emergir; um espaço em que o diferente não seja nem melhor nem pior, mas apenas diferente, e que, por isso mesmo, precise ser considerado pelas possibilidades de reinterpretação do real que apresenta; um espaço em que seja possível compreender a diferença como constitutiva dos sujeitos. (BRASIL, 1998, p.48).

4 É o documento que atualmente norteia a Política Nacional da Educação Básica e propõe uma referência nacional para formulação de currículos.

Fica claro que é fundamental o papel do professor como mediador nesse ambiente de interação, que é a sala de aula, visto que ele irá planejar e organizar ações que possibilitem a aprendizagem nesse ambiente propício.

No que tange ao desenvolvimento da capacidade discursiva oral os PCNs ressaltam que

[...] cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realização de entrevistas, debates, seminários, apresentações teatrais etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois é descabido treinar um nível mais formal da fala, tomado como mais apropriado para todas as situações. A aprendizagem de procedimentos apropriados de fala e de escuta, em contextos públicos, dificilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la. (BRASIL, 1998, p. 25).

Já com relação a capacidade discursiva escrita, salientam, em relação ao aluno, que:

[...] a possibilidade de que venha a construir uma representação do que seja a escrita só estará colocada se as atividades escolares lhe oferecerem uma rica convivência com a diversidade de textos que caracterizam as práticas sociais.[...] A seleção de textos deve privilegiar textos de gêneros que aparecem com maior frequência na realidade social e no universo escolar, tais como notícias, editoriais, cartas argumentativas, artigos de divulgação científica, verbetes enciclopédicos, contos, romances, entre outros. (BRASIL, 1998, p.25-26).

Visando atingir os objetivos propostos, os PCNs também propõem o estudo de gêneros textuais orais e escritos específicos, agrupando-os em três esferas: literária, de imprensa, de divulgação científica. A tabela a seguir permite visualizar quais são os gêneros indicados.

GÊNEROS SUGERIDOS PARA A PRÁTICA DE PRODUÇÃO DE TEXTOS ORAIS E ESCRITOS NOS PCNs			
LINGUAGEM ORAL		LINGUAGEM ESCRITA	
LITERÁRIOS	• Canção • textos dramáticos	LITERÁRIOS	• crônica • conto • poema
DE IMPRENSA	• notícia • entrevista • debate • depoimento	DE IMPRENSA	• notícia • artigo • carta do leitor • entrevista
DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	• exposição • seminário • debate	DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	• relatório de experiências • esquema e resumo de artigos ou verbetes de enciclopédia

Quadro 1: GÊNEROS SUGERIDOS PARA A PRÁTICA DE PRODUÇÃO DE TEXTOS ORAIS E ESCRITOS nos PCNs. Fonte: BRASIL, 1998, p. 54.

De acordo com os PCNs é função da escola dar acesso aos alunos a textos de diferentes tipos e gêneros, privilegiando aqueles circulam na sociedade e, muitas vezes, não fazem parte da realidade social do aprendiz. É importante destacar que há uma clara proposta de se desenvolver um trabalho efetivo com os textos de natureza argumentativa, tanto na modalidade oral quanto na escrita. Nessa mesma perspectiva, analisando a BNCC, que vem como proposta para substituir os PCNs, nota-se que essas indicações, no que tange ao desenvolvimento da capacidade discursiva oral e escrita nos anos finais do ensino fundamental, seguem a mesma linha dos PCNs. O documento propõe que o ensino de língua portuguesa seja dividido em quatro eixos, leitura, escrita, oralidade/sinalização e conhecimentos sobre língua e sobre a norma, com quatro campos de atuação: vida cotidiana, literário, político-cidadão e investigativo.

Merece destaque o campo de atuação denominado político-cidadão, o qual propõe um ensino voltado para práticas que promovam a participação dos alunos em situações de produção escrita e oral, sobretudo de textos das esferas jornalística, política, publicitária, jurídica e reivindicatória, contemplando temas que contribuam para o exercício da cidadania e do direito (BRASIL, 2016).

Aprofunda-se, nessa etapa, o tratamento dos gêneros que circulam na esfera pública no campo das práticas político cidadãs. Nesse campo, os objetivos se voltam para os gêneros jornalísticos, como foco em estratégias linguístico discursivas voltadas para a argumentação. (BRASIL, 2016, p. 328,2016).

A BNCC propõe, de forma clara, um trabalho efetivo com a argumentação, tanto na modalidade oral quanto na modalidade escrita da língua, demonstrando uma preocupação em se desenvolver a capacidade discursiva dos educandos. Isso pode ser constatado na tabela dos eixos e campos de atuação correspondente ao 8º ano do ensino fundamental, na qual se determinam os objetivos de aprendizagem de língua portuguesa. Para o desenvolvimento da capacidade discursiva oral postula-se como objetivos de aprendizagem

Identificar e analisar os posicionamentos defendidos e refutados na escuta de gêneros como a entrevista, debate televisivo, debate em redes sociais dentre outros.

Construir argumentos e contra-argumentos coerentes respeitando os turnos de fala, na participação em debates sobre temas controversos e e/ou polêmicos do repertório do aluno. (BRASIL, 2016, p. 363),

Seguindo essa mesma perspectiva, propõe-se para o desenvolvimento da capacidade discursiva escrita os seguintes objetivos:

Utilizar argumentos e contra argumentos que apontem com clareza a direção argumentativa que se quer defender em um artigo de opinião.

Empregar elementos de coesão que marquem relações de oposição, contraste, exemplificação, ênfase, coerentes com o posicionamento sobre o tema.

Conjugar elementos verbais e visuais exercitando a capacidade de concisão da linguagem, na produção de texto publicitário, por exemplo, uma campanha educativa. (BRASIL, 2016, p.355).

De acordo com esses objetivos, percebe-se que todos os gêneros textuais, orais e escritos, propostos são de natureza argumentativa: fóruns, enquetes, depoimentos, comentários, debates, cartas de leitor, artigo de opinião, charge, propaganda, panfletos, podcast e outros. Sabendo da grande importância de se desenvolver um trabalho voltado para argumentação, a BNCC propõe, dentro dos eixos escrita e oralidade/sinalização, um campo de atuação específico para se

determinar esse trabalho, denominado “político cidadão”, no qual se contempla temas que causam impacto na cidadania e no exercício de direito.

Nota-se que na BNCC há também um direcionamento para o ensino de língua portuguesa que contemple os gêneros virtuais, que fazem parte da realidade social contemporânea, determinando como objetivo de aprendizagem “escrever cartas, e-mails, posts para redes sociais ou blogs em situações/interlocuções mais formais” (BRASIL, 2016, p.351).

Diante das colocações a respeito desses dois documentos, PCNs e BNCC, responsáveis por orientar o ensino de língua portuguesa, em particular, nos anos finais do ensino fundamental, percebe-se que buscam desenvolver um ensino voltado para uma concepção de linguagem como prática social, contemplando, assim, o objetivo primordial da educação, formar cidadãos.

Para a construção da Rota Didática aqui proposta, foram observadas, muito de perto, a normativa presente na Base Nacional Comum Curricular. A BNCC prescreve em sua versão final, lançada em 2017, já desde o início do Ensino Fundamental, a apresentação de conteúdos relativos à argumentação. Para o ensino fundamental, assume, em linhas gerais, dois objetivos importantes concernentes à prática da argumentação: primeiro (no elenco o nº. 3) a utilização de diferentes linguagens para se produzir e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos e produzir sentidos que levem à resolução de conflitos e à cooperação, e segundo (o nº. 4), a utilização de diferentes linguagens para defender pontos de vista, para uma atuação consciente frente a questões do mundo contemporâneo (BRASIL, 2017, p. 63). No detalhamento dos conteúdos e objetivos, já a partir do terceiro ano do Ensino Fundamental, delineiam-se aspectos específicos relacionados à argumentação:

(EF03LP19) Identificar e discutir o propósito do uso de recursos de persuasão (cores, imagens, escolha de palavras, jogo de palavras, tamanho de letras) em textos publicitários e de propaganda, como elementos de convencimento.

(EF35LP15) Opinar e defender ponto de vista sobre tema polêmico relacionado a situações vivenciadas na escola e/ou na comunidade, utilizando registro formal e estrutura adequada à argumentação, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto (BRASIL, 2017, p.123).

Para o ensino fundamental, do 6º ao 9º ano, os objetivos concernentes à argumentação tornam-se mais explícitos:

(EF69LP15) Apresentar argumentos e contra-argumentos coerentes, respeitando os turnos de fala, na participação em discussões sobre temas controversos e/ou polêmicos. (BRASIL, 2017, p.143).

(EF69LP19) Analisar, em gêneros orais que envolvam argumentação, os efeitos de sentido de elementos típicos da modalidade falada, como a pausa, a entonação, o ritmo, a gestualidade e expressão facial, as hesitações etc. (BRASIL, 2017, p.143).

(EF69LP25) Posicionar-se de forma consistente e sustentada em uma discussão, assembleia, reuniões de colegiados da escola, de agremiações e outras situações de apresentação de propostas e defesas de opiniões, respeitando as opiniões contrárias e propostas alternativas e fundamentando seus posicionamentos, no tempo de fala previsto, valendo-se de sínteses e propostas claras e justificadas. (BRASIL, 2017, p.147).

(EF67LP05) Identificar e avaliar teses/opiniões/posicionamentos explícitos e argumentos em textos argumentativos (carta de leitor, comentário, artigo de opinião, resenha crítica etc.), manifestando concordância ou discordância.

(EF67LP07) Identificar o uso de recursos persuasivos em textos argumentativos diversos (como a elaboração do título, escolhas lexicais, construções metafóricas, a explicitação ou a ocultação de fontes de informação) e perceber seus efeitos de sentido. (BRASIL, 2017, p.161).

(EF89LP10) Planejar artigos de opinião, tendo em vista as condições de produção do texto – objetivo, leitores/espectadores, veículos e mídia de circulação etc. –, a partir da escolha do tema ou questão a ser discutido(a), da relevância para a turma, escola ou comunidade, do levantamento de dados e informações sobre a questão, de argumentos relacionados a diferentes posicionamentos em jogo, da definição – o que pode envolver consultas a fontes diversas, entrevistas com especialistas, análise de textos, organização esquemática das informações e argumentos – dos (tipos de) argumentos e estratégias que pretende utilizar para convencer os leitores. (BRASIL, 2017, p.177).

(EF89LP15) Utilizar, nos debates, operadores argumentativos que marcam a defesa de ideia e de diálogo com a tese do outro: *concordo, discordo, concordo parcialmente, do meu ponto de vista, na perspectiva aqui assumida* etc. (BRASIL, 2017, p.179).

(EF89LP23) Analisar, em textos argumentativos, reivindicatórios e propositivos, os movimentos argumentativos utilizados (sustentação, refutação e negociação), avaliando a força dos argumentos utilizados. (BRASIL, 2017, p. 183).

Especificamente, para o 8º. ano, a BNCC apresenta como objetivo específico:

(EF08LP03) Produzir artigos de opinião, tendo em vista o contexto de produção dado, a defesa de um ponto de vista, utilizando argumentos e contra-argumentos e articuladores de coesão que marquem relações de oposição, contraste, exemplificação, ênfase. (BRASIL, 2016, p.177).

Por meio dos excertos nota-se que a BNCC trouxe de forma detalhada uma necessidade de se desenvolver a capacidade argumentativa dos alunos começando

nos anos iniciais, passando pelo ensino fundamental e chegando ao ensino médio. Tudo isso que demonstra uma grande aplicabilidade, embasamento e relevância da proposta dessa pesquisa.

2.2 Discussão em torno dos PCNS e da BNCC

Muitas são as discussões em torno da importância e aplicabilidade dos PCNs e, mais recentemente, da BNCC. Aqui destaca-se os estudos de Rojo (2000) e Gerladi (2015) que trazem contribuições, permitindo analisar e compreender melhor o valor desses documentos para a prática efetiva de ensino de Língua Portuguesa.

Para Rojo (2000, p. 10), os PCNs relativos ao ensino fundamental representam um avanço considerável na política educacional brasileira, particularmente no que concerne à Língua Portuguesa, nas políticas linguísticas contra o iletrismo e em favor de uma cidadania crítica e consciente. A autora ressalta que os PCNs são diretrizes que norteiam os currículos e os conteúdos a serem ministrados em cada ano escolar, de maneira a garantir a todos os estudantes o acesso a uma educação básica comum. Isso é um avanço, observando-se a diversidade cultural, regional e política do país. Para colocá-los em prática, é necessário um esforço por parte dos educadores para realizar uma transposição didática, trazendo seus princípios para a prática educativa.

Além de Rojo (2000), também Geraldi (2015) ressalta alguns aspectos relevantes defendidos pelos PCNs e pela BNCC. O primeiro deles é a concepção de “linguagem” adotada pelos dois documentos, que demonstra um avanço com relação aos estudos de linguagem na escola, visto que assumem uma visão enunciativa advinda, sobretudo, dos estudos de Bakhtin, em que o sujeito, por meio da linguagem, pode agir e interagir com o mundo.

Na área de linguagens, a BNCC mantém coerência com os PCN, de que é uma extensão. Desde a publicação desses parâmetros, assumimos oficialmente uma concepção de linguagem: uma forma de ação e interação no mundo. [...] uma concepção de sujeito como constituído pelas práticas de linguagem. [...] Há um segundo princípio assumido, este não mais relativo às concepções fundantes, mas ao objeto e à forma de trabalho escolar com a linguagem: trata-se de elevar as práticas de linguagem à posição de objeto e ao mesmo tempo de forma pela qual a aprendizagem de recursos expressivos a serem mobilizados se dará. Isso significa um grande avanço, já apontado nos PCN. (GERALDI, 2015, p.384-385).

Outro aspecto relevante, pontuado pelos autores, é o lugar dado ao texto e aos gêneros. O texto passa a ter um lugar de destaque no ensino de língua portuguesa, sendo concebido como unidade de ensino, manifestado por meio de gêneros textuais. Nos PCNs, conforme Rojo (2000, p. 12),

Os conteúdos indicados para as práticas do eixo do uso da linguagem são eminentemente enunciativos e envolvem aspectos como: a historicidade da linguagem e da língua, aspectos do contexto de produção dos enunciados em leitura/escuta e produção e textos orais e escritos; as implicações do contexto de produção na organização dos discursos (gênero e suporte) e as implicações do contexto de produção no processo de significação. Logo, neste universo, o texto é visto como unidade de ensino e os gêneros como objeto de ensino.

No que se refere ao lugar dos gêneros textuais na BNCC, Geraldi (2015, p. 306) pontua que:

Uma leitura dos objetivos de aprendizagem, apresentados na forma de quadros, ano a ano do ensino básico (inicial, fundamental e médio) mostrará que, no interior de cada uma das práticas anteriormente referidas, foram selecionadas diferentes ações a serem executadas tendo por material concreto diferentes gêneros dos respectivos campos de atuação. A progressão se dará tanto no aprofundamento das formas de mobilização dos diferentes recursos no interior de cada um dos gêneros quanto na ampliação desses gêneros, indo daqueles mais próximos às faixas etárias dos alunos àqueles mais distantes na medida em que vão galgando os graus de escolaridade, objetivando ampliar os campos de atuação de que participariam.

De acordo com o autor, fica claro nos objetivos de aprendizagem definidos pela BNCC que os gêneros textuais tomam um lugar de objeto de ensino, havendo uma progressão e ampliação dos textos estudados a cada ano, possibilitando ao aprendiz o contato com uma diversidade de gêneros que circulam na realidade, inclusive, os mais distantes de seu conhecimento, ampliando, assim sua participação na sociedade. O autor também destaca que a BNCC traz uma avanço com relação aos PCNs no que diz respeito a especificação das práticas de linguagem em diferentes campos de atuação, o que facilita a sua compreensão:

Numa avaliação geral da BNCC na área de Língua Portuguesa, podemos dizer que temos uma manutenção das concepções de linguagem e de subjetividade já assumidas em meados da década de 1990 pelos PCN. Aqui, há um avanço na especificação das diferentes práticas de linguagem em diferentes campos de atuação, o que tornará mais palatáveis e compreensíveis os PCNs. (GERALDI, 2015, P.392).

Todos esses aspectos apontados por Geraldi (2015), em sua avaliação a respeito da BNCC, são pertinentes, porém também indica que existem pontos a serem revistos. Segundo o autor (GERALDI, 2015, p.392), há um excesso de indicação de gêneros textuais, que, muitas vezes, não são efetivamente vivenciados pelos estudantes, tornando-se apenas um simulacro, uma imitação, devido à exigência de um número exorbitante de gêneros que anula o ponto de partida teórico da interação que define o fenômeno da linguagem. Ainda a respeito da proposta de trabalho como os gêneros, o autor destaca que há uma ausência dos textos que fazem parte do cotidiano escolar e são específicos do trabalho do aprendiz enquanto estudante, como os resumos de textos científicos, sinopses de texto variados e anotações que podem ser feitas durante debates, leitura, entrevistas, palestras. Além disso, pontua que a BNCC, assim, como os PCNs, são documentos que deveriam surgir de baixo para cima, da escola, do espaço real de ensino e aprendizagem.

Nessa mesma perspectiva, Rojo ressalta que apesar de considerar os PCNs como uma avanço, há que se refletir a respeito de algumas implicações no que diz respeito a sua implementação.

A construção dos próprios currículos para o ensino fundamental, adequados às necessidades e características culturais e políticas regionais, deverá ser feita pelos órgãos educacionais de estado e municípios e pelas próprias escolas, com base na reflexão fomentada por estes referenciais, pautados essencialmente no processo de construção da cidadania. Se isso se apresenta como uma qualidade inovadora dos PCNs, se comparados a outros documentos oficiais já elaborados no território nacional, por outro lado, isso implica um grande esforço de reflexão para a transposição didática destes princípios e referenciais às práticas educativas em sala de aula. E este esforço envolve não somente a construção de currículos plurais adequados a realidades locais, como também a elaboração de materiais didáticos que viabilizem a implementação destes currículos. Ambas as ações envolvem diretamente a formação inicial e continuada de professores e educadores. (ROJO, 2000, p.10-11).

Segundo a autora cabe ao estado, ao município e a escola uma reflexão a respeito dos PCNs e, levando em conta cada um o seu contexto, produzir currículos adequados a sua realidade. Isso demanda trabalho, sobretudo dos professores, pedagogos e diretores, daí a importância de uma boa formação profissional, inicial e continuada, que os capacite a fazer a transposição didática dos PCNS, e hoje, da BNCC, para a sala de aula, a fim de que possam cumprir o papel que vieram realizar, isto é, garantir aos estudantes o exercício da cidadania.

3 PROPOSTA DE TRABALHO: ASPECTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo propõe-se apresentar as estratégias metodológicas utilizadas na fundamentação e desenvolvimento da pesquisa, estando estruturado em duas seções. Na primeira, descreve-se a caracterização da pesquisa, bem como seu contexto e seus participantes. Em seguida, apresenta-se a proposta de trabalho desenvolvida e todos os procedimentos e etapas de aplicação do projeto de ensino, intitulado “Rota da Argumentação”, com as propostas de atividades direcionadas à potencialização da capacidade discursiva oral e escrita de alunos do 8º ano do ensino fundamental.

3.1 Contextualização da pesquisa

A pesquisa proposta consistiu em um estudo de intervenção, de natureza qualitativa, que a professora pesquisadora propõe analisar e interpretar, avaliando todo o processo que será percorrido durante o seu desenvolvimento. Esse processo de investigação é constituído pelo esforço de elaborar conhecimentos a respeito da realidade, buscando soluções para problemas que se manifestam. A observação é um dos instrumentos básicos desse processo, exigindo que o investigador esteja em contato direto com a realidade, daí a importância de registrar de forma mais pontual possível todos os dados gerados, para realizar uma investigação objetiva (LUDKE E ANDRÉ, 1986).

O estudo qualitativo foi adotado porque “se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada” (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p. 18). É importante destacar as cinco características definidas por Bogdan e Biklen (1982 apud LUDKE; ANDRÉ, 1986, p.11-13) que determinam uma pesquisa qualitativa em educação: o ambiente natural é sua fonte principal de dados e seu instrumento principal é o pesquisador, há um contato direto dele com o ambiente e a situação ou problema investigado; os dados são descritivos, uma vez que envolvem situações, acontecimentos, descrições de pessoas; a preocupação centra-se mais no processo do que no produto, pois o objetivo do pesquisador é analisar como um problema se

manifesta nas interações do cotidiano; o foco do pesquisador está no significado que os indivíduos dão às coisas e a sua vida, por isso, ele tenta captar como os indivíduos concebem a questão que se analisa; por último, a análise dos dados segue um processo indutivo, visto que a preocupação não está em buscar evidências comprobatórias de hipóteses levantadas *a priori*, mas sim analisar todos os dados, seguindo uma linha de baixo para cima. Esses aspectos foram fundamentais no desenvolvimento da pesquisa proposta, uma vez que ela ocorreu em um contexto escolar, nas interações cotidianas vivenciadas nesse ambiente.

Geraldi (2013), ao refletir a respeito das práticas docentes de ensino de Língua Portuguesa nas escolas brasileiras, destaca a importância de o professor assumir uma postura de reflexão diante do conhecimento.

A aventura intelectual a que se convidam professores e alunos nada tem a ver com espontaneísmo. É possível planejar esta aventura, estabelecer objetivos bastante claros, mas fundamentalmente não é pela sistematização de conhecimentos já produzidos por outrem que se forma uma atitude de pesquisa. Mais facilmente esta sistematização produz sujeitos que repetem e não sujeitos que buscam construir seus próprios pensamentos. A busca do já produzido não faz sentido quando a reflexão que a sustenta é sonegada a quem aprende. Esta busca deve ser resultado de perguntas e de reflexões, e não de mero conhecimento do conhecido. (GERALDI, 2013, p. 220).

Assumir uma postura de professor-pesquisador, que se propõe refletir sobre a sua efetiva ação pedagógica e a promover uma aventura intelectual é a proposta desta pesquisa, trilhando um caminho de busca de respostas por meio da pesquisa qualitativa, cujo o foco se prende a um contexto real, nesse caso, o ambiente escolar, no qual se configura inúmeras relações de interação entre sujeitos em busca da construção do conhecimento, as quais ocorrem por meio da linguagem. Nessa perspectiva, Bortoni-Ricardo (2008, p.48) destaca que “uma grande vantagem do trabalho do pesquisador é que ele resulta em uma “teoria prática”, ou seja, em conhecimento que pode influenciar as ações práticas do professor, permitindo uma operacionalização do processo ação-reflexão-ação”.

Ainda conforme a autora (2008, p.32), “as escolas, e especialmente as sala de aula, provaram ser espaços privilegiados para a condução de pesquisa qualitativa, que se constrói com base no interpretativismo.” Dessa forma, o ambiente

de realização dessa pesquisa se deu no Colégio Tiradentes, da Polícia Militar de Minas Gerais, situado no município de Betim há 14 anos. A escola possui um total de 32 turmas divididas em dois turnos, matutino e vespertino, oferecendo vagas para o ensino fundamental 1 e 2 e ensino médio. A instituição conta com uma boa estrutura, com uma biblioteca ampla, que conta com um espaço multimídia com televisão, data show e internet, e uma sala de informática também com internet, além de vários aparelhos de projeção e *note books* que os professores podem utilizar em sala de aula. Com relação a grade curricular, a instituição possui a sua própria matriz, intitulada como Plano de Curso Anual, elaborado recentemente, o qual, conforme destacado pela sua diretoria de ensino, segue as orientações dos PCNs e da BNCC.

Os sujeitos participantes dessa pesquisa são aprendizes de uma turma de 8º ano do ensino fundamental, com aproximadamente 35 alunos, com idades entre 12 e 13 anos. Os estudantes do colégio são, na grande maioria, filhos e netos de militares, há também alguns filhos de funcionários e outros “civis”, que participam de um sorteio quando há vagas excedentes. A cidade possui apenas uma unidade do colégio, por isso torna-se difícil conseguir uma vaga, mesmo sendo filho de militar. A instituição preza pelo ensino de qualidade e disciplina, tendo como lema a “formação de cidadãos para o futuro”.

A professora pesquisadora faz parte do quadro de professores efetivos do colégio desde 2013 e atualmente leciona as disciplinas de Língua Portuguesa em turmas do 1º ano e Redação para o 3º ano do ensino médio. Porém já lecionou, no ano de 2016, para a turma participante da pesquisa, na época ainda estudantes do 7º ano do ensino fundamental. Em 2017 retornou a turma para o desenvolvimento do trabalho. Para tanto, os alunos e os seus responsáveis assinaram os Termos de Consentimento e Assentimento Livre e Esclarecido (TCLE, TALE) e o Termo de Autorização de Uso de Imagem e Voz, aprovados pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Minas Gerais e pelo Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).⁵

Com relação aos instrumentos necessários para a execução da pesquisa, além da assinatura dos termos já mencionados, foram utilizados o diário reflexivo do pesquisador e gravador de áudio para registrar os dados gerados. Para produção e reprodução dos dados utilizou-se projetor, vídeos e imagens retirados do *You Tube*,

5 Conferir apêndice 1, 2 e 3 nas páginas 91 a 95.

artigos de opinião retirados de revistas e de jornais virtuais, listas de constatações de gêneros produzidas pela professora pesquisadora, sala de aula virtual do *Google* e a sala de informática da escola

3.2 O projeto de ensino: descrevendo a Rota da Argumentação

Para o desenvolvimento da pesquisa foram delineadas três etapas: construção do projeto de ensino, a sua aplicação no ambiente escolar e a análise dos dados gerados. Essas etapas foram apresentadas de forma detalhada a seguir para uma melhor compreensão do trabalho.

A primeira etapa consistiu em contextualizar o tema, o problema e os objetivos da pesquisa, além de selecionar e estudar a literatura relevante para a sua fundamentação e desenvolver a proposta do projeto de ensino.

Na segunda etapa propôs-se desenvolver o projeto de ensino, que foi organizado em cinco partes, totalizando 15 encontros com a turma participante, com propostas didáticas voltadas para análise de controvérsias sobre o tema “Liberdade de expressão”, percorrendo uma “Rota da Argumentação” que articula as modalidades oral e escrita da língua. Vale ressaltar que o foco não foi o texto escrito, mas sim percorrer um caminho capaz de instrumentalizar e capacitar o aluno na habilidade de argumentação, tanto na modalidade oral quanto na modalidade escrita da língua, mostrando que a linguagem é, essencialmente, argumentativa.

A primeira parte do projeto de ensino compôs-se de um encontro em que foi desenvolvida uma atividade expositiva com exibição de imagens e vídeos-exemplos, retirados do *You Tube*, focados em situações diversas, envolvendo quatro tópicos fundamentais a respeito do tema escolhido, “Liberdade de Expressão”: democracia, gênero, religião e redes sociais. Após a exibição das imagens e de cada vídeo, os estudantes puderam se manifestar oralmente, de forma espontânea, expondo o próprio ponto de vista a respeito delas, e em seguida foi proposto o primeiro texto escrito, um parágrafo em que eles expuseram o que entenderam sobre o tema em questão, produzindo uma opinião ou definição. Toda essa atividade foi gravada em áudio para que se pudesse registrar os pontos principais e mais polêmicos levantados pelos alunos.

Esses pontos deram corpo ao segundo e terceiro encontro, que introduziu a segunda parte do projeto de ensino, em que foi desenvolvida uma atividade intitulada “O jogo das opiniões”. O jogo consistiu na exibição dos pontos de vista, afirmações e comentários registrados no encontro anterior, a respeito dos quais os alunos se posicionaram oralmente. Para tanto, os estudantes, após a leitura desses pontos, foram conduzidos a refletirem sobre a proposição, a assumirem um posicionamento em relação a ela e a se reunirem em quatro grupos intitulados como: “discordo”, “concordo”, “concordo mas...”, “discordo mas...”. Formados os grupos, eles discutiram a afirmação exibida e escolheram um orador que expusesse para a turma o porquê da escolha, isto é, o ponto de vista do grupo. Para finalizar essa etapa, no quarto encontro, os alunos, diante da questão “Deve haver limites para a liberdade de expressão no Brasil”, participaram de um fórum de discussão, promovido em uma sala virtual do Google, na sala de informática da escola, ocasião em que puderam manifestar sua opinião, comentar os pontos de vistas alheios e colocar em prática a contra-argumentação.

A terceira parte de aplicação do Projeto foi dividida em duas etapas, em um total de sete encontros. Na primeira parte a professora pesquisadora fez uma exposição oral sobre o que é a argumentação, em uma aula que mesclou a teoria e a prática, destacando a construção do ponto de vista e as estratégias argumentativas que podemos utilizar tanto em textos orais quanto em textos escritos, tais como o uso de exemplos, explicações, consequências positivas e negativas, provas, citação, contra-argumentos, retomada e acréscimo de informação, definições, perguntas, expressões modalizadoras (determinados advérbios e conjunções) e estratégias não verbais, como tom de voz, gestos, expressões faciais entre outros, enquanto elementos utilizados para a defesa de um ponto de vista.

A segunda etapa dessa parte, desenvolvida no sexto e no sétimo encontro, consistiu na aplicação do “Jogo das Controvérsias”, cujo tema é a reflexão a respeito dos limites da liberdade de expressão⁶. O jogo é composto de quatro partes: pontos

6 O *Jogo das Controvérsias*, utilizado nesse projeto de ensino, foi adaptado a partir do jogo homônimo, gentilmente, cedido e produzido pela Profa. Dra. Leiva de Figueiredo Viana Leal, que dentre as inúmeras atividades e papéis desempenhados, é professora aposentada do ICHS, da Universidade Federal de Ouro Preto, professora convidada do Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Minas Gerais e contribuinte de vários programas educacionais em Minas Gerais e em outros Estados do Brasil. Conferir bibliografia do *Jogo* na seção de referências na página 88 e apêndice 4 na página 96.

de vista pessoais, depoimentos, implicações e evidências. Os alunos participantes da pesquisa foram conduzidos a leitura de diferentes proposições; após a análise individual de cada uma, eles se posicionaram identificando em que medida concordavam ou não, ou as achavam importantes ou não. Ao final da leitura e da discussão, os alunos formularam seu ponto de vista relativo às proposições destacadas como mais importantes e assinalando aquelas com as quais concordaram.

A aplicação desse jogo fomentou a produção do debate de opinião com fundo controverso (DOLZ et al, 2004, p. 215), a última etapa da terceira parte do Projeto, desenvolvida em quatro aulas. Primeiramente, os estudantes assistiram dois vídeos-exemplos de debates e, de posse de uma lista de constatação, puderam anotar as principais características do gênero e, depois, compartilhar com a turma as suas constatações. Em seguida, os alunos participantes foram divididos em três grupos, cada um representando uma das visões apresentadas no Jogo das Controvérsias a respeito da questão polêmica “Deve existir limites pra a liberdade de expressão?”. Os grupos, com a ajuda da professora pesquisadora, produziram um pró-memória, utilizando os argumentos apresentados no jogo e todos os outros produzidos durante o processo de aplicação da Rota da Argumentação até aquele momento, planejando e desenvolvendo de forma mais eficiente o debate, realizado no décimo primeiro encontro.

Na quarta parte, a qual somou quatro aulas, fechando o desenvolvimento do Projeto de Ensino, os alunos produziram, individualmente, um artigo de opinião discutindo a questão: “Deve haver limites para a liberdade de Expressão no Brasil”. Antes da produção os alunos, organizados em dupla, puderam ler e analisar dois exemplos de artigos de opinião, destacando em uma lista de constatação as principais características do gênero, cujas anotações, posteriormente, foram compartilhadas com a turma que, em conjunto, formulou um conceito coletivo a respeito desse gênero discursivo. Os textos mais eficientes foram divulgados e puderam ser visualizados e comentados na sala virtual da turma, finalizando, assim, a aplicação da Rota da Argumentação proposta.

Por fim, a terceira etapa da pesquisa, correspondente à análise dos dados gerados, foi desenvolvida em duas fases. Primeiramente, a professora pesquisadora relatou, refletiu e analisou todo o processo percorrido durante a aplicação do Projeto de Ensino, observando o envolvimento e desenvolvimento dos alunos participantes.

Em seguida, os dados gerados pela produção dos textos orais e dos textos escritos, o parágrafo conceitual, o debate virtual, o debate de opinião com fundo controverso e o artigo de opinião, foram tabulados e analisados, buscando verificar em que medida as estratégias desenvolvidas nas quatro partes do Projeto foram empregadas pelos estudantes nesses textos, realizando-se, em seguida, uma revisão das quatro etapas do Projeto de Ensino e dos objetivos alcançados, visando propor uma “Rota didática”, prática e eficiente, para se desenvolver a capacidade de argumentação, tanto oral quanto escrita, potencializando a capacidade discursiva dos estudantes em salas de aula do 8º ano do ensino fundamental.

4 APLICAÇÃO DA ROTA DA ARGUMENTAÇÃO: IMPRESSÕES DA PESQUISADORA

Para promover reflexões e observações sobre o percurso trilhado durante a aplicação da Rota da Argumentação, foram relatados e analisados os dados gerados durante a proposição e aplicação da rota didática, que foram registrados por meio do diário reflexivo do pesquisador e em gravações de áudio. O percurso teve duração de quase três meses, somando um total de 15 aulas, sendo divididas em sete atividades, agrupadas em quatro etapas. Para facilitar a compreensão das reflexões, as atividades foram apresentadas individualmente, seguindo o mesmo planejamento: data, tema, objetivos, duração, estratégias, recursos, avaliação.

A aula de apresentação da pesquisa ocorreu no dia 29 de março de 2017. A professora pesquisadora, acompanhada da pedagoga referência da turma, esteve na sala apresentando a pesquisa e os termos para a assinatura dos alunos e responsáveis. O que chamou atenção, primeiramente, foi a curiosidade e receptividade que os alunos demonstraram em relação à participação na pesquisa; segundo, foi a curiosidade em saber o que era argumentação: uma das alunas perguntou se a pesquisadora analisaria se eles falam errado ou certo, outro perguntou se argumentação era interpretação de texto e outro se escreveriam textos. Todo esse interesse, por si, já demonstrou a receptividade por parte dos alunos e sinalizou para a relevância da pesquisa no ensino de Língua Portuguesa.

4.1 1ª Atividade: Introduzindo o tema “Liberdade de Expressão”

Dados da atividade

Data: 20 de abril de 2017

Tema: Leitura crítica de imagens e vídeos

O que o aluno poderá aprender com esta atividade: A aula teve como objetivo apresentar aos alunos o tema discutido durante a pesquisa, sem expor definições e conceitos de forma pré-formatada, buscando fomentar, por meio das imagens e vídeos, uma compreensão e conceituação do tema.

Duração: 45 minutos.

Estratégias: Inicialmente, nesse primeiro encontro, foram estabelecidos os parâmetros a serem seguidos, como participantes da pesquisa, em todos os encontros: não se dispersar, não desrespeitar uns aos outros, saber ouvir, saber falar, aproveitar as aulas. No que se refere a atividade, buscou-se levar os alunos ao resgate de conhecimentos prévios sobre o tema “Liberdade de expressão” a partir de exemplos em imagens e vídeos, em uma aula com um formato bem interativo⁷. Em primeiro lugar, foram apresentadas as imagens em sequência, com pausas, mas sem comentários. Depois foi dada aos alunos a oportunidade de descrever e comentar as imagens que mais lhes chamaram a atenção. Em seguida, foram apresentados três vídeos, seguidos por comentários orais dos alunos. Na sequência, foi introduzida a seguinte questão para discussão oral por parte dos alunos: “O que essas imagens e esses vídeos têm a ver com liberdade de expressão?”, no intuito de levá-los a pensar o que é a liberdade de expressão. Para finalizar a atividade, foi entregue aos alunos uma ficha incentivando-os a escreverem, em poucas palavras, o que entenderam sobre a questão, ou seja, a formulação de um conceito ou opinião geral a respeito do tema.

Recursos: As imagens e vídeos foram retiradas da *internet* e todos os alunos receberam uma ficha para produção do texto.

Avaliação do pesquisador: Acredito que o objetivo dessa aula foi alcançado e não houve contratempos. Os alunos demonstraram interesse e ficaram curiosos. A atividade foi bem tranquila, tendo sido realizada na sala de multimídia da escola. Primeiro, os alunos viram as imagens em sequência, sem interrupções; depois fazendo paradas em cenas mais importantes, mas ainda sem comentários. Em seguida, fixei em quatro imagens para que os alunos comentassem e as relacionasse com o tema. Foi interessante esse momento, pois eles não tiveram dificuldades em se expressar; primeiro comentavam entre si e levantavam a mão para falar a todos. Várias pontuações interessantes surgiram, relacionadas, sobretudo, ao uso de redes sociais e a diferenças culturais e religiosas entre alguns países. Logo em seguida, foram apresentados os vídeos, sendo o primeiro um trecho de manifestação popular de 2013⁸; o segundo uma reportagem do Jornal Nacional sobre a situação de um homem da Síria, expulso de seu país por se negar a seguir o

⁷ Essa aula foi digitalizada e pode ser conferida na página 105 no apêndice 8 deste trabalho.

⁸ Vídeo 1: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qem_0OGZEjk> Acesso em: 05 de Abr. de 2017.

islamismo e querer ensinar aos filhos o cristianismo⁹, e o terceiro, um trecho de uma reportagem exibindo entrevistas com pessoas usuárias da internet e redes sociais¹⁰. Os alunos assistiram os vídeos em sequência e depois comentaram cada um individualmente, relacionando-os ao tema proposto. Novamente não apresentaram dificuldades em expressar suas opiniões, fizeram pontuações importantes que deram corpo a 2ª atividade; por isso, a gravação dessa aula foi muito importante. Para encerrar a atividade, os alunos registraram de forma escrita suas impressões, opiniões, compreensões e definições a respeito do tema discutido em um breve parágrafo.

4.2 2ª atividade: Argumentar e Contra-argumentar no Jogo das Opiniões

Dados da atividade

Data: 27 de abril e 04 de maio

Tema: Argumentação e contra argumentação oral.

O que o aluno poderá aprender com esta atividade: Delineou-se como objetivo levar os alunos a desenvolverem a argumentação e contra argumentação oral, utilizando conjunções adversativas para expressar as noções de concordar, discordar, concordar parcialmente e discordar parcialmente.

Duração: Duas aulas de 45 minutos.

Estratégias: Explicou-se inicialmente as regras do jogo, depois foi exibido para a turma, em um cartaz, uma a uma, questões levantadas por eles mesmos durante a 1ª atividade. Os estudantes leram o ponto de vista apresentado e foram solicitados a assumir uma posição, escolhendo integrar um dos quatro grupos intitulados como: “discordo”, “concordo”, “concordo mas...” e “discordo mas...”. Formados os grupos, cada um discutiu a questão exibida e escolheu um orador para expor ao restante da turma o porque da escolha, isto é, o ponto de vista assumido pelo grupo. No total foram exibidos seis pontos de vista: “Liberdade de expressão é ter o direito de se expressar, para isso é preciso coragem e ter argumentos/Liberdade de expressão é

9 Vídeo 2: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0vmW0z2-LZA>> Acesso em: 05 de Abr. de 2017.

10 Vídeo 3: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0YhPFUPH0HA>> Acesso em: 05 de Abr. de 2017.

poder pensar, falar e escrever o que quiser/ No meu *Facebook* posso manifestar minha opinião sem me preocupar como os outros/Os homens devem ter privilégios com relação a liberdade de expressão/Nas redes sociais temos liberdade de expressão, podemos ser e falar o que quiser/ Todos devem ter o direito de escolher sua religião, o que gosta de fazer e de falar o que quiser”.

Para fundamentar a atividade, foi importante consultar os estudos Birkenstein e Graff (2011, p. 3), que propõem um trabalho voltado para os movimentos retóricos, seguindo modelos; dos quais alguns representam movimentos retóricos simples, mas cruciais, como os usados para resumir ideias amplamente difundidas. No caso dessa atividade, utilizou-se o seguinte modelo: concordo, discordo, concordo mas..., discordo mas..., que foi facilmente assimilado pelos alunos e empregados nas atividades seguintes, nas quais puderam confrontar-se com o discurso dos outros, concordando, discordando, concordando e discordando em parte.

Recursos: Utilizaram-se como recursos os pontos de vista levantados na 1ª atividade reproduzidos em cartazes e placas com as posições de cada grupo: “discordo”, “concordo”, “concordo, mas...”, “discordo, mas...”.

Avaliação do pesquisador: Certamente posso afirmar que o objetivo da atividade foi atingido. Seu desenvolvimento foi ainda melhor do que a primeira atividade, os alunos participantes da pesquisa ficaram muito animados. A oficina foi realizada na quadra esportiva da escola e, assim, os participantes puderam ficar mais à vontade para falar e se movimentar. Primeiro, expliquei a atividade que iríamos desenvolver; depois, determinamos um espaço e fixamos as placas no chão, sinalizando os grupos: “discordo”, “concordo”, “concordo, mas...”, “discordo, mas...”; em seguida retomamos os pontos comportamentais previamente combinados: não se dispersar e levantar a mão para falar. Os alunos propuseram que um aluno por vez lesse as frases, “os pontos de vistas”, em voz alta para todos e assim ocorreu.

A aula contou com muita participação. Houve alguns pontos que chamaram atenção:

- Três alunos demonstraram dificuldade em assumir uma posição e escolher um grupo; perguntei-lhes por que não entravam em um grupo. A resposta foi que não tinham uma opinião formada sobre o assunto.
- Ao fim da oficina, uma aluna me perguntou: Professora, mas afinal o que é o certo, qual dos quatro grupos?. Respondi a ela que era um tema polêmico e

controverso, portanto a resposta pode não ser unívoca, mas que esperava que ela pudesse formular a sua própria resposta no decorrer da pesquisa.

- Um aluno, em relação à questão sobre a liberdade de religião, disse que discordava, pois acreditava que a religião sequer precisava existir.
- Dentre os alunos mais participativos, estavam alguns alunos “intitulados como problema.”
- Alguns estudantes defenderam seu ponto de vista utilizando estratégias baseadas em argumentos de exemplo e de citação;
- Os alunos utilizaram com propriedade as conjunções adversativas, para manifestar a opinião do grupo.

4.3 3ª Atividade: Sala Virtual-Debatendo em Rede

Dados da atividade

Data: 18 de maio de 2017.

Tema: Argumentação e contra argumentação em um debate virtual.

O que o aluno pode aprender com esta atividade: A aula teve como objetivo desenvolver a argumentação, sobretudo a contra argumentação, por meio de um fórum de discussões, promovido em uma sala virtual do *Google*.

Duração: uma aula de 45 minutos.

Estratégias: Primeiro foi preciso criar uma sala de aula virtual, um programa gratuito oferecido pelo *Google*; depois criou-se, com a ajuda da professora de informática, um e-mail para os alunos que ainda não possuíam um, mas a maior parte já tinha um endereço de correio eletrônico. Após “convidar” e “aceitar” cada aluno como participante da sala de aula virtual, postei e programei para essa data um debate virtual, também denominado como “fórum de discussão”, discutindo a questão “há limites para a liberdade de expressão?”. Foi predeterminando a data e horário de início e término das participações. A atividade foi desenvolvida durante o horário de aula na sala de informática da escola.

Recursos: Para criação da sala virtual utilizou-se o site disponível em: <<https://support.google.com> › Ajuda do Sala de aula › Primeiros passos>. Acesso em: 15 de maio de 2017.

Avaliação: Os alunos ficaram muito entusiasmados com a possibilidade de usarem a internet para a discussão. No início a aula, relembramos os pontos comportamentais combinados e estabelecemos alguns outros: “não utilizar palavras de baixo calão”, “não responder e discutir oralmente”, “não visitar outras páginas da internet”. Em segundo lugar, expus o objetivo da atividade.

De imediato os alunos demonstraram muita facilidade em utilizar a tecnologia e, a medida que postavam suas repostas, os colegas puderam comentá-las, instantaneamente e, o que foi o mais interessante, vivenciar o gênero debate virtual. Alguns se expressaram com respostas curtas, outros embasaram bem suas próprias opiniões, com argumentos mais ponderados. Apesar da facilidade em lidar com a tecnologia, para muitos foi a primeira vez que fizeram um comentário e discutiram algo que os outros disseram. Eles ficaram curiosos para ver os comentários dos outros e para ver a resposta e comentário da professora. Notou-se que os pontos de vista começaram a se delinear mais claramente, com utilização de conjunções, contra-argumentos, argumentos de exemplo. Foi um momento proveitoso... eles responderam muito bem ao que foi proposto e, claro, adoraram tudo e saíram perguntando quando nós íamos utilizar a sala de aula virtual novamente.

4.4 4ª atividade: Fundamentando opiniões por meio do Jogo das Controvérsias

Dados da atividade

Data: 25 de maio de 2017

Tema: A leitura como estratégia para formação e fundamentação de um ponto de vista.

O que o aluno poderá aprender com esta atividade: O objetivo dessa atividade foi promover a formação e fundamentação de um ponto de vista por meio da leitura de diferentes argumentos, utilizando o Jogo das Controvérsias.

Duração: duas aulas de 45 minutos.

Estratégias: Previamente foi realizada uma adaptação do Jogo, visto que ele foi elaborado visando um estudante do ensino médio. Foram retiradas algumas proposições, ficando o jogo com um total de 20 assertivas, abordando a seguinte

questão: “Devem existir limites para a liberdade de expressão?”. O jogo possui cinco partes denominadas: visões, depoimentos, evidências, implicações e produção do ponto de vista, as quatro primeiras contendo argumentos a respeito do tema.

Antes que os alunos começassem a desenvolver o Jogo, foi necessário relembrar os combinados. Em seguida, foi entregue a cada um uma cópia do jogo e eles, a medida que leram as visões, dependendo da assertiva, marcaram com um X aquelas com as quais concordavam, discordavam, concordavam plenamente ou discordavam plenamente. Depois fizeram o mesmo nos depoimentos, evidências e implicações, marcando com um X se consideravam as proposições importantes, muito importantes, não importantes ou pouco importantes. Por fim, produziram, em um espaço específico do Jogo, seu ponto de vista identificando as proposições mais importantes do Jogo como fundamentação.

Adota-se a perspectiva de CITELLI (1994, p.17-18) no que se refere a formação do ponto de vista; o estudioso afirma que isso ocorre, progressivamente, de acordo com as nossas experiências acumuladas, as leituras realizadas, as informações obtidas, a partir do desenvolvimento da capacidade de compreender e, principalmente, de transmitir o que desejamos dizer.

Recursos: Jogo das controvérsias reproduzido para cada aluno participante da pesquisa.

Avaliação: Alguns alunos demonstraram dificuldade com relação a compreensão de alguns termos mencionados no Jogo, diante disso propõe-se, em uma nova aplicação, a inclusão de um glossário, que acompanhará as assertivas. Também, para identificar a questão discutida, propõe-se deixá-la mais destacada no jogo. Alguns alunos, uns poucos, demonstraram certa “preguiça ou o mal hábito de não ler os enunciados”. Na última questão do Jogo, em que devia ser registrado o ponto de vista, parece que não ficou bem claro o comando do que deveriam fazer, tendo sido necessário esclarecê-lo oralmente; por isso propõe-se para uma nova aplicação uma maior explicitação desse comando. Como em todas as aulas, os alunos queriam discutir alguns pontos oralmente, falar por que não concordavam; de modo que foi necessário relembrar o objetivo do jogo, ou seja, o de promover a leitura como estratégia para a formação e fundamentação do ponto de vista. As cartelas do jogo foram recolhidas para que fosse possível dividir a turma para o debate oral, baseado nas opiniões que foram mais recorrentes na primeira parte do Jogo das Controvérsias, concernentes a parte dedicada as visões.

4.5 5ª Atividade: Argumentação - O Que é Isso?

Dados da atividade

Data: 08 de junho de 2017

Tema: Estratégias de argumentação escrita e oral

O que o aluno poderá aprender com esta atividade: O objetivo da aula foi a construção de conhecimentos sobre o que é a argumentação e suas estratégias, tanto na modalidade oral quanto na modalidade escrita, relacionando a teoria e a prática.

Duração: uma aula de 45 minutos.

Estratégias: Esta foi uma aula denominada como expositiva/participativa e teórica/prática, visto que, como professora pesquisadora, expus as informações não me atendo apenas à teoria, contando com a participação ativa dos alunos. A aula foi reproduzida em *data show*, o que permitiu um maior aproveitamento do tempo e melhor visualização por parte dos alunos¹¹. Essa atividade foi dividida em três partes, em primeiro lugar, apresentei o título da aula: na própria palavra “argumentação” destacou-se a presença, no sufixo, da mesma ideia da palavra “ação”, mostrando que argumentar é uma ação essencial em nosso cotidiano; depois, em um segundo momento, apresentei três definições básicas de argumentação e um esquema mostrando que esse processo é circular. Em seguida, na terceira parte, trabalhamos algumas estratégias de argumentação, compreendidos como recursos que nossa língua oferece para que possamos defender argumentar, como o uso de exemplos, explicações, provas, citação, contra-argumentos, expressões modalizadoras (advérbios e verbos que marcam a posição do autor), apresentação de consequências positivas e negativas, retomada e acréscimo de informação, e estratégias não verbais, como tom de voz, gestos, expressões faciais. Cores diferenciadas foram utilizadas para demarcar o assunto, a tese e os argumentos em cada proposição apresentada. A participação oral foi incentivada, sobretudo na parte destinada às estratégias de argumentação, para que os alunos por meio dos exemplos, colocassem-nas em prática.

11 Essa aula foi digitalizada e pode ser conferida na página 111 no apêndice 9 deste trabalho.

Nessa parte, primeiro apresentei um exemplo e os alunos identificaram o assunto, o ponto de vista, o argumento e o contra-argumento. Logo após, foram apresentados algumas expressões modalizadoras, que demonstram a posição de determinado autor e que são muito comuns como, “eu vejo”, “não se pode negar”, “infelizmente”, “tenho certeza”, “eu acredito”, “provavelmente”, com as quais também realizaram uma tarefa prática. Foram mencionadas ainda outras estratégias argumentativas não verbais. Para finalizar a atividade retomamos a palavra “argumentação”.

Recursos: Aula produzida em Power point pela professora pesquisadora. Foram utilizados trechos de diferentes páginas da internet, todas se encontram devidamente mencionadas nas referências desse trabalho.

Avaliação: Para preparar a atividade foi necessário pesquisar em diferentes fontes, como livros especializados, dicionários, enciclopédias e internet, buscando deixar o mais claro possível o tema da aula: “estratégias de argumentação”, visando apresentar algo mais adequado e mais viável para alunos do 8º ano do Ensino Fundamental. Posso afirmar que o objetivo foi alcançado. A atividade teve sucesso, contando com muita participação por parte dos alunos, até mais do que o esperado. Foi impossível pôr fim à discussão. Os alunos queriam argumentar a respeito de todas as proposições apresentadas. Notou-se que na prática oral eles conseguem utilizar bem as estratégias e os modalizadores, fato demonstrado durante a discussão. Na parte em que tinham que colocar em prática as estratégias de argumentação em três situações exemplares distintas: a) um pedido a mãe para realização de uma trabalho na casa de um colega; b) a importância da leitura de jornal; c) o fato de o videogame tornar as crianças mais violentas, notou-se o emprego dos seguintes aspectos.

1- Retomada de um argumento anterior.

Sobre o que o “colega” falou.

Eu concordo com o que ela falou, realmente pode atrapalhar a saúde física, mas...

2- O uso de conjunções adversativas para contra-argumentar, ilustração, exemplos, consequência e citação. Como pode ser visto nos trechos a seguir.

- Em uma aula passado um colega disse que votaria no Lula, porque ele rouba, mas ajuda o povo, eu contei para o Meu pai e ele disse que ...

- Eu concordo com o que ela falou, realmente pode atrapalhar a saúde física, mas..

- Sobre o que o colega falou, eu concordo, pois eu notei que o vídeo game me ajudou a jogar futebol melhor pelo trabalho com reflexo.

- Eu não acho que o vídeo game influencia negativamente, eu aprendi inglês, história, física por meio dele e até minha mãe quis estudar inglês.
- O vídeo game pode ser ruim, pois as pessoas ficam horas jogando sem comer direito, sem viver, isso faz mal à saúde.

Algo que chamou atenção foi o fato de, antes mesmo que fosse mencionado, durante a exposição em aula dos elementos argumentativos não verbais, os alunos os mencionaram e deram exemplos. Falaram do “olhar, do tom de voz, dos gestos”. Na situação exemplar do pedido para a mãe: Falaram que, para convencê-la, seria preciso um tom de voz mais suave, ajudando a sustentar o argumento de citação, repetindo o que a professora propôs e a importância do trabalho.

Também conseguiram perceber o uso das conjunções adversativas na construção de um contra-argumento.

O que mais me tem impressionado, e que me impressionou bastante nessa atividade, é que os alunos demonstram facilidade em discutir, argumentar e demonstrar na prática as estratégias, os modalizadores adverbiais, as retomadas de informação ditas pelos outros, contradizendo a opinião comum de muitos professores, segundo os quais os alunos não sabem argumentar; ao contrário disso, eles demonstraram que argumentar é algo, de certo modo, natural da linguagem, algo que eles conseguem desenvolver e praticam na vida, uma capacidade inata que pode ser aperfeiçoada. Por isso é fundamental a escola promover, incentivar e desenvolver a argumentação. Atividades simples como as que foram propostas devem ser mais exploradas e tornarem-se mais comuns na sala de aula, uma vez que tornam claros para o aluno vários aspectos da argumentação.

4.6 6ª Atividade: A Argumentação e Contra Argumentação no gênero debate

Dados da atividade

Data: 29 de junho e 06 de julho de 2017

Tema: Produção do gênero debate

O que o aluno poderá aprender com esta atividade: O objetivo dessa atividade foi levar o aluno a construir conhecimentos sobre o que é um debate, conhecendo suas características como gênero argumentativo oral e produzindo um debate utilizando todo o conhecimento construído durante as atividades.

Duração: quatro aulas de 45 minutos

Estratégias: Esta atividade foi dividida em duas partes, buscando facilitar o seu desenvolvimento.

1ª parte: Conhecendo o gênero debate

Os alunos receberam uma ficha de constatação, produzido pela professora pesquisadora¹², a qual foi preenchida a medida que eles assistiam e observavam as questões em dois exemplos de debates. O primeiro, um debate da MTV, o qual tratou da questão: “A justiça é igual para todos no Brasil”¹³ e o segundo debate de um programa de incentivo para Enem, com o título “O que querem os jovens”.¹⁴ Os debates foram retirados da internet e os alunos puderam assisti-los na sala de multimídia. Após o preenchimento da ficha foi importante fazer observações oralmente, muitas características do gênero foram destacadas.

2ª etapa: Produzindo um debate

De início, foi preciso relembrar as observações anotadas na ficha de constatação, muito importantes para guiar o nosso debate. Depois, a turma foi distribuída em três grupos, a distribuição realizou-se por meio das respostas apresentadas no “Jogo das controvérsias”, com relação a parte dedicada as visões, ficando estabelecidos os seguintes grupos: “concordo”, “concordo, mas...”, “discordo, mas...”. Cada grupo se reuniu, escolheu dois representantes, que foram os porta-vozes no debate; eles discutiram o tema, o ponto de vista, os argumentos e produziram um pró-memória. Também foram escolhidos dois alunos que desempenharam o papel de secretários, anotando os pontos principais do debate para que, no fim, fizessem uma explanação de como foi o desempenho de cada grupo e qual, na perspectiva dos secretários, defenderam melhor o ponto de vista do grupo. Em seguida, a professora pesquisadora, que foi a mediadora do debate, reuniu os representantes e os secretários para saber se tudo estava pronto e encaminhado. Juntos essa equipe decidiu o formato, a disposição espacial da sala, e, enfim, realizou-se o debate de opinião com fundo controverso.

12 Conferir apêndice 5 na página 102.

13 Debate disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=r6xi9DnqGDo>> Acesso em: 20 de jun. de 2017.

14 Debate disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9beFITgL030>> Acesso em: 20 de jun. de 2017.

Recursos: Para a realização dessa atividade utilizou-se o modelo de debate denominado como debate de opinião com fundo controverso¹⁵. Também utilizou-se dois debates televisivos retirados da internet e cópias, para cada aluno, de uma ficha de constatação do gênero debate.

Avaliação:

1ª parte: Antes de iniciarmos a apresentação e preenchimento da ficha de constatação dos debates, perguntei aos alunos se eles já haviam assistido ou participado de algum debate, a maior parte dos alunos disseram que não, e outros que já haviam visto um debate político na televisão. A atividade foi bem dinâmica, os alunos a medida que assistiam os debates marcavam na lista o que observaram, e perguntavam sobre algum aspecto em que havia dúvida, como no caso da questão que se referia às expressões modalizadoras, sobre as quais foi necessário relembrar a exposição já realizada. Em outra aula fizemos a correção coletiva e oral da ficha; nesse momento pôde-se discutir algumas questões e tirar dúvidas, dentre as características mais citadas que os alunos perceberam por meio dos dois debates estão a retomada de falas, o uso de perguntas e de contra-argumentos.

2ª parte: O momento do debate foi muito esperado pelos alunos e muito proveitoso. É importante destacar que dentre os alunos que foram escolhidos como representantes estão quatro alunos considerados difíceis, mas que, desde a primeira atividade, envolveram-se muito positivamente na pesquisa. A equipe responsável pela organização do debate escolheu um formato de meia lua para a disposição da sala, no qual o grupo de representantes ficou no centro e o restante da sala em volta; a professora pesquisadora ficou na frente e foi a mediadora do debate. Note-se que os alunos colocaram em prática muitos aspectos que observaram por meio da ficha de constatação e que foram abordados na 5ª atividade, como:

- O emprego de argumentos de exemplo, de explicação, de autoridade, de consequência, de contra-argumentos e de expressões modalizadoras.
- Retomada de falas, ora concordando totalmente ou parcialmente e reafirmando ora discordando, refutando, questionando.
- Uso de perguntas, ora para questionar, ora para gerar reflexão.

15 O debate de opinião com fundo controverso foi conceituado por Dolz et al (2004), no livro *Gêneros orais e escritos na escola*, no qual se propõe uma sequência didática para se trabalhar o gênero debate em sala de aula. Sua definição pode ser conferida na página 27 no capítulo 1 desta dissertação.

Para fecharmos o debate, que os alunos não queriam terminar, uma vez que estavam bem compenetrados, os secretários apresentaram sua avaliação, falando qual grupo se destacou no debate, pelo desenvolvimento da argumentação, mostrando o ponto alto e baixo de cada grupo.

Esta atividade foi extremamente proveitosa. Houve efetiva participação da turma toda e não apenas dos representantes. O debate fluiu facilmente e foi possível notar os alunos colocaram em prática o que aprenderam sobre o processo de argumentação, sobre o gênero debate e sobre o tema desenvolvido desde a primeira atividade. Essa é uma atividade que deve e pode ser desenvolvida em sala de aula com mais periodicidade, inclusive trabalhando os outros tipos de debates, além dos dois apresentados nesse trabalho: debate virtual e debate de opinião com fundo controverso.

4.7 7ª Atividade: Argumentação em um artigo de opinião

Dados da atividade

Data: 10 e 11 de julho de 2017

Tema: Produção do gênero artigo de opinião

O que o aluno poderá aprender com esta atividade: O objetivo dessa aula foi a construção de conhecimentos sobre o que é um artigo de opinião, reconhecendo suas características como gênero argumentativo escrito e, após isso, produzir um artigo de opinião, utilizando todo o conhecimento construído durante a rota proposta.

Duração: quatro aulas de 45 minutos.

Estratégias: Esta atividade foi dividida em duas partes, para se obter um melhor desenvolvimento.

1ª parte: Conhecendo o gênero artigo de opinião

Os alunos receberam uma ficha de constatação, produzida professora pesquisadora¹⁶, que foi preenchida a medida que os alunos leram e interpretaram, em dupla, os textos “O que deixar para nossas crianças”¹⁷ e “As redes sociais

¹⁶ Conferir apêndice 6 na página 103.

¹⁷ Artigo disponível em: < <http://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/8216-educacao-reprovada-8217-um-artigo-de-lya-luft> > Acesso em: 09 de Jun. de 2017. Conferir anexo 1 na página 117.

digitais: necessidade ou vício”,¹⁸ ambos retirados da internet, respectivamente, de sites de uma revista e de um jornal.

Após o preenchimento da lista, realizou-se uma leitura em voz alta dos dois textos e, em seguida, a correção dessa atividade coletivamente e oralmente, destacando-se as características que compõe o gênero “artigo de opinião”. Em seguida, os alunos foram incentivados a falarem as características mais importantes na constituição desse gênero. À medida que foram falando, a professora pesquisadora anotou no quadro suas observações; depois a turma comentou tudo o que foi anotado e formulou oralmente um conceito coletivo do gênero artigo de opinião, que também foi anotado no quadro e no caderno.

2ª etapa: Produzindo um artigo de opinião

Após uma recapitulação da 1ª parte da atividade, no que se refere as marcas do gênero argumentativo, a professora pesquisadora apresentou a proposta de produção, deixando claro para os estudantes o gênero, o tema e o público-alvo para quem o texto seria escrito.

Recursos: Utilizou-se nessa atividade cópias dos dois artigos de opinião retirados de uma revista e de um jornal virtual já citados e cópias da proposta de produção textual¹⁹.

Avaliação: Um ponto importante foi trabalhar com a lista de constatação, por meio da leitura e da análise dos exemplos constituídos pelos textos apresentados, uma vez que, com isso, os próprios estudantes puderam perceber as marcas do gênero, e construir um conceito coletivo, uma estratégia diferente do que, na maioria das vezes, é realizado em sala de aula nas aulas de Língua Portuguesa, nas quais o professor, para ensinar um gênero, primeiro apresenta as características, o conceito, e só depois pede para analisá-las no texto. O que se propôs aqui, tanto na 6ª atividade relativa ao debate, quanto nessa atividade, foi um caminho inverso ao comumente desenvolvido, o qual permitiu ao aluno, primeiro entrar em contato com o texto e depois construir um conhecimento do gênero por meio de suas próprias constatações.

O que mais chamou atenção no momento da produção foi que, em geral, os alunos demonstraram menos dificuldades em produzir um artigo de opinião do que

18 Artigo disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opinioao/artigos/as-redes-sociais-digitais-necessidade-ou-vicio-8jnamnfke5oj65eam8x5a3d5a>> Acesso em: 09 de Jun. de 2017. Ver anexo 1 na página 118.

19 Conferir apêndice 7 na página 104.

os alunos do 3º ano do ensino médio, como os quais também trabalho. Pode-se levantar uma hipótese de que a Rota Didática, aqui proposta, potencializou a capacidade discursiva dos alunos participantes da pesquisa, uma vez que ao mesmo tempo em que desenvolveu um trabalho voltado para a análise de controvérsias sobre um tema específico, promovendo várias discussões, buscou desenvolver a argumentação como um processo natural e essencial em nossas vidas, que certamente deve ser desenvolvido na escola desde as primeiras séries de forma gradual e natural.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS: REVENDO A ROTA

Neste capítulo, pretende-se avaliar o progresso dos participantes desta pesquisa, verificando se os objetivos foram alcançados, e averiguar o funcionamento efetivo da rota didática aqui proposta. Para tanto, buscou-se aferir a aquisição dos conteúdos apresentados, através da presença nos textos orais e escritos produzidos pelos alunos participantes das estratégias argumentativas introduzidas durante as diversas fases do percurso. O *corpus* de produtos, apresentado nesse capítulo, é constituído por quatro textos elaborados pelos alunos participantes, sendo eles: definição sobre o tema em um parágrafo, debate virtual, debate oral e artigo de opinião.

Como estratégias argumentativas, foram apresentados alguns recursos da língua, tais como o uso de exemplos, explicações, provas, citações, contra-argumentos, definições, perguntas, expressões modalizadoras (advérbios e conjunções adverbiais), retomada e acréscimo de informação, indicação de consequências positivas e negativas e estratégias não verbais, como tom de voz, gestos, expressões faciais entre outros, enquanto elementos utilizados para a defesa de uma opinião. Vale ressaltar que outras estratégias não plenamente desenvolvidas durante a rota didática também foram mencionadas e consideradas na análise, tais como o uso de antíteses, de máximas e lugares comuns, e de fórmulas de conclusão de uma ideia desenvolvida.

A forma de apresentação desse capítulo de análise dos resultados corresponde à sequência de aplicação da rota desenvolvida em quatro etapas, assim discriminadas: a) Liberdade de expressão: Leitura crítica; b) Sala Virtual: debatendo em rede; c) A argumentação e contra argumentação no gênero debate; d) A argumentação no artigo de opinião. Apresenta-se também, nas observações finais, algumas considerações a respeito dos resultados analisados.

5.1 Os efeitos na prática: o uso das estratégias de argumentação nas quatro etapas da pesquisa

Passando para análise dos dados gerados em cada etapa da Rota da Argumentação, na qual se objetivou verificar em que medida os participantes da pesquisa colocaram em prática as estratégias argumentativas desenvolvidas durante a aplicação da Rota, os dados considerados de maior relevância foram apresentados em quadros para facilitar a visualização, com vistas a uma análise dos resultados mais clara e efetiva.

5.1.1 Liberdade de expressão: aula interativa

Na primeira atividade, desenvolvida no intuito de fomentar a discussão e apresentar o tema “Liberdade de expressão”, foram exibidos, à guisa de exemplos, imagens e vídeos concernentes à questão. A apresentação foi seguida por intervenções orais dos alunos, na maioria espontâneas, mas às vezes provocadas pelo professor no sentido de promover uma leitura capaz de relacionar os elementos audiovisuais ao tema. Em seguida os alunos foram solicitados a produzir um primeiro texto, bastante breve, partindo do tema geral abordado. Em poucas palavras, eles deveriam escrever o que entenderam sobre a “liberdade de expressão”, formulando uma definição ou expondo suas próprias ideias sobre o assunto. Esses textos foram analisados e separados em quatro grupos, conforme a abordagem predominante em cada um. De um total de trinta e dois textos, vinte e três iniciam com “liberdade de expressão é...”, sete partem da compreensão que tiveram da exposição inicial iniciando com fórmulas como “eu entendi que...”, um da opinião pessoal: “eu acho...”, enquanto um associou as duas últimas, gerando um combinado de “eu entendi...” e “eu acho...”

No conjunto, apesar de não ser objetivo da atividade focalizar propriamente a argumentação e sim constituir um primeiro contato com o tema, já foi possível observar um uso de elementos argumentativos, mesmo que bastante limitado, em sete do conjunto de trinta e dois. A maior parte (vinte e três) apresentou uma breve definição a respeito do assunto. Os dados demonstram que o objetivo da atividade foi alcançado, visto que os participantes mostraram-se capazes de apresentar

sucintamente, em forma escrita, a própria compreensão, tendo a maioria destacado alguns dos elementos previamente mencionados na discussão oral.

5.1.2 Sala Virtual: debatendo em rede

A partir daí, foram apresentados em sala de aula e desenvolvidos no “jogo das opiniões”, alguns elementos relativos à contra argumentação, como o uso de expressões modalizadoras (advérbios, conjunções, etc.) e a retomada e acréscimo de informação, cujo uso efetivo pôde ser avaliado a partir de um fórum de discussões, organizado em uma sala virtual, direcionado a aprofundar o debate em torno das diversas opiniões que foram surgindo. O debate virtual foi a atividade em que se notou o uso mais intenso por parte dos alunos das diversas estratégias argumentativas apresentadas, mencionadas no início deste capítulo, muitas das quais ainda não tinham sido formalmente introduzidas nos encontros anteriores.

O material reunido nessa etapa é bastante extenso e, por isso, optou-se pela realização de um recorte da sua apresentação, selecionando-se para a análise, com fins de avaliação dessa fase da rota didática proposta, um conjunto das intervenções mais consistentes. A partir da seleção realizada (apresentada em apêndice no fim do capítulo), analisada estatisticamente no quadro a seguir, verificou-se o uso das seguintes estratégias argumentativas:

QUADRO 1: O USO DE ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS NO DEBATE VIRTUAL

ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS	AMOSTRAGEM (Estratégias encontradas no debate virtual)
Definição	5
Consequência negativa / positiva	15
Exemplo	9
Explicação	8
Citação	6
Provas	
Contra-argumentos	4
Perguntas	2
Expressões modalizadoras	6
Retomar e acrescentar informação	13
Antítese	9
Uso da conjunção adversativa	11
Topicização	1
Reforço de fala	1
Lugar comum	3
Citação e ponderação	1
Fechamento	5

Fonte: Elaborado pela autora.

Essa diversidade de uso das estratégias argumentativas, com destaque para o uso da conjunção coordenada adversativa, de consequências, de exemplos, de explicações e de retomada com acréscimo de informação, resultam talvez de uma capacidade “natural” dos usuários presente nos próprios recursos da língua. Outro fator, que pode ter favorecido esse uso diversificado, é a facilidade e familiaridade dos alunos em produzirem textos que circulam em ambientes virtuais e que fazem parte do seu cotidiano real, talvez por isso, tenha sido essa a atividade que mais gerou expectativa e interesse entre os alunos participantes da pesquisa.

A questão norteadora do debate virtual foi “Deve existir limites para a liberdade de expressão?”. Verificou-se nas respostas e comentários uma grande variedade no uso de estratégias argumentativas. Seguem-se abaixo, alguns trechos os quais serão tomados como exemplos ²⁰.

1- “Claro que existe. Eu gosto de dividir a liberdade de expressão em dois casos, a liberdade de expressão absoluta e a convencional. Algumas pessoas confundem liberdade de expressão absoluta com a liberdade de expressão convencional, o correto é a forma convencional pois ela apenas expressa a sua opinião sem ofender ou atacar ninguém, já a absoluta é completamente o oposto, pois ela não tem limites, e usa a convencional como justificativa para os seus ataques e ofensas.

2- slk... concordo plenamente. tem pessoas que não sabem a diferença.

3- Sim, pelo fato de termos que saber quando e como utilizar essa liberdade, pois não consiste apenas no que queremos, mas no impacto que isso causará no outro. Um dos limites é pensar como isso irá afetar o outro. Porque toda ação tem uma reação.
Concordo, plenamente.

4- sim, podemos expressar nossa opinião mas só não podemos machucar os sentimentos dos outros pois, ofender as pessoas é errado

5- Sim, há limites.

A liberdade de expressão não consiste só em expressar como e o que quiser, consiste em limites e ética, devemos ter a consciência e cidadania de respeitar e conviver de uma maneira harmoniosa com todos ao seu redor. Como exemplo, não é de boa maneira falar e fazer tudo que se pensa, devemos rever os atos antes de falar ou agir.

Ética é cidadania entre povos.

6- Se for assim, não será liberdade, será "expressão do que os outros querem ouvir"

7- Mas vamos supor H. R., todos temos uma liberdade de expressão, sim isso eu concordo, podemos impor nossas opiniões é o que achamos. mas, um exemplo: eu acho uma pessoa chata, feia etc..dependendo de quem se trata ela não vai gostar nem um pouco e tem casos (não nesse exemplo né) mas tem casos em que a pessoa pode até te processar. Então vc vai ter que assumir as

20 Os trechos dos comentários, produzidos pelos alunos participantes das pesquisas no debate virtual, foram transcritos respeitando a escrita empregada por eles, sendo numerados para facilitar a análise, e utilizou-se apenas as iniciais dos nomes dos participantes que aparecem nos trechos mencionados. O texto completo pode ser conferido no apêndice 8 na página 105.

consequências de seus atos. Como a S. G. falou: “ toda ação tem uma reação” sendo ela boa ou ruim.

8- Não , pois a boca é minha e quem deve se preocupar com as minhas palavras sou eu!

9- isso depende muito, as vezes o que vc divulga ou demonstra nas suas ações pode afetar outra pessoa que dependendo pode servir para ela. entao como vc disse preocupe mais com suas palavras e pense nas consequências que“a sua boca” irá causar.

10- Sra mas é como o Higor falou, é liberdade de expressão.. Já que não posso falar o que eu bem quero não é liberdade de expressão e sim falando o que os outros querem ouvir.

11- nunca niguem disse que vc não pode falar mas se vc tiver apenas um pinga de respeito com o proximo vc poderia impor sua opinião, demonstrá-la sem atingir níveis extremos mesmo que a opinião seja diferente.

12- Sra, respeito eu até tenho, mas não deixarei de dar a minha opinião sobre o assunto só porque uma pessoa irá gostar ou deixar de gostar. Mas o objetivo não é ofender ninguém, é só dar a opinião sobre o assunto.

13- De fato a boca é sua, você pode falar o que quiser... Mas a partir do momento que suas palavras denigre a imagem dos outros, você certamente irá ser processado, aliás existem leis que falam que injúria é crime. Então por esse motivo considero que há limites para liberdade de expressão.

14- Como eu mesmo já falei, o objetivo é dar opinião e não ofender alguém, ou seja, não estou falando mal de alguém e nem denegrindo a imagem da pessoa, tu ta confundindo as coisas sra.

15- Então... em seu comentário tu afirmou que NÃO há limites para liberdade de expressão, em cima disso fiz uma observação.

16- Da mesma forma eu fiz uma observação falando mais para o lado de opinião, até porque disse que o objetivo não é ofender alguém, ou seja, n parte para o lado ofensivo.

17- Inicialmente tu postou: Não, pois a boca é minha e quem deve se preocupar com as minhas palavras sou eu! Ou seja, você indiretamente disse que pode falar o que bem entender... Depois afirmou que estava falando somente sobre dar sua opinião... Meio distorcido uma resposta da outra.

18- Sim, acho que pelo fato da boca ser minha eu posso falar e me expressar o que eu quiser e sobre o que quiser. Eu disse que estava me referindo mais para a parte de opinião, e me expressar sobre algo é mais para o lado de expressão e não sair difamando todos e sem motivo. Mais para o lado de opinião.

19- Então esse é o ponto...

Não há problemas em expressar suas opiniões

Desde que não difame a imagem de alguém...

Nos trechos acima verifica-se o uso de definições, de exemplos, de explicações e de indicação de consequências como estratégias para se defender uma opinião, como pode ser confirmado nos trechos 1, 3, 4, 5, 6 e 7. No entanto, a estratégia que mais aparece é a retomada de uma informação dita pelo outro, como pode ser observado nos excertos 2, 6, 7, 9, 10,11,12, 13, 14, 15, 16, 17, 18 e 19, com o uso das expressões: “concordo plenamente...”, “se for assim...”, “como a S.G falou...”, “isso depende muito...”, “entao como vc disse...” “De fato a boca é sua...”,

“como o H. falou...”, “como eu mesmo já falei...”, “até porque disse...”, “da mesma forma...”, “respeito eu até tenho...” “em seu comentário tu afirmou...”, “inicijm almente tu postou... depois afirmou...”, “sim... eu disse...”, “então esse é o ponto...”.

Essas ocorrências se deram, algumas vezes, para reforçar uma ideia e corroborar ou acrescentar informações a ela, outras vezes para refutá-la, contra-argumentando. Essa estratégia é fundamental para a produção de qualquer debate, uma vez que, o emissor, de posse do que o outro falou, pode usar essa informação a seu favor, agregando valor a ela ou refutá-la; em todo caso, primeiro foi preciso atenção na escuta, depois capacidade de análise crítica da informação, para aderir ou não à ideia defendida.

Vale ressaltar que, os trechos de 8 a 19 fazem parte de uma calorosa discussão entre dois participantes do debate, os quais foram aqui denominados como participante A e participante B. Nota-se na passagem que participante A, que introduz sua participação no trecho 8, parece ter sido, de certo modo, persuadido pela força argumentativa do participante B, visto que a partir da fala dele no trecho 17, na qual deixou explícito que havia uma contradição nos argumentos do outro, o participante A produziu uma reformulação de sua primeira opinião, manifestada no trecho 8. Já no trecho 19, o participante B retoma a fala de A, produzindo uma conclusão, fechando a discussão entre eles, demonstrado a força de sua defesa.

Contudo, deve-se observar que esses elementos foram utilizados em contexto limitado, simples e de breve extensão, no qual não era necessário uma articulação argumentativa mais complexa, sobretudo por se tratar de um texto circulando em um ambiente virtual, no qual a comunicação é rápida e espontânea. Por esse motivo, notou-se durante a atividade que os alunos sentiram-se mais livres para falar, já que a situação comunicativa e a própria linguagem não exigia deles um posicionamento mais elaborado.

5.1.3 A argumentação e a contra argumentação no gênero debate

A terceira etapa da rota constou da apresentação sistemática dos conteúdos relativos às estratégias de argumentação, da aplicação do “Jogo das controvérsias” e da apresentação de dois debates em formato audiovisual retirados do *You Tube*, a que se seguiu um debate oral, que gerou o terceiro grupo de dados para avaliação. A

partir dos dados obtidos, pode-se inferir que os objetivos propostos nessa etapa foram atingidos e houve efetiva recepção dos conteúdos pelos alunos.

Antes da apresentação dos dois debates televisivos, foi distribuída uma ficha de constatação (igual para ambos) com questões variadas a respeito de aspectos estruturais do gênero discursivo “debate oral”, a qual foi preenchida à medida que os alunos assistiam os vídeos. As respostas foram discutidas com bastante participação dos alunos, que manifestaram interesse nos vários aspectos abordados pela lista de questões.

Posteriormente, houve uma divisão em três grupos de acordo com a manifestação da opinião individual no Jogo das controvérsias (“concordo”, “discordo”, “concordo mas...”). Os membros de cada grupo discutiram entre si o tema, os argumentos e estratégias que iriam utilizar para o próprio posicionamento no debate. Cada grupo elegeu dois oradores que, a partir da predisposição assumida pela equipe, intervieram na polêmica, cuja condução foi realizada pela professora pesquisadora, que organizou a discussão partindo de uma estrutura tradicional dividida em introdução, desenvolvimento e conclusão. Cada grupo foi solicitado a apresentar a sua posição, com base nos argumentos já previamente estabelecidos. Em seguida, todos os oradores e também os outros participantes, que assim o desejaram, apresentaram seus argumentos e contra-argumentos quando julgaram pertinentes.

Durante o desenvolvimento do debate com fundo controverso foi possível verificar o uso de diversas estratégias argumentativas, aqui sintetizadas:

QUADRO 2: O USO DE ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS NO DEBATE ORAL

ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS	AMOSTRAGEM (Estratégias encontradas no debate)
Definição	1
Consequência negativa / positiva	2
Exemplo	9
Explicação	7
Citação	2
Contra-argumentos	7
Perguntas	4
Retomar informação	11

Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa.

De acordo com Cristovão, Durão e Nascimento (2003, p. 1437), em um debate são acionadas várias ações, uma vez que os participantes “se escutam, discutem as tomadas de posição uns dos outros, retomando e reformulando o já dito por si próprios ou pelo outro e recorrendo a modalizações que dão nuances às tomadas de posição”. Ao analisar o debate notou-se de forma clara essas ações sendo colocadas em prática pelos alunos, os quais precisaram ouvir e refletir sobre as colocações dos outros para formular sua própria posição, muitas vezes retomando o já dito. Verificou-se entre as estratégias utilizadas a presença de reflexos de muitos aspectos presentes na ficha de constatação, sobretudo a retomada de informações e o uso de contra-argumentos.

Os trechos que seguem abaixo exemplificam o uso dessas duas estratégias²¹.

1- Em relação a isso eu até concordo, mas a pessoa ela pode mostrar sua opinião, mas respeitando as outras pessoas. Se a outra pessoa se sentiu ofendida com que a outra pessoa falou é um direito dela também se sentir ofendida, então por isso deve haver limites na liberdade de expressão.

2- Retomando a palavra da I. S., na liberdade de expressão você vai expressar o que quiser, mas passando dos limites você vai desrespeitar a outra pessoa.

3- Todo mundo está usando exemplos de morte, de falar mal, a liberdade de expressão não é só isso não, as pessoas podem usar a liberdade e expressar de forma boa, positiva, mas geralmente [...]

4- A I.S. falou que é mais usada para ofender, só que [...]

5- É claro que a pessoa pode se expressar da maneira que ela quer, mas como o J. P. falou algumas pessoas entendem mal, aí vem de cada um.

6- Olha, vou usar o seu exemplo da moda [...]

7- Eu vou usar o exemplo ali do H.E. [...]

8- Devemos usar essa liberdade, que nem a I.S. falou, de maneira regrada, sabe?

9- Na minha opinião, como o D.V. falou, que do mesmo jeito que tem que ter [...]

Novamente, assim como ocorreu no debate virtual, nota-se o uso da retomada de informação como estratégia argumentativa de maior destaque. No exemplo 1, 2, 3 e 4, a retomada foi feita para refutar a opinião do outro debatedor, impulsionando a produção de outros argumentos. Já nas passagens 5, 6, 7, 8 e 9 a retomada é empregada para acrescentar alguma informação, aderindo-se à opinião defendida e

21 As transcrições dos trechos do debate, obtidas por meio de gravação em áudio, não foram feitas baseados nos elementos próprios determinados para a transcrição de falas, visto que o objetivo é analisar as estratégias argumentativas utilizadas pelos participantes da pesquisa.

reforçando o que foi dito pelo outro. O uso dessa estratégia argumentativa, como em qualquer debate, foi fundamental para promover a interação entre os participantes e, conseqüentemente, a fluidez da discussão.

Notou-se nessa ocasião um uso mais consciente e articulado dos conteúdos relativos a argumentação apresentados previamente e uma maior consciência em relação à manifestação do debate como um gênero oral. Nesse sentido, um aspecto importante observado, foi o posicionamento dos alunos também como ouvintes, devendo-se notar que esse fator necessita ser desenvolvido na escola, pois um princípio elementar para se contra-argumentar é a atenção enquanto ouvinte, isto é, a prática de uma boa escuta, para assim, a partir do que foi dito, inferir, compreender, intervir e formular sua opinião e refutação (RIBEIRO, 2009, p.73). Esse aspecto foi comentado e proposto previamente pela professora pesquisadora e a observação foi seguida pelos alunos durante a realização do debate.

5.1.4 A argumentação no artigo de opinião

Enfim, como quarto elemento avaliativo da rota proposta, vem o conjunto de artigos de opinião produzido pelos alunos como coroamento do processo. A atividade foi proposta com o seguinte comando: “Depois de percorrer um trajeto discutindo sobre o tema ‘Liberdade de expressão’, agora chegou o momento de fechar nossas atividades. Para isso, escreva um artigo de opinião discutindo o tema liberdade de expressão, apresentando seu ponto de vista. Lembre-se das características desse gênero. Os textos mais interessantes serão publicados na sala virtual da turma”²².

A estrutura textual básica do gênero foi apresentada aos alunos de forma propositalmente indireta, pois optou-se por uma abordagem dedutiva, ou seja, a partir da apresentação de dois modelos, extraídos da internet, que foram lidos, cada um acompanhado também por uma “lista de constatação” em que se destacou a existência de determinados elementos recorrentes, como título, paragrafação e função de cada parágrafo, linguagem utilizada, temática, opinião, elementos da argumentação, finalidade do texto.

²² Os textos dos alunos participantes da pesquisa selecionados para serem publicados na sala virtual podem ser conferidos no anexo 3 na página 122.

Vale ressaltar que a atividade de preenchimento da ficha de constatação foi adotada como estratégia para se desenvolver uma aprendizagem mais substancial a respeito do gênero, trilhando um caminho inverso àquele que, comumente, é proposto em sala de aula, em que primeiro são apresentadas as características de um gênero textual e, em seguida, apresenta-se um modelo. Através do preenchimento da lista, concomitante com a leitura do texto, os alunos, em dupla, tiveram a oportunidade de analisar e constatar por si próprios as características do gênero “artigo de opinião”. Após essas constatações, os alunos puderam produzir coletivamente, eles mesmos, uma “definição” do gênero, destacando seus elementos fundamentais.

Em relação aos textos produzidos, deixando de lado a tipologia dos títulos, em que houve maior liberdade, o primeiro parágrafo, na maioria dos casos, consistiu em uma apresentação geral do tema “liberdade de expressão”. A maior parte optou por apresentar, inicialmente, uma “definição” do tema, muitas vezes começando com uma “pergunta” voltada a estabelecer uma interlocução com o leitor, outros, com uma “opinião pessoal”, sendo poucos os que se afastaram desses três direcionamentos principais.

A seguir apresenta-se alguns trechos²³ que ilustram esses direcionamentos empregados nos textos como introdução.

1- “A liberdade de expressão é você expor sua opinião, é quando falamos nossos sentimentos, é a maneira que vestimos... Porém as pessoas usam essa “liberdade de expressão, que é um direito de todos, de maneira errada [...]”

2- O que é liberdade de expressão? É você poder se expressar aquilo que você está sentindo, mas respeitando os outros, algumas pessoas confundem liberdade de expressão com falta de respeito”.

3- O que é liberdade de expressão? Liberdade de expressão é um tema muito discutido, que gira em torno de poder expressar o que você pensa sobre algum assunto específico, por meio de sua opinião [...]

4- Liberdade de expressão é a liberdade que temos de expressar nossos sentimentos e opiniões. É um tema bastante discutido pelo fato das pessoas terem opiniões diferentes [...]

5- Será que realmente temos liberdade de expressão? Será que realmente podemos nos expressar?

6- Como o próprio nome, liberdade de expressão fala, esse conceito não é nada mais que ter liberdade em expressar o que você sente, é saber falar e agir como todo assunto, liberdade de expressão tem vários “mas” ou “porém”.

23 Todos os trechos, apresentados nessa dissertação, dos artigos de opinião, produzidos pelos alunos participantes da pesquisa, foram transcritos respeitando a escrita empregada, não sendo realizada nenhuma adequação a norma culta da língua.

7- Quero falar um pouco sobre o tema liberdade de expressão: você respeita a liberdade de expressão das outras pessoas?

8- Liberdade de expressão é poder se expressar, ou seja, dizer, desenhar, pintar, escrever etc, resumindo, se expressar. Tem que ter limites? existem vários argumentos sobre isso, a minha é clara...[...]

9- Liberdade de expressão é poder expressar sua opinião livremente, mas com limites. Você acha que no Brasil existe liberdade de expressão?

Apesar dessas três estratégias predominantes não constarem dos artigos apresentados em sala de aula como exemplos, pode-se supor que os inícios de texto partindo de uma definição ou da opinião pessoal foram baseados na primeira atividade escrita realizada, enquanto o início com uma pergunta parece ser originário das preliminares do debate oral. Cabe registrar também que a definição foi utilizada como estratégia argumentativa quase que exclusivamente no parágrafo inicial.

Quanto a parte argumentativa propriamente dita, no quadro apresentado a seguir, podem-se observar aquelas mais encontradas nos artigos de opinião produzidos.

QUADRO 3: O USO DE ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS NO ARTIGO DE OPINIÃO

ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS	AMOSTRAGEM (Número de textos em que se encontram)	QUANTITATIVOS (Nº de ocorrências)
Definição	12	12
Consequências negativas e positivas	4	4
Exemplo	20	31
Explicação	19	21
Citação	1	1
Contra-argumento	10	11
Pergunta	22	33
Máximas	4	4
Antítese	7	8
Finalização	12	12
Expressões modalizadoras	8	9

Fonte: Elaborado pela autora.

As estratégias mais empregadas nos artigos de opinião, pelos alunos participantes, foram o exemplo, a explicação e a pergunta. A seguir foram transcritos alguns trechos, nos quais podem-se notar essas estratégias em uso.

Segundo Fiorin (2015, p.185) “na argumentação pelo exemplo, formulamos um princípio geral a partir de casos particulares ou da probabilidade de repetição de casos idênticos”, essa estratégia foi executada nos trechos abaixo e sinalizada pela maioria dos alunos com a expressão “por exemplo”.

1- Vemos nas redes sociais, por exemplo, pessoas usando a liberdade de expressão da maneira errada, com palavras inadequadas e xingamentos.

2- A liberdade de expressão é um direito de todos e podemos usá-la sempre que quisermos mas, em minha opinião, devemos usá-la com cuidado, pois podemos ofender algumas pessoas como nossa opinião, como por exemplo, isso acontece muito na internet, muitas pessoas fazem comentários com ou sem intenção que acaba ofendendo outras pessoas através de postagens sobre religião, sexualidade, estilo, etc.

3- Se pensarmos bem, existem leis que limitam certo exagero da nossa forma de expressar, um exemplo, se você está em uma manifestação contra algo, você pode demonstrar e se expressar o seu lado da situação pacificamente, sem vandalismo e violência. No contrário disso você poderá ser preso...

4- São vários exemplos existentes principalmente nas redes sociais, ferramentas tecnológicas inventadas principalmente para uma melhor comunicação mas que infelizmente tem sido utilizada para o mal.

5- Também, não podemos deixar que algumas pessoas nos tirem nosso direito de liberdade de expressão, e isso acontece muito, como por exemplo, na religião onde existem várias proibições, algumas delas pendendo sua liberdade de expressão, onde não se pode comentar e se expressar.

6- ...tem pessoas que pensam que liberdade de expressão é sair xingando e ofendendo as pessoas, isso é bem diferente de liberdade de expressão.

7- Existem pessoas que se expressam demais, falando o que querem sem nenhum respeito pelo próximo, há também pessoas que não se expressam por alguns assuntos, deixam a opinião dos outros prevalecerem mesmo tendo um bom argumento. Por exemplo as manifestações: pessoas vão as ruas e protestam exigindo seus direitos, como no Brasil.

8- Por exemplo se uma pessoa é racista, homofóbica ou algo assim, e demonstrar atos agressivos, a pessoa que sofreu o preconceito pode procurar uma autoridade...

9- Liberdade de expressão tem vários “mas” ou “porém”. Por exemplo, temos que limitar tudo que vamos falar e dirigir a outra pessoa, não é questão de obrigação, mas sim de ética, respeito, cidadania e limitações.

10- O ódio que as pessoas carregam, como a agressão física ou verbal, o assassinato e várias outras catástrofes, tem sido usado como desculpa que é apenas uma maneira de liberdade de expressão.

Vale ressaltar que os argumentos sustentados pela estratégia do exemplo foram, em grande parte, estruturados em torno dos quatro aspectos enfocados com relação ao tema liberdade de expressão, mencionados desde a primeira atividade: religião, redes sociais, democracia e gênero. Além disso, houve um uso difuso da

conjunção subordinada condicional “se” para criar uma situação exemplo, aproximando-a do leitor.

Já a explicação, como estratégia argumentativa, apareceu, na maior parte dos textos, marcada pelo operador argumentativo “pois”, para introduzir uma justificativa ou explicação a respeito de uma informação anterior, atribuindo uma força argumentativa ao enunciado e não apenas se apresentando como um elemento coesivo, o que pode ser verificado nas passagens a seguir.

1- De acordo com as coisas que vivencio em meu cotidiano, no Brasil não existe liberdade de expressão, pois muitas vezes damos nossa opinião sobre um assunto e já somos julgados pela sociedade.

2- [...] usam a liberdade de expressão como “escapatória” de seus erros. Na minha opinião isso deveria mudar, a liberdade está sendo entendida de forma errada, as pessoas deixam de se expressar por medo, pois vão ser rejeitadas, vão ser condenadas sem motivo [...]

3- No meu ponto de vista a liberdade de expressar deve existir sim, pois cada um tem o direito de se expressar sem exceção, o ser humano tem que está preparado para escutar a realidade, e não viver um mundo de mentiras e de pessoas falsas.

4- Sabemos que a liberdade de expressão é lei aqui no Brasil mas com a falta de compreensão de certas pessoas concordo com a colocação de limites nesta lei somente pelo fato das pessoas acharem que a liberdade de expressão é espancar xingar e maltratar outras pessoas dizendo que está enquadrado na liberdade de expressão.

5- Contudo a liberdade de expressão caminha junto com os limites, pois sem limites não há liberdade e sem liberdade não há limites. Pois na sociedade em que vivemos falar em liberdade significa ter o direito de fazer o que quer, mas não é assim.

As perguntas foram outra estratégia muito encontrada nos artigos de opinião, sendo empregada durante todo o decorrer do texto. Algumas vezes foram empregadas como estratégia para manter o diálogo com o interlocutor, buscando provocar uma reflexão. Isso demonstra que os alunos participantes da pesquisa tiveram em mente um interlocutor real para o texto, partindo da proposta de produção, como pode ser observado nas passagens abaixo.

1- Diante disso eu te pergunto: como viveríamos sem essa liberdade?

2- E você tem exercido sua liberdade de expressão respeitando os outros?

3- Será que realmente temos uma liberdade de expressão? Será que realmente podemos nos expressar?

4- [...] a pessoa pode interpretar de outro jeito, pois ela pode achar que nós estamos xingando ela, mas não é bem assim não é mesmo?

5- Você respeita a liberdade de expressão das outras pessoas?

6- [...] agora eu te pergunto, deve haver limites para a liberdade de expressão?

7- “Liberdade de expressão”, palavra forte não?

8- Você acha que no Brasil existe liberdade de expressão?

9- Concordamos que nem todo mundo tem a mesma opinião, afinal, o que seria do mundo se todos gostássemos das mesmas coisas?

Outras vezes a pergunta foi empregada para manter um fio condutor do assunto, como “O que é liberdade de expressão?”, que apareceu em muitos textos.

Apareceram também muitas ocorrências de contra-argumentos, bem como um uso difuso de expressões modalizadoras, sobretudo, as conjunções adversativas, que não se restringiram aos parágrafos do desenvolvimento, aparecendo também em outras partes dos textos. Nos exemplos abaixo, destacam-se alguns exemplos referentes a contra-argumentação e uso das conjunções adversativas as quais são denominadas por Koch (1993, p.105) como um dos operadores argumentativos que contrapõe argumentos e deve ter mais destaque nos manuais didáticos, como uma estratégia argumentativa e não apenas em seu aspecto gramatical, como conjunção coordenada responsável em unir duas orações.

1- A liberdade de expressão é um direito de todos e podemos utilizá-la sempre que quisermos mas, em minha opinião, devemos usá-la com cuidado, pois podemos ofender algumas pessoas com nossa opinião, como por exemplo, isso acontece muito na internet [...]

2- A liberdade de expressão é um direito de todos, porém, precisamos de limites para demonstrá-la, como respeito, a consciência e verdade entre outros.

3- Há pessoas que acham estar se expressando com falta de respeito e com xingamentos, mas não é bem assim, devemos pensar nos sentimentos do outro, você deve pensar se tudo o que você fala com a pessoa gostaria que alguém fala-se diretamente com você.

4- Muitas pessoas acham que não deveria existir a liberdade de expressão, pois acabam tornando essa liberdade em algo negativo. Mas aí que entra a questão de existir ou não limites na liberdade de expressão. Os limites faz com que as pessoas tenham consciência do que expressam [...]

5- Eu acho que deve existir limites para liberdade de expressão, claro que todos podem se expressar, vestir, escutar e gostar do que quiserem, mas devemos pensar no próximo e também nas consequências de nossos atos.

6- Na minha opinião, temos que dosar e regular nossas palavras, não deixando de falar a verdade, mas procurando não ofender o próximo.

Pode-se observar por meio dos exemplos que o uso das conjunções adversativas como uma estratégia argumentativa foi bem presente e empregado de

forma consciente, muitas vezes para desenvolver a contra-argumentação, como ocorre nos trechos 1, 2, 3, 4, e 5, nos quais inicialmente se apresenta uma opinião e, ao introduzir a conjunção adversativa, propõe-se uma refutação dessa posição. Já no sexto trecho a conjunção adversativa é empregada para apresentar a opinião pessoal do emissor a respeito do tema.

Além disso, o uso de elementos de contra argumentação surpreendeu pelo fato de terem sido utilizados de modo relativamente espontâneo, com a criação, por parte dos alunos participantes, de situações imaginárias nas quais são apresentadas opiniões divergentes.

No que se refere às expressões modalizadoras, empregadas para marcar, enfatizar e destacar a posição do autor, pode-se dizer que foram encontradas com pouca frequência, sendo que as que mais apareceram são as que indicam certeza (certamente), opinião (eu acredito, concordo plenamente) e julgamento (infelizmente).

Outra estratégia encontrada nos textos que chamou a atenção foi a utilização de elementos que não foram tratados particularmente em sala de aula, especialmente o uso de máximas, de antíteses ou de expressões antitéticas:

- 1- Liberdade de expressão é um direito seu, não deixem que tirem isso de você.
- 2- Na liberdade de expressão podemos falar e fazer o que quisermos, mas temos que lembrar que tudo tem a sua consequência.
- 3- Você gostaria de ser respeitado então respeite, "o meu respeito começa onde o seu termina".
- 4- ...todos nós erramos...
- 5- ...ela pode se sentir magoada, mas tempo depois ela se sentira feliz...
- 6- O ser humano tem que está preparado para escutar a realidade, e não viver em um mundo de mentiras e de pessoas falsas.
- 7- Todos devemos usar a liberdade de expressão para o bem e não para o mal.
- 8- ...algumas delas prendendo sua liberdade de expressão...
- 9- Contudo a liberdade de expressão caminha junto com os limites, pois sem limites não há liberdade e sem liberdade não há limites...

No que se refere ao fechamento dos textos, mesmo que de forma nem sempre satisfatória, foram várias as estratégias empregadas:

- 1- Temos e podemos usar a liberdade de expressão, mas sem ofender as outras pessoas e nunca deixar que tirem o nosso direito de poder nos expressar.
- 2- O ódio que as pessoas carregam, como a agressão física ou verbal, o assassinato e várias catástrofes, tem sido usadas como desculpa que é apenas uma maneira de liberdade de expressão. Por tudo isso, a “liberdade” tem sim que ter limites.
- 3- Sendo assim podemos concluir que liberdade de expressão existe, mas tem alguns limites que devem ser seguidos se não quisermos ter consequências negativas.
- 4- Sendo assim, todos podem expressar o que pensam sobre determinado assunto, por meio de sua opinião, porém, respeitando a opinião de outras para não causar discussões.
- 5- Enfim temos que respeitar a opinião dos outros e nunca devemos julgar a opinião dos outros.
- 6- Enfim podemos nos expressar o quanto quisermos, mas com limites para não prejudicar o próximo.
- 7- Enfim, devemos aprender a dosar nossas palavras para evitar conflitos. Afinal, a liberdade de expressar sua opinião é um direito lindo que é presente nos Brasil e que nem todo país tem! Vamos saber aproveitar e vivenciar esse direito de maneira bela, e usá-lo para o bem!
- 8- Enfim liberdade de expressão você pode expressar o que quer, mas com limites.
A partir desses fatos que eu afirmo que deve sim existir limites para liberdade de expressão, nos quais os pontos positivos e negativos se encontrem. Por isso, uma sugestão que dou a vocês leitores pensem bem antes de expressarem suas opiniões pois apesar disso ser um direito, o respeito ao próximo sempre deixará seu dia melhor.

Notou-se nos artigos produzidos diversas estratégias para fechamento do texto, desde o emprego da conclusão propriamente dita dos argumentos desenvolvidos no texto, até o uso de máximas tradicionais, de interlocução final com o leitor, destacando-se o uso de elementos modalizadores para marcar o encerramento do discurso, principalmente, como pode ser comprovado nos excertos acima, os conectivos “enfim” e “sendo assim”.

5.2 Considerações a respeito dos resultados apresentados

É importante destacar que os alunos participantes da pesquisa, utilizaram todas as estratégias desenvolvidas durante a rota da argumentação. Todavia, nota-se, por meio dos dados apresentados nos quadros 1, 2 e 3, o uso de uma gama de outros elementos, para favorecer a defesa de uma tese. Além disso, durante a aplicação da atividade 5, em que foi realizada a sistematização das estratégias argumentativas, os alunos, mesmo antes da abordagem da professora pesquisadora, já mencionaram e detalharam outras estratégias argumentativas, que

fazem parte do universo da língua oral, como entonação, ritmo e tom de voz, gestos, expressões faciais, e até mesmo a posição que uma pessoa assume na sociedade. Tais estratégias foram identificadas, sobretudo, no desenvolvimento do debate oral. Todas essas constatações demonstram uma capacidade de argumentação inerente ao usuário de uma língua, que precisa ser reconhecido, mas que pode ser sistematizado e desenvolvido na escola.

Outro fator relevante é que, apesar de a pesquisa ter seu foco no falante/escritor argumentador, muitos alunos demonstraram dificuldade para produzir a conclusão do artigo de opinião, sendo que alguns não a produziram absolutamente e outros finalizaram o texto de forma abrupta, demonstrando a necessidade de um trabalho contínuo, desenvolvendo mais o aspecto da conclusão do texto e, indo mais além, a uma revisão e reescrita.

Merece destaque ainda, a recepção dos alunos participantes da pesquisa no que se refere aplicação das atividades. Desde a apresentação da pesquisa até a última atividade proposta, a turma se envolveu bastante, o que facilitou o desenvolvimento da Rota Didática e gerou uma consciência gradativa nos alunos com relação aos aspectos estudados.

Além da Rota Didática contribuir para o desenvolvimento da capacidade discursiva, tanto oral quanto escrita dos participantes dessa pesquisa, o mais importante foi o fato de ter dado voz aos alunos, possibilitando a eles um momento para se expressarem, mostrarem o que pensam, o que sentem, não apenas na escrita, mas também oralmente, o que é muito pouco desenvolvido na escola, uma vez que a oralidade ainda é vista, muitas vezes pelos profissionais da educação, inclusive pelos professores, pelos pais e até pelos próprios alunos, como sinônimo de bagunça e não aula, enquanto a escrita silenciosa, em oposição, como sinônimo de disciplina e aprendizado.

6 PERSPECTIVAS DE SÍNTESE

Nesta seção apresenta-se as considerações finais, elencadas em duas partes, intituladas: “Revisitando os Objetivos da Pesquisa” e “Conclusões Possíveis”. Na primeira parte, propõe-se uma revisão dos objetivos delineados nesta pesquisa, refletindo em que medida foram alcançados durante a aplicação do projeto de ensino. Na segunda parte, relacionam-se as conclusões possíveis após a aplicação e análise da pesquisa, pontuando aspectos relevantes observados durante todo processo e às vezes revendo a estratégia de trabalho empregada para desenvolver a capacidade argumentativa oral e escrita dos aprendizes, por meio da Rota da Argumentação, conforme explicitada nos capítulos 4 e 5 desse trabalho. Para finalizar, a questão norteadora desta dissertação é retomada, pontuando em que medida a pesquisa pôde fornecer respostas para essa questão.

6.1 Revisitando os objetivos da pesquisa

Revisitando os objetivos delineados na introdução dessa dissertação, propõe-se aqui analisar em que medida eles foram alcançados no decorrer da aplicação deste trabalho, enfocando os efeitos práticos da aplicação da Rota didática da argumentação em sala de aula, em uma turma de 8º ano do ensino fundamental. Todas as atividades mencionadas nessa parte já foram relatadas detalhadamente no capítulo 4.

O primeiro objetivo elencado diz respeito ao desenvolvimento de práticas de ensino voltadas para o conhecimento dos gêneros argumentativos exposição oral, debate, fórum de discussões virtual e artigo de opinião. O que se propôs para o alcance desse objetivo foi apresentar os gêneros não de uma forma tradicional, como ocorre geralmente em aulas de língua portuguesa, quando o professor apresenta uma conceito do gênero, depois entrega um modelo para que os alunos observem ou comprovem as suas características, mas sim percorrendo um caminho inverso, deixando que os próprios alunos constatassem as características intrínsecas do gênero, por meio de uma ficha de verificação, e apenas depois

formulassem um conceito. Essa prática evidenciou que não é necessário entregar um conhecimento pronto para os alunos, mais eficaz que isso, é deixá-los construir o seu próprio conhecimento. Os efeitos disso foram notáveis no debate oral e no artigo de opinião produzidos pelos participantes da pesquisa, nos quais se observou um resgate, na prática, dos aspectos abordados, mesmo num cenário no qual a maior parte dos participantes não conheciam previamente os gêneros discursivos em questão. Vale ressaltar, que a desenvoltura demonstrada por eles na atividade relativa ao gênero fórum de discussão virtual foi muito interessante, demonstrando familiaridade e interesse por tudo que envolve a tecnologia e, sobretudo, como ela pode ser uma aliada no ensino de língua portuguesa, e mais especificamente, no desenvolvimento da capacidade discursiva dos alunos.

O segundo objetivo “Promover análise de controvérsias sobre o tema Liberdade de expressão”, acreditando como afirma Citelli (1994, p. 56) que quanto mais diálogo mantivermos com outros discursos, mais capacitados estaremos tanto para compreender os argumentos alheios como para produzir os nossos e, também, como defende Fiorin (2015, p.29), de que um discurso está sempre entrelaçado a outros, que são todos argumentativos e partes de controvérsias, refutando, apoiando, contestando, sustentando, contradizendo um determinado posicionamento, buscou-se alcançá-lo, desde a primeira atividade proposta até a última, por meio de apresentação e apreciação de diversas opiniões e argumentos, sejam dos próprios alunos, como os de outras pessoas. O desenvolvimento desse objetivo foi extremamente importante, uma vez que os alunos puderam construir durante a Rota um conhecimento pautado em várias leituras diferenciadas e não apenas em um ou nenhum conhecimento já formado sobre o tema em discussão.

Já com relação ao terceiro objetivo traçado “Promover a leitura como forma de desenvolver o ponto de vista”, apesar de a leitura não ser o foco dessa pesquisa, buscou-se promovê-la, uma vez que acredita-se ser esse um mecanismo para se desenvolver a formação do ponto de vista, como defende Citelli (1994, p.19). Para tanto, na quinta atividade desenvolveu-se o “Jogo das controvérsias”, por meio do qual os alunos tiveram acesso a argumentos diversos e controversos sobre o tema, sendo proposto que, no final, formulassem seu ponto de vista baseado nos argumentos com os quais entraram em contato. Além disso, na primeira atividade proposta foi desenvolvida uma leitura crítica de imagens e vídeos que abordavam o

tema. Nos dados gerados fica clara a importância do desenvolvimento dessas atividades para formação do ponto de vista e de sua defesa.

O quarto objetivo “Propor uma rota didática” mais eficiente para desenvolver a capacidade de argumentação” vem diretamente ao encontro do objetivo principal dessa pesquisa de “potencializar a capacidade discursiva oral dos alunos, articulando-a ao desenvolvimento da capacidade discursiva escrita”, salientando que a pouca ênfase na argumentação oral e escrita nas aulas de Língua Portuguesa foi o que motivou esse objetivo, acredita-se ser mais importante compreender e colocar em prática as estratégias de argumentação do que apenas apresentar nomenclaturas e classificações, o que costuma ter ênfase no ensino tradicional de língua Brasil. Isso pôde ser verificado não só na produção do debate e do artigo de opinião, mas durante toda a aplicação da Rota, uma vez que sua proposta foi de levar os alunos a praticarem aquilo que é um dos pontos essenciais da língua, a argumentação, começando por gêneros discursivos menos elaborados como a exposição oral espontânea, passando pelo debate virtual, nos quais foi possível perceber uma certa capacidade inerente ao usuário da língua de argumentar, até chegar a gêneros mais complexos, como o debate oral e o artigo de opinião, nos quais notou-se uma maior articulação da capacidade de argumentação, principalmente porque a essa altura os estudantes, participantes da pesquisa, já estavam mais conscientes das inúmeras estratégias argumentativas que podemos lançar mão quando nos comunicamos, seja de forma oral, seja de forma escrita.

Diante disso, pode-se afirmar que a Rota Didática da Argumentação proposta, aplicada e analisada nessa pesquisa, certamente, corrobora o quinto objetivo delineado, “contribuir para formação de cidadãos questionadores, críticos, capazes de agir no mundo”, visto que como afirma Koch (1993, p.19) “A interação social por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade”, fato que não pode ser negligenciado pela escola e que foi evidenciado pelos dados gerados. Os alunos puderam, durante as atividades, “ter voz”, questionar fatos, opiniões, argumentos, discursos, concordando, discordando, posicionando-se e agindo sobre o outro por meio da palavra.

6.2 Conclusões possíveis

Para iniciar essa seção é importante rememorar o objetivo principal da pesquisa, “elaborar e executar um projeto de ensino cujas atividades potencializem a capacidade discursiva oral dos alunos, articulando-a com o desenvolvimento da capacidade discursiva escrita desses aprendizes”, e a questão norteadora “como promover a formação de alunos aptos a defenderem sua opinião e a argumentar, discursivamente, em diferentes situações sociais?” que surgiu de uma inquietação diante da realidade vivenciada na escola no que diz respeito a visão de muitos professores de que os alunos não sabem argumentar, afirmação que, na verdade, em grande parte decorre do fato de que os estudantes não sabem escrever textos argumentativos. Essa inquietação me fez sair de um lugar de comodidade para um lugar de reflexão e um fazer pedagógico diferenciado, na busca por alcançar o objetivo proposto e obter respostas para a essa questão.

Ao longo das atividades desenvolvidas durante toda a *Rota da Argumentação*, houve uma grande participação dos estudantes envolvidos na pesquisa, sobretudo no que se refere às atividades que envolveram o uso de tecnologia, como o debate virtual, a modalidade oral e o debate de opinião com fundo controverso. Durante esse processo também foi inevitável para mim, ora professora, ora pesquisadora, repensar o meu fazer pedagógico, como afirma Bortoloni-Ricardo (2008, p. 46) “O professor pesquisador não se vê apenas como um usuário de conhecimento produzido por outros pesquisadores, mas se propõe a também produzir conhecimento sobre seus problemas profissionais, de forma a melhorar sua prática”. Assim, primeiro, foi necessário muito estudo e pesquisa, para que eu pudesse desenvolver uma proposta de trabalho mais efetiva para potencializar a capacidade discursiva oral e escrita de alunos do 8º ano, segundo, foi necessário lançar mão de práticas antes nunca realizadas por mim em sala de aula: um trabalho mais efetivo e pontual com a modalidade oral da língua, o uso de novas tecnologias, utilizar como recurso de ensino outros ambientes além da sala de aula, articular as duas modalidades da língua e, principalmente, dar voz aos alunos e ser capaz de ouvir essas vozes.

Repensar a prática como professor de língua portuguesa pode ser complexo, contudo é algo fundamental para que se possa contribuir para formação cidadã dos

alunos, uma vez que o uso da linguagem, em suas duas modalidades e diversas formas, é a maneira mais efetiva para isso, visto que é por meio da linguagem que o ser humano interage e age no mundo (Koch, 1993, p. 15).

No que tange aos objetivos delineados e revisitados na seção Perspectiva de Síntese, tanto o geral quanto os específicos, posso afirmar que a Rota da Argumentação foi pensada e criada em função deles. Em todo o percurso elaborado é possível perceber a preocupação em atingir tais objetivos. Já em relação a questão norteadora dessa pesquisa, a Rota proposta, aplicada e analisada, foi estruturada exatamente buscando promover a formação de alunos capazes de defenderem sua opinião e a argumentar, discursivamente, em diferentes situações sociais, a medida que propôs atividades que articularam as modalidades oral e escrita da língua, envolvendo diferentes gêneros discursivos, visando potencializar a sua capacidade discursiva. Dessa forma, pode-se afirmar que foram cumpridos os objetivos delineados e apresentada uma resposta à questão, materializada na proposta da Rota da Argumentação.

Durante o período de elaboração e aplicação dessa pesquisa, muito se discutiu a respeito dos documentos norteadores dos currículos escolares da educação no Brasil, como os PCNs e, o mais recente, a BNCC, os quais tive oportunidade de revisar com mais profundidade no capítulo 2, objetivando verificar quais eram as indicações no que se refere ao trabalho com o desenvolvimento da argumentação oral e escrita nas aulas de Língua Portuguesa, sobretudo no ensino fundamental II, e foi notável que a argumentação possui um lugar bem determinado, sendo destacada desde os primeiros anos escolares, passando pelo ensino fundamental II, até chegar ao ensino médio. Todavia, na escola pouco se fala em argumentação, sobretudo na modalidade oral, que ainda acarreta muita aversão por parte dos professores, devido ao fato de, primeiro, não ser compreendida como objeto de ensino, mas como uma capacidade aprendida naturalmente pelo ser humano, e, segundo, por ser concebida como sinônimo de bagunça por parte dos alunos e como “enrolação” pelos professores, pedagogos, diretores e, principalmente, pelos pais.

Diante dessa cenário, na elaboração do Projeto de Ensino proposto nessa pesquisa, houve uma grande preocupação em desenvolver a língua oral como objeto de ensino, iniciando com uma atividade mais espontânea, como a primeira, com a apresentação do tema, a segunda, realizada por meio do *Jogo das Opiniões*,

chegando a sexta atividade, que envolvia o reconhecimento do gênero e a produção de um debate de opinião com fundo controverso. Aliado a essa preocupação, pensou-se em articular a língua escrita, trabalhada a partir da primeira atividade com a produção de uma definição a respeito do tema central “liberdade de expressão”, passando pela terceira e pela quarta atividade, respectivamente, o debate virtual e a formação do ponto de vista proposto no *Jogo das Controvérsias*, finalizando com a sétima atividade, a produção de um artigo de opinião. Essa rota foi pensada como uma forma eficiente para o desenvolvimento e a potencialização da capacidade discursiva de estudantes do 8º ano do ensino fundamental, podendo ser estendida a outros anos escolares e adaptada ao trabalho com outros temas polêmicos.

O objetivo da Rota da Argumentação proposta no Projeto de Ensino não foi trabalhar a tipologia dos argumentos como muitas vezes se vê no fazer pedagógico cotidiano ou em manuais didáticos, que tentam estabelecer modelos a serem memorizados pelos estudantes, mas principalmente o de desenvolver a capacidade de argumentação, que naturalmente o ser humano já possui, fato que geralmente não é tido em conta na prática escolar. A ideia central foi colocar em prática essa capacidade, aliando a ela outros saberes, como as estratégias argumentativas, as expressões modalizadoras e as inúmeras estratégias da linguagem não verbal que utilizamos para argumentar. Isso foi o que se buscou nas atividades propostas e que se pretendeu tornar mais claro na 5ª atividade, em se propôs uma aula expositiva participativa, aliando teoria e prática.

Não podemos dizer que os alunos participantes dessa pesquisa tornaram-se mestres na argumentação oral e escrita, mas certamente notou-se um crescimento gradativo com relação ao desenvolvimento da capacidade argumentativa, o que é uma resposta muito positiva ao trabalho realizado, demonstrando sua relevância.

Um ponto que, de certo modo, pode ser considerado negativo durante a aplicação da rota foi o fato de eu ser a professora pesquisadora responsável pela aplicação do projeto, mas não ser a professora regente da turma, isso dificultou um pouco o andamento e a sequência de aplicação das atividades, tendo sido necessário estabelecer um cronograma que não interferisse no andamento das aulas de Língua Portuguesa. Certamente, desenvolvendo a Rota em sua própria turma, o professor poderá executá-la de forma mais precisa, sem tantas interrupções, com um cronograma mais linear, aproximando mais as atividades

propostas, e propondo a reescrita do último texto produzido, o artigo de opinião. Acredita-se que assim o resultado poderá ser ainda mais efetivo.

Na busca por apresentar algo relevante ao fazer pedagógico dos professores de Língua portuguesa; desde o início deste trabalho sabia-se, diante da amplitude do tema abordado aqui, que seria um desafio estudá-lo e impossível esgotá-lo. Contudo, buscou-se aqui propor um modelo prático de trabalho para que também outros professores de Língua Portuguesa dele pudessem lançar mão em sala de aula, mesmo que de forma mais ou menos adaptada.

Diante das considerações tecidas nesta seção, a expectativa que permanece e fecha, por ora, esse trabalho, é a de contribuir para novas reflexões, incitar outras investigações e novas abordagens de aspectos tão relevantes para a consolidação de práticas muito importantes, relacionadas ao domínio de habilidades fundamentais que garantam a inserção e a participação do indivíduo como cidadão consciente na sociedade.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. *Argumentação e Análise do Discurso: Perspectivas teóricas e recortes disciplinares*. Trad. Eduardo Lopes Pires e Moisés Olímpio Ferreira. Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, Ilhéus, n. 1, p. 129-144, nov. 2011. Disponível em <<http://www.uesc.br/revistas/eidea/revistas/revista1/eideaartigo12>>. Acesso em 09 de Abr. de 2016.

AMOSSY, Ruth. O lugar da argumentação na análise do discurso: abordagens e desafios contemporâneos. Tradução de Adriana Zavaglia. Filologia e linguística portuguesa, São Paulo, n. 9, p. 121-146, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59776>> Acesso em: 12 de Dez. de 2017.

AZEVEDO, Tânia Maris de. *Argumentação, conceito e texto didático: uma relação possível*. Caxias do Sul: Educs, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. Trad. Maria E. Galvão e revisão por Marina Appenzeller. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)*. Língua Portuguesa. 3º e 4º ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Base Nacional Curricular Comum (BNCC). Proposta preliminar-segunda versão. Disponível em:< <http://basenacional.comum.mec.gov.br>>. Acesso em 10 de Fev. de 2017.

BRASIL. Base Nacional Curricular Comum (BNCC). Versão final. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf>. Acesso em 04 de Jan. de 2018.

BIRKENSTEIN, Cathy; GRAFF, Gerald. Eles falam, eu falo – Guia para desenvolver a arte da escrita. Trad: Rafael Anselmé. São Paulo: Novo Conceito editora, 2011.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Postulados do paradigma interpretativista. In: O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2008, p. 31-40. (Série Estratégias de Ensino, n. 8).

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. O professor pesquisador. In: O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2008, p. 41-48. (Série Estratégias de Ensino, n. 8).

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. Revisitando o estatuto do texto. *Revista do Gelne*, v. 12, n. 2, 2010, p. 56-71.

CITELLI, Adilson. *O texto argumentativo*. São Paulo: Scipione, 1994.

CORREA, Jane Engel. O debate regrado – possibilidade de trabalho com um gênero do domínio do argumentar em uma turma do 3º ano do ensino fundamental. In:

GUIMARAES, Ana Maria de Mattos; KERSCH, Dorotea Frank (Orgs). *Caminhos da construção: projetos didáticos de gênero no domínio do argumentar*. Campinas: Mercado de letras, 2014, p. 177-191.

COSCARELLI, Carla Viana. Alfabetização e letramento digital. In: _____; RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). *Letramento digital*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005, p. 25-40.

COSTA VAL, M. G. Texto, textualidade e textualização. IN: CECCANTINI, J.L. Tápias; PEREIRA, Rony F.; ZANCHETTA JR., Juvenal. *Pedagogia Cidadã: cadernos de formação: Língua Portuguesa*. v. 1. São Paulo: UNESP, Pró-Reitoria de Graduação, 2004. p. 113-128.

CRISTÓVÃO, V. L. L.; DURÃO, A. B. A. B.; NASCIMENTO, E. L. Debate em sala de aula: práticas de linguagem em um gênero escolar. In: ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO SUL, 5., 2002, Curitiba. Curitiba, PR: UFPR, 2003.

DOLZ, Joaquim; et. al. O oral como texto: construir um objeto de ensino. In: SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J (Orgs.). Trad. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado de Letras, 2004, p.125-155.

_____. Relato da elaboração de uma sequência: o debate público. In: SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J (Orgs.). Trad. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado de Letras, 2004, p.213-239.

FIORIN, José Luiz. *Argumentação*. São Paulo Contexto, 2015.

FILOCRE, João (Coord.) O Jogo das Controvérsias. EDUCATIVA. Belo Horizonte, MG. 2016.

GERALDI, João Wanderley. et al. *O texto na sala de aula*. 3. ed. São Paulo: Ánglo, 2012.

_____. O ensino de língua portuguesa e a Base Nacional Comum Curricular. Revista *Retratos da Escola*, Brasília, v. 9, n. 17, p. 381-396, jul./dez. 2015. Disponível em: <<http://www.esforce.org.br>> Acesso em 10 de Fev. 2017.

_____. *Portos de Passagem*. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

KERSCH, Dorotea Frank. Sobre as dificuldades e desafios de se trabalhar com gêneros do domínio do argumentar. In: GUIMARAES, Ana Maria de Mattos; KERSCH, Dorotea Frank (Orgs). *Caminhos da construção: projetos didáticos de gênero no domínio do argumentar*. Campinas: Mercado de letras, 2014, p. 51-71.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e Linguagem*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1993.

LEITÃO, Selma. O lugar da argumentação na construção do conhecimento em sala de aula. In: LEITÃO, Selma; DAMIANOVIC, Maria Cristina (Orgs.). *Argumentação na escola: o conhecimento em construção*. Campinas: Pontes Editores, 2011, p. 13-46.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: E.P.U. Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 1986.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Oralidade e letramento como práticas sociais*. Luiz Antônio Marcuschi. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. Em: MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (Orgs.) *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.

RIBEIRO, Roziane Marinho. *A construção da argumentação oral no contexto de ensino*. São Paulo: Cortez, 2009. 119 p.

ROCHA, Maria Edriana dos Santos. Retórica e argumentação: análise de uma postagem autoral do *facebook*. In: REIS, Mariléia Silva do; et al (Orgs.). *Leitura & argumentação no ensino de língua portuguesa*. São Cristovão: Editora UFS, 2015, p. 140-159.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: uma abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-Roth, Désirée (orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p.152 – 183.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Modos de transposição do PCNs às práticas de sala de aula: progressão curricular e projetos. IN: A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs. ROJO, Roxane (org). São Paulo: Mercado de letras, 2000, p.10-20.

SCHNEUWLY, Bernard. Palavra e ficcionalização: um caminho para o ensino da linguagem oral. In: SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. Trad. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado de Letras, 2004, p.109-124.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. Trad. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado de Letras, 2004, p.61-78.

ZOPPI-FONTANA, M. Retórica e argumentação. In: ORLANDI, E.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (Orgs.). *Discurso e textualidade*. Campinas, SP: Pontes, 2010. p. 177-210.

APÊNDICES

APÊNDICE 1- Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, devidamente aprovados pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Minas Gerais e pelo Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Caro(a) aluno(a):

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada **“A VEZ E A VOZ DOS ADOLESCENTES: ARTICULANDO A CAPACIDADE DISCURSIVA ORAL À CAPACIDADE DISCURSIVA ESCRITA”**, desenvolvida pela professora Simone Albino da Silva Santos, mestranda no Programa de Mestrado Profissional (PROFLETRAS/UFMG), sob orientação do Professor Doutor Júlio César Vitorino, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

A pesquisa pretende colocar em prática um conjunto de ações para auxiliar você e seus colegas, alunos do 9º ano do Colégio Tiradentes da Polícia Militar de MG em Betim (MG), a aprimorarem habilidades de argumentação oral e escrita. Para tanto, propomos um Projeto de Ensino cujo objetivo consiste em elaborar e executar um projeto de ensino cujas atividades potencializem a capacidade discursiva oral dos alunos, articulando-a ao desenvolvimento da capacidade discursiva escrita desses aprendizes.

As atividades serão desenvolvidas pela professora Simone Albino da Silva Santos, no primeiro semestre de 2017, no horário regulamentar das aulas, de 7h a 11h50, nas dependências da referida escola. Pretendemos registrar em áudio, fotografias e por escrito algumas aulas em que o projeto esteja sendo desenvolvido.

Pretendemos registrar em áudio, vídeo, fotografias e por escrito algumas aulas em que o projeto esteja sendo desenvolvido. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem no desconforto em ser gravado, fotografado, filmado. Para minimizar esses riscos serão tomadas todas as providências para que se assegure a confidencialidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes da pesquisa, conforme prevê a Resolução 466/12. As medidas específicas que serão tomadas no âmbito do projeto para diminuir os riscos possíveis serão o uso de sigilo: os nomes dos participantes não serão divulgados ou tampouco aparecerão, suas imagens serão utilizadas apenas para fins acadêmico-científicos e mediante autorização de uso da imagem e voz assinado pelos pais ou responsáveis.

Para participar deste estudo você não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Você terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e não é obrigado(a) a participar da pesquisa, e as diferentes atividades realizadas no projeto não têm relação alguma com a avaliação da disciplina de Língua Portuguesa. Você é livre, também, para desistir de participar da pesquisa em qualquer momento considerado oportuno, sem nenhum prejuízo. Os resultados obtidos pela pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. O nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão e sem a permissão de seus pais ou responsáveis. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar da pesquisa, sua identidade será guardada em sigilo. Ao divulgarmos algum dado da pesquisa, garantiremos o anonimato dos participantes do projeto. As atividades desenvolvidas nessa pesquisa serão realizadas em cinco encontros no horário de aula, sendo que, caso você não queira participar da pesquisa, serão propostas outras atividades de produção de texto, as quais você realizará na biblioteca da escola com a ajuda da bibliotecária.

Caso surja qualquer dúvida ou problema, você poderá contatar o pesquisador responsável na Faculdade de Letras da UFMG, na Av. Antônio Carlos, 6627, sala 4087, no telefone: (31) 3409 – 6032 ou pelo e-mail csilvabarros@hotmail.com. E também o **Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG** pode ser consultado em caso de dúvidas éticas. Maiores informações em: https://www.ufmg.br/bioetica/coep/index.php?option=com_content&task=view&id.

Este documento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pela pesquisadora responsável e a outra será fornecida a você. Os dados, materiais e instrumentos utilizados na pesquisa, inclusive as gravações, ficarão arquivados em *Pen Drive*, com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resoluções Nº 466/12; 441/11 e a Portaria 2.201 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos. Assim, você se sentir suficientemente esclarecido(a), solicito a gentileza de assinar sua concordância no espaço abaixo.

Eu, _____, confirmo estar esclarecido(a) sobre a pesquisa e concordo em participar dela.

Assinatura do(a) aluno(a)

Prof. Dr. Júlio César Vitorino
Pesquisador Responsável - Faculdade de Letras – Universidade Federal de Minas Gerais

Professora mestranda Simone Albino da Silva Santos
Assistente de Pesquisa – Faculdade de Letras –
Universidade Federal de Minas Gerais

Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II – 2º andar – sala 2005 -Campus Pampulha Belo Horizonte – Minas Gerais – CEP: 31270-901 E-mail: coep@prpq.ufmg.br Fone: 3409-4592

APÊNDICE 2- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, devidamente aprovados pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Minas Gerais e pelo Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Caro(a) pai/mãe ou responsável:

Seu (Sua) filho(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada **“A VEZ E A VOZ DOS ADOLESCENTES: ARTICULANDO A CAPACIDADE DISCURSIVA ORAL À CAPACIDADE DISCURSIVA ESCRITA”**, desenvolvida pela professora Simone Albino da Silva Santos, mestranda no Programa de Mestrado Profissional (PROFLETRAS/UFGM), sob orientação do Professor Doutor Júlio Cesar Vitorino, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

A pesquisa pretende colocar em prática um conjunto de ações para auxiliar você e seus colegas, alunos do 9º ano do Colégio Tiradentes da Polícia Militar de MG em Betim (MG), a aprimorarem habilidades de argumentação oral e escrita. Para tanto, propomos um Projeto de Ensino cujo objetivo consiste em elaborar e executar um projeto de ensino cujas atividades potencializem a capacidade discursiva oral dos alunos, articulando-a ao desenvolvimento da capacidade discursiva escrita desses aprendizes.

Pretendemos, também, registrar em áudio, vídeo, fotografias e por escrito algumas aulas em que o projeto esteja sendo desenvolvido. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem no desconforto em ser gravado, fotografado, filmado. Para minimizar esses riscos serão tomadas todas as providências para que se assegure a confidencialidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes da pesquisa, conforme prevê a Resolução 466/12. As medidas específicas que serão tomadas no âmbito do projeto para diminuir os riscos possíveis serão o uso de sigilo: os nomes dos participantes não serão divulgados ou tampouco aparecerão, suas imagens serão utilizadas apenas para fins acadêmico-científicos e mediante autorização de uso da imagem e voz assinado pelos pais ou responsáveis.

Para participar deste estudo o (a) Sr. (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. O Sr. (a) terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e se depois de consentir a participação dele (a), o Sr. (a) não quiser que ele continue participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independentemente do motivo e sem nenhum prejuízo ao aluno. Os resultados obtidos pela pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. O nome ou o material que indique a participação de seu filho (a) não será liberado sem a sua permissão. O aluno (a) não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar da pesquisa, sua identidade será guardada em sigilo. Também o seu(sua) filho(a) não é obrigado(a) a participar da pesquisa, ela é voluntária, e as diferentes atividades realizadas no projeto não têm relação alguma com a avaliação da disciplina de Língua Portuguesa. Ele(a) é livre, também, para desistir de participar da pesquisa em qualquer momento considerado oportuno, sem nenhum prejuízo. As atividades desenvolvidas nessa pesquisa serão realizadas em cinco encontros no horário de aula, sendo que, para os alunos que não quiserem participar da pesquisa, serão propostas outras atividades de produção de texto, as quais serão realizadas na biblioteca da escola com a ajuda de uma bibliotecária.

Caso surja qualquer dúvida ou problema, você poderá contatar o pesquisador responsável na Faculdade de Letras da UFGM, na Av. Antônio Carlos, 6627, sala 4087, no telefone: (31) 3409 – 6032 ou pelo e-mail csilvabarros@hotmail.com. E também o **Comitê de Ética em Pesquisa da UFGM** pode ser consultado em caso de dúvidas éticas. Maiores informações em: https://www.ufmg.br/bioetica/coep/index.php?option=com_content&task=view&id.

Este documento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pela pesquisadora responsável e a outra será fornecida a você. Os dados, materiais e instrumentos utilizados na pesquisa, inclusive as gravações, ficarão arquivados em *Pen Drive*, com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resoluções Nº 466/12; 441/11 e a Portaria 2.201 do Conselho Nacional de Saúde e suas

complementares), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos. Assim, você se sentir suficientemente esclarecido(a), solicito a gentileza de assinar sua concordância no espaço abaixo.

Eu, _____, confirmo estar esclarecido(a) sobre a pesquisa e concordo que meu(minha) filho(a) participe dela.

Assinatura do(a) responsável

Prof. Dr. Júlio César Vitorino
Pesquisador Responsável - Faculdade de Letras – Universidade Federal de Minas Gerais

Professora mestranda Simone Albino da Silva Santos
Assistente de Pesquisa – Faculdade de Letras –
Universidade Federal de Minas Gerais

Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II – 2º andar – sala 2005 -Campus Pampulha Belo Horizonte – Minas Gerais – CEP: 31270-901 E-mail: coep@prpq.ufmg.br Fone: 3409-4592

APÊNDICE 3- Termo de autorização de uso de Imagem e voz, devidamente aprovados pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Minas Gerais e pelo Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, _____, portador (a) da Carteira de identidade RG nº. _____ AUTORIZO o uso da imagem do meu (minha) filho (a) ou do menor pelo qual sou responsável _____ em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos, áudios e documentos, para ser utilizada na pesquisa intitulada “A vez e a voz dos adolescentes: articulando a capacidade discursiva oral à capacidade discursiva escrita”, desenvolvida pela professora Simone Albino da Silva Santos, mestranda no Programa de Mestrado Profissional (PROFLETRAS/UFGM), sob orientação do Professor Doutor Júlio Cesar Vitorino, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, sejam essas destinadas somente para fins acadêmicos e científicos. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguinte forma: As imagens e a voz poderão ser exibidas: no trabalho de conclusão de curso da referida pesquisa, na apresentação audiovisual da mesma, em publicações e divulgações acadêmicas.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

_____, dia ____ de _____ de 2017.

(Assinatura)

APÊNDICE 4- Jogo das Controvérsias

QUESTÃO EM DEBATE: DEVE HAVER LIMITES PARA A LIBERDADE DE EXPRESSÃO?

Recebe o nome de **liberdade de expressão** a garantia assegurada a qualquer pessoa ao direito de se expressar, por meio de linguagens oral, escrita, artística ou qualquer outro meio de comunicação, sem ser recriminado pelas suas ideias e suas opiniões. Faz parte dos direitos humanos e é protegida pela Declaração Universal de 1948 e pelas constituições de todos os sistemas democráticos. A Constituição Brasileira (inciso IX do artigo 5º) estabelece que a liberdade de expressão consiste em direito fundamental, exercido independentemente de censura ou licença. No entanto, não se trata de algo harmônico: várias situações têm apontado que existem, na sociedade atual, abusos cometidos em nome da liberdade de expressão, incorrendo em injúrias, insultos, discriminação, manifestação de preconceitos, desrespeito à fé e a crenças e desabando em incitação ao ódio e à prática da violência. Essas situações, hoje divulgadas pelas tecnologias trazem à tona o tema e dão origem ao debate sobre os limites da liberdade de expressão.

Devem existir limites para a liberdade de expressão?

DISCIPLINA: Atualidades					
Jogo da Controvérsia Construtiva					
FICHA DE VISÕES					
Para cada visão apresentada, a seguir, marque a opção que melhor represente o grau de identificação com o seu próprio ponto de vista sobre a questão em debate.		Concordo plenamente	Concordo	Discordo	Discordo plenamente
1	A liberdade de expressão precisa, sim, de limites. Circula, hoje, mais do que nunca, um discurso discriminatório que gera danos reais à sociedade. Nós vimos no ano passado, nesse ano, vemos sempre, pessoas sendo agredidas, assassinadas em virtude da sua orientação sexual ou da sua identidade de gênero. Muitas vezes o discurso de ódio está travestido de liberdade de expressão, de liberdade religiosa. O critério é que discurso de ódio é aquele que de fato incita a violência, a discriminação, coloca que aquele grupo social merece menos respeito, menos direitos que outros grupos.	(A)	(B)	(C)	(D)
2	A liberdade não pode ter limites. O cerceamento da liberdade de expressão coloca em risco o nosso progresso. É simples ver isso, bastando pensar como estaria o mundo se as ideias controversas do passado tivessem sido caladas pelo “politicamente correto”. Darwin, Einstein, Galileu, Newton e vários outros não teriam tido a oportunidade de levantar suas teorias, que ajudaram a mudar o mundo, mas contrariavam o consenso da época. Com a exceção de ameaças ou fraudes, os indivíduos devem ser livres para falar aquilo que quiserem, não importa o quanto incomode ou choque a visão do outro. Pode-se considerar um perfeito idiota o sujeito que acha que em tudo há apenas uma opinião certa. Mas nesse mundo com liberdade de expressão, todos poderão expor suas ideias. No mundo sem tal liberdade, os que discordam da maioria estariam perdidos...	(A)	(B)	(C)	(D)

3	Todos têm liberdade para falar o que quiser, porém, precisam responder legalmente por suas palavras, principalmente nos casos em que houver calúnia, injúria e/ou difamação. O presente exposto é evidente no artigo 5º da Constituição Federal que diz ser proibido o anonimato. Ou seja, não se pode proferir algo que venha a ofender o outro e depois negar o que foi falado. Deve-se arcar sempre com as consequências daquilo que é dito e saber ouvir o que o outro tem a dizer por lhe ser garantido o direito de resposta.	(A)	(B)	(C)	(D)
4	Somos nós plenamente livres para falar o que quisermos, sobre quem quisermos e da forma que bem entendermos? A resposta está na reflexão sobre o fato de o ser humano viver em sociedade. Só se é livre quando existe o Direito, regulando o convívio social; e isso só é possível respeitando e fazendo respeitar a individualidade e a intimidade de cada um de seus membros e o bem coletivo, através do estabelecimento de limites expressos legalmente, que, de certa forma, aderem-se naturalmente a cada direito. Há, portanto, limites para o exercício da liberdade de expressão, que não ser confundido com penalidade. Os limites fazem parte do direito à liberdade de expressão, sendo necessários; sem limites não há liberdade, e sim, arbitrariedade de ações.	(A)	(B)	(C)	(D)
	GLOSSÁRIO Travestido: Que se disfarça para se parecer com seu oposto. Incitar: Estimular alguém, encorajar. Cerceamento: Imposição de limites, restrições; restrição, limitação. Proferir: Dizer em voz alta ou fazer publicar; decretar, pronunciar. Arbitrariedade: Abuso de poder ou de mando; capricho.				

FICHA DE DEPOIMENTOS

Para cada proposição abaixo, assinale a opção que melhor represente a sua avaliação sobre a importância que ela tem para a fundamentação do seu ponto de vista sobre a questão em debate.		Muito Importante	Importante	Pouca Importância	Nenhuma Importância
1	Eu me pergunto se podemos pôr em risco a segurança e a vida de outras pessoas em nome da liberdade de expressão e do livre pensar. A liberdade de opinião e o direito de expressá-la são uma conquista social, não apenas um direito individual para servir aos interesses e ao narcisismo de pessoas ou de grupos. (Luiz Carlos Barreto, Folha de S. Paulo)	(A)	(B)	(C)	(D)
2	Cumprir-me abordar o tema liberdade de expressão. A primeira pergunta que se faz, nesse assunto, é: a liberdade que se quer é para todos? Claro que sim. A segunda pergunta é: essa liberdade tem limites? Aí, dirão: liberdade não tem limites. Eu digo que tem. O limite da liberdade de cada um é o direito do outro. No momento em que você usa a sua liberdade para tolher a do outro, você não está exercendo liberdade de expressão, mas, sim, de opressão. Você está pedindo liberdade para si para tirar a liberdade de alguém. (Blog da Cidadania - Eduardo Guimarães)	(A)	(B)	(C)	(D)
3	Todo exercício da liberdade que implica ofender o outro, ameaçar a vida das pessoas e até de todo um ecossistema e violar o que é tido por sagrado, não deve ter lugar numa sociedade que se quer minimamente humana. Pouco vale alegar que há o recurso à lei. Mas um mal uma vez feito, nem sempre é reparável e deixa marcas indeléveis. (Leonardo Boff, em 25/02/2015)	(A)	(B)	(C)	(D)

4	O problema da liberdade da expressão é o "mas...", assim, com reticências. "Sou a favor da liberdade de expressão, mas..." E cada um tem o seu mas e as suas reticências. Se os mas e as reticências de todo mundo forem levadas em conta, a liberdade de expressão simplesmente deixará de existir. (Carlos Lana, colaborador da revista Pedagogia & Comunicação)	(A)	(B)	(C)	(D)
5	Penso que, no final e ao cabo, quem sai perdendo é toda a estrutura social. Ocultar a opinião que pode até nem ser verdadeira soterra o debate e elimina o direito à diferença. Mantém o estado das coisas como se encontram e não permite seja dada a outra face. Quem sabe não seria melhor a outra face? Democracia é isso! É poder, pela liberdade de expressão, dialogar com o outro em igualdade de condições sem a interferência, em tese, do poder administrativo e do dinheiro. É permitir, ao outro, ou melhor, é dar ao outro acesso ao argumento diverso do seu, até para que possa, em não concordando, buscar uma forma de contra-argumento ou, quem sabe de "defesa". Rafael da Silva Marques	(A)	(B)	(C)	(D)
6	"As pessoas precisam entender que a livre manifestação de pensamento não é absoluta", afirmou o promotor de Justiça Criminal Christiano Jorge Santos, que atua no Ministério Público de São Paulo no caso de racismo contra a jornalista Maria Júlia Coutinho, da TV Globo. O racismo também é uma forma de intolerância e preconceito, a diferença é que ele já tem uma lei que criminaliza este tipo de "opinião".(http://www.brasilpost.com.br/enois/deus-e_homofobico_b_7818074.html)	(A)	(B)	(C)	(D)
	GLOSSÁRIO Narcisismo: O indivíduo que admira exageradamente a sua própria imagem e nutre uma paixão excessiva por si mesmo. Tolher: Causar embaraço ou impedimento, pôr obstáculo a; opor-se, obstar. Indelével: Que não se pode extinguir ou destruir; indestrutível. Que o tempo não corrói; permanente.				

FICHA DE EVIDÊNCIAS

Para cada proposição abaixo, assinale a opção que melhor represente a sua avaliação sobre a importância que ela tem para a fundamentação do seu ponto de vista sobre a questão em debate.		Muito Importante	Importante	Pouca Importância	Nenhuma Importância
1	Violações à liberdade de expressão aumentam 15% em um ano no Brasil. É o que mostra o relatório "Violações à Liberdade de Expressão – Relatório Anual 2014", produzido pela ONG <u>Artigo 19</u> . O relatório foi feito com base em todos os casos de homicídios, tentativas de assassinato, ameaças de morte e de tortura ocorridos contra os dois grupos ligados à liberdade de expressão: comunicadores -- jornalistas, radialistas e blogueiros -- e defensores de direitos humanos -- lideranças rurais, quilombolas, sindicalistas, integrantes de associações. Todos os casos documentados tinham relação com as atividades de liberdade de expressão que as vítimas exerciam.	(A)	(B)	(C)	(D)
2	Uma lista chamada "TOP 10", que circula entre alunos de escolas públicas nas periferias de São Paulo, já motivou tentativas de suicídio de pelo menos 12 garotas desde o ano passado no Grajaú, Parelheiros e Embu das Artes, segundo apuração da reportagem do R7 com os movimentos sociais que fazem atendimento às garotas. Os alunos montam rankings classificando dez meninas como "vadias". Os nomes	(A)	(B)	(C)	(D)

	circulam pelo WhatsApp, vídeos no Youtube, Facebook e até cartazes colados no interior das escolas. Cada colégio tem sua lista e alguns alunos as divulgam semanalmente. As escolhidas que ficam mais de uma semana no ranking vão subindo de colocação. Desde que a lista começou, há quase um ano, a rotina dessas meninas se transformou em uma espécie de prisão e condenação sem que nada tivessem feito. Grupos ativistas tentam reverter a situação das vítimas e conscientizar os adolescentes do crime que estão cometendo. (...) Existe um "TOP 10" dos meninos, mas ele é visto como um "prêmio" pelos eleitos. Os garotos são "pegador do Grajaú" ou "Come 12 em duas horas", reproduzindo uma cultura machista que vitima as meninas. R7 Notícias (2015.)				
3	Em 2013, o MPF moveu ação contra a Band afirmando que, ao exibir as declarações preconceituosas contra os ateus, a emissora descumpriu a Constituição, segundo a qual a finalidade educativa e informativa e o respeito aos valores éticos e sociais da pessoa são princípios norteadores da programação das emissoras de televisão. A <u>Bandeirantes foi condenada</u> a exibir em rede nacional, durante o Brasil Urgente, quadros que esclarecessem a população sobre a diversidade religiosa e a liberdade de consciência e de crença no Brasil, com duração idêntica à dos comentários preconceituosos. Na <u>sentença de 2013</u>, o juiz federal Paulo Cezar Neves Junior ressaltou que a liberdade de expressão, garantida pela Constituição Federal, não pode se sobrepor a direitos fundamentais como a liberdade de crença e de convicção.	(A)	(B)	(C)	(D)
4	O deputado Jair Bolsonaro foi condenado a pagar uma indenização por ofensas homofóbicas. Recentemente, também foi obtida uma decisão judicial contra o político Levy Fidelix, em Ação Civil Pública ajuizada pela Defensoria Pública do Estado de São Paulo, por meio do Núcleo de Combate à Discriminação, Racismo e Preconceito. Ambos os casos reacenderam o debate sobre os limites (ou a ausência deles) da liberdade de expressão. A Constituição estabelece que a liberdade de expressão consiste em direito fundamental, exercido independentemente de censura ou licença (inciso IX do artigo 5º da Constituição). (www.brasilpost.com.br/2015/04/14/)	(A)	(B)	(C)	(D)
5	Jornalistas e estudantes de comunicação protestaram nesta sexta-feira, em Caracas, para exigir do governo do presidente Nicolás Maduro respeito à liberdade de expressão na Venezuela. Na véspera do dia do jornalista venezuelano, centenas de profissionais percorreram cerca de dois quilômetros - sob a vigilância da polícia - em direção à Praça Brión, no leste de Caracas. "Liberdade de expressão" foi a palavra de ordem ao longo do trajeto da passeata, que denunciou o governo Maduro por censurar e atropelar a imprensa. Este é "um protesto para exigir do Estado, das autoridades, o respeito à informação oportuna e verídica, o acesso às fontes oficiais e o respeito ao exercício do jornalismo nas ruas, sem agressões e atropelos", disse à AFP Tinedo Guía, presidente do Colégio Nacional de Jornalistas (CNP). (http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/mundo/2015/06/28/int,583491/jornalistas-protestam-por-liberdade-de-expressao-na-venezuela.shtml)	(A)	(B)	(C)	(D)
6	"O Irã continua limitando gravemente as liberdades individuais, como a liberdade de reunião, de expressão, de religião e a liberdade de imprensa", denunciou o departamento de Estado em seu relatório, num momento em que Washington e Teerã realizam negociações históricas para alcançar um acordo sobre o programa nuclear iraniano. (http://www.opovo.com.br/app/maisnoticias/mundo/2015/06/26/noticiasmun,3460342/charleston-realiza-primeiros-funerais-depois-de-chacina-em-igreja.shtml)	(A)	(B)	(C)	(D)

7	"Para mim, é um presente ver o que se pode fazer quando há respeito pela liberdade de expressão. Eu adoraria que em Cuba houvesse essas mesmas manifestações quando não gostamos de algo. Sem ser reprimido, sem ser golpeado, sem ser encarcerado. Viva a democracia", disse a cubana, naquele momento, aos documentaristas. (Em um período de cinco anos, Sánchez teve negada por mais de 20 vezes a autorização oficial para sair do país. Ao desembarcar em Salvador e Recife, a ativista recebeu, por parte de alguns, uma recepção nada calorosa.) (Yoani Sánchez) (http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2015/07/26/em-2014-cuba-teve-recorde-de-prisoas-em-2015-desafio-e-liberdade-civil.htm)	(A)	(B)	(C)	(D)
FICHA DE IMPLICAÇÕES					
Para cada proposição abaixo, assinale a opção que melhor represente a sua avaliação sobre a importância que ela tem para a fundamentação do seu ponto de vista sobre a questão em debate.		Muito Importante	Importante	Pouca Importância	Nenhuma Importância
1	Marco Civil da Internet (oficialmente chamado de Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014) é a lei que regula o uso da Internet no Brasil, por meio da previsão de princípios, garantias, direitos e deveres para quem usa a rede, bem como da determinação de diretrizes para a atuação do Estado. O Marco Civil considera a internet uma ferramenta fundamental para a liberdade de expressão e diz que ela deve ajudar o brasileiro a se comunicar e se manifestar como bem entender, nos termos da Constituição. O texto chega a apontar que "o acesso à internet é essencial ao exercício da cidadania". O internauta tem garantia de que sua vida privada não será violada, a qualidade da conexão estará em linha com o contratado e que seus dados só serão repassados a terceiros se ele aceitar - ou em casos judiciais, chegaremos a este tópico.	(A)	(B)	(C)	(D)
2	A crítica que o jornalista Zeca Camargo fez sobre a comoção que a morte do cantor Cristiano Araújo causou nos brasileiros e o espaço que o caso ganhou na imprensa não apenas gerou revolta nos fãs, como também um processo por danos morais movido contra ele pelo pai do cantor. Mas é certo um jornalista ser alvo de ação na Justiça por ter expressado sua opinião? Será que Zeca cometeu algum exagero? Ou ele simplesmente exerceu a sua função de crítico e seu direito constitucional de se expressar? Em uma análise encomendada pelo "Jornal das Dez", da Globo News, no dia 28 de junho, Zeca afirmou que o Cristiano Araújo "talvez tenha morrido cedo demais para provar que poderia ser uma paixão nacional".	(A)	(B)	(C)	(D)
3	Líder do partido Vontade Popular, López está preso desde fevereiro do ano passado, sob a acusação de ter incitado violência em manifestações contra o regime venezuelano. "Não há justiça e nem liberdade de expressão na Venezuela. Quem protesta, vai preso. Quem escreve contra Maduro, está preso. O país está destruído, com desabastecimento de alimentos e remédios", disse Lilian aos senadores. (http://www.ebc.com.br/cidadania/2015/05/mulheres-de-oposicionistas-presos-na-venezuela-denunciam-maduro-no-senado)	(A)	(B)	(C)	(D)

4	Com base no direito à liberdade de expressão, a 2ª Câmara de Direito Privado do Tribunal de Justiça de São Paulo decidiu que o Google Brasil não é obrigada a retirar do YouTube vídeos contendo críticas ao deputado estadual Abelardo Camarinha (PSB). O político alegou que entrevistas concedidas por ele foram editadas de forma pejorativa, com textos, músicas e depoimentos de pessoas hostis utilizados de forma a caluniá-lo, causando danos à sua imagem. Os vídeos tratam do aumento de salário dos integrantes do Poder Legislativo. http://www.conjur.com.br/2015-jul-22/tj-sp-nega-retirada-videos-criticas-deputado-youtube)	(A)	(B)	(C)	(D)
	GLOSSÁRIO Diretrizes: Orientações, guias, rumos. Pejorativa: Que expressa sentido desagradável ou de desaprovação; depreciativo.				

Sobre a questão em debate, **Devem existir limites para a liberdade de expressão?** elabore o seu ponto de vista inspirado nos depoimentos com os quais você mais se identificou e nas consequências positivas ou negativas que julgue mais relevantes.

PONTO DE VISTA PESSOAL

DEPOIMENTOS

		1D	2D	3D	4D	5D	6D		
EVIDÊNCIAS		Escreva o seu ponto de vista pessoal sobre a questão em debate. Assinale com um X os Depoimentos, as Implicações e as Evidências que você considerou muito importantes para apoiar os seus argumentos a favor do seu ponto de vista.							
	1E							1I	
	2E							2I	
	3E							3I	
	4E							4I	
	5E								
	6E								
	7E								

IMPLICAÇÕES

NOME: _____

APÊNDICE 5- Lista de Constatação do Gênero Debate
LISTA DE CONSTATAÇÃO
CONHECENDO O GÊNERO DEBATE

Aspectos a verificar	Resposta	Comentários
1- A linguagem é formal ou informal?		
2- Quem são os personagens ou participantes de um debate?		
3- Como é a organização espacial de um debate?		
4- Existe alguém responsável em mediar/dirigir o debate?		
5- As pessoas que fazem parte do público participam do debate?		
6- Os participantes se apoiam ou utilizam algum texto escrito?		
7- Como é introduzido um debate?		
8- Todos os debatedores falam ao mesmo tempo?		
9- Os debatedores retomam a fala dos outros?		
10- São feitas perguntas no debate?		
11- Como é o tom de voz utilizado pelos debatedores?		
12- Você observou o uso de expressões como: penso que, do meu ponto de vista, na minha opinião, concordo, discordo, concordo em parte, concordo mas...		
13- Que questão polêmica está sendo discutido?		
14- Qual /Existe um ponto de vista/tese sendo defendida?		
15- Os debatedores utilizaram expressões modalizadoras?		
16- Como defendem sua opinião?		
17- Todos os debatedores têm a mesma opinião?		
18- As opiniões contrárias foram respeitadas?		
19- Qual é a intenção/objetivo dos debatedores?		
20- Qual é o objetivo de um debate?		

APÊNCICE 6- Lista de Constatação do Gênero Artigo de Opinião

Lista de constatação Conhecendo o Gênero Artigo de opinião

Aspecto a verificar	Resposta	Comentário
1- O texto possui título? Qual? Ele anuncia o tema do texto?		
2- Quem é o autor do texto? Há informações sobre ele (a)? Quais?		
3- O texto possui parágrafos quantos?		
4- O texto foi escrito em primeira ou terceira pessoa?		
5- Para qual público o texto se destina?		
6- A linguagem é adequada ao público?		
7- Qual assunto está sendo discutido?		
8- O assunto é controverso, polêmico?		
9- O texto apresenta uma tese, opinião forte sobre o tema? Qual?		
10- O que o autor (a) utiliza para defender sua opinião?		
12- Há no texto conjunções como: Mas, porém, no entanto, entretanto, todavia, contudo, embora, apesar de...		
13- O autor (a) utilizou algum modalizador? Qual (is)?		
14- Há perguntas no texto? Elas são respondidas ou são retóricas, para reflexão?		
15- Há um foco em cada parágrafo?		
16- Qual é a intenção do autor do texto?		
17- Qual é a finalidade/objetivo do texto?		

APÊNDICE 7- Proposta de produção de um artigo de opinião

Proposta de produção

Depois de percorrer um trajeto discutindo sobre o tema “Liberdade de expressão” agora chegou o momento de fechar nossas atividades. Para isso, escreva um artigo de opinião discutindo o tema liberdade de expressão, apresentando seu ponto de vista. Lembre-se das características desse gênero. Os textos mais interessantes serão publicados na sala de aula virtual da turma.

APÊNDICE 8- Atividade 1: Aula interativa

Slide 1

LIBERDADE DE EXPRESSÃO

????????????????

Professora Simone Albino

Slide 2

EDIÇÃO 2015 PARTICIPA AQUI

TU TENS A FORÇA PARA FAZER FRENTE
AO CYBER BULLYING ☹️ #?*

SIC esperança

Slide 3



Slide 4



Slide 5



Slide 6



Slide 7



Slide 8



Slide 9



Slide
10

Slide 11

Slide
12

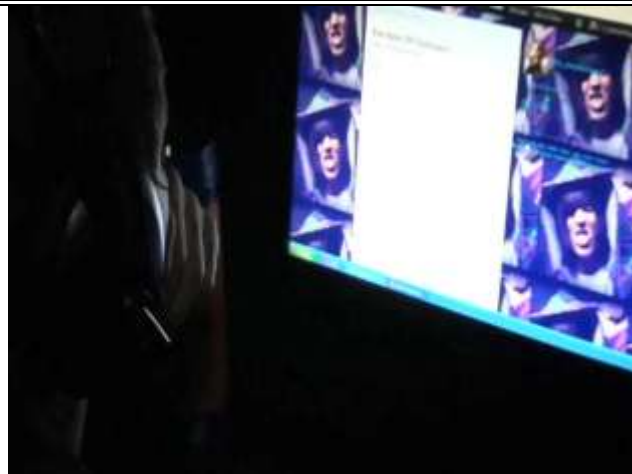
Slide
13



Slide
14



Slide
15



Slide 16

- FONTE
- Cyberbullying. Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=imagem+sic+speran%C3%A7a-participe+aqui+ciberbullying&client=firefox-b&dc=0&tbn=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwiAx9azndHYAhWMh5AKHYWeAl0QsAQIKQ&biw=1366&bih=636#imgrc=ap62NP7K98LUoM>> Acesso em: 04 de Abr. de 2017.
- Facebook. <<https://www.google.com.br/search?q=imagem+facebook&client=firefox-b&dc=0&tbn=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwj7ipvAntHYAhVJTJAKHskIAQ4QsAQIJw&biw=1366&bih=636#imgrc=JpDPmejvaXlpnM>> Acesso em: 04 de Abr. de 2017.
- Stephanie ribeiro, feminista, negra, silenciada. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/outrofobia/2015/10/27/stephanie-ribeiro-feminista-negra-silenciada/>> Acesso em: Acesso em: 04 de Abr. de 2017.
- 80 anos do voto feminino. Disponível em: <<http://www.bpwsp.org.br/index.php?pg=noticias/201203-noticia12>> Acesso em: Acesso em: 04 de Abr. de 2017.
- Islã: Além do véu. Disponível em: <<http://femindbr.blogspot.com.br/2015/01/alem-do-veu.html>> Acesso em: Acesso em: 04 de Abr. de 2017.
- Cristão perseguidos. <https://www.google.com.br/search?q=imagem:+crist%C3%A3o+perseguidos+e+se+fosse+voce&client=firefox-b&dc=0&tbn=isch&source=iu&ictx=1&fir=mxblTGd-WSdtAM%253A%252CUITy6sQdEVV2JM%252C_&usq=GdxAQ5rBYCaf-dmRDrwevJa5N9k%3D&sa=X&ved=0ahUKEwiSnMD5l9HYAhXBgZAKHQ_EASgQ9QEIKjAA#imgrc=mxblTGd-WSdtAM> Acesso em: Acesso em: 04 de Abr. de 2017.

Slide 17

- FONTE
- Contra censura pela cultura: <<https://www.google.com.br/search?q=imagem+mulheres:+contra+censuro+pela+cultura&client=firefox-b&dc=0&tbn=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwjM4ry7mNHYAhWBS5AKHTNLAD8QsAQIKQ&biw=1366&bih=636#imgrc=agtrIsMF2lYjeM>> Acesso em: Acesso em: 04 de Abr. de 2017.
- Chega de silencio basta corrupção. Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=imagem+manifesta%C3%A7%C3%A3o:+chega+de+sil%C3%Aancio+basta&client=firefox-b&dc=0&tbn=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwjRjOOFmdHYAhXFfpAKHZVTCfAQsAQIKg&biw=1366&bih=636#imgrc=S0zR0RqmXT7cBM>> Acesso em: Acesso em: 04 de Abr. de 2017.
- Vídeo 1: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qem_OOGZEjk> Acesso em: 05 de Abr. de 2017.
- Vídeo 2: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0vmW0z2-LZA>> Acesso em: 05 de Abr. de 2017.
- Vídeo 3: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0YhPFUPH0HA>> Acesso em: 05 de Abr. de 2017.

APÊNDICE 9- Atividade 5: Aula teórica prática - Estratégias de argumentação

Slide 1

ArgumentAÇÃO

O QUE É ISSO?

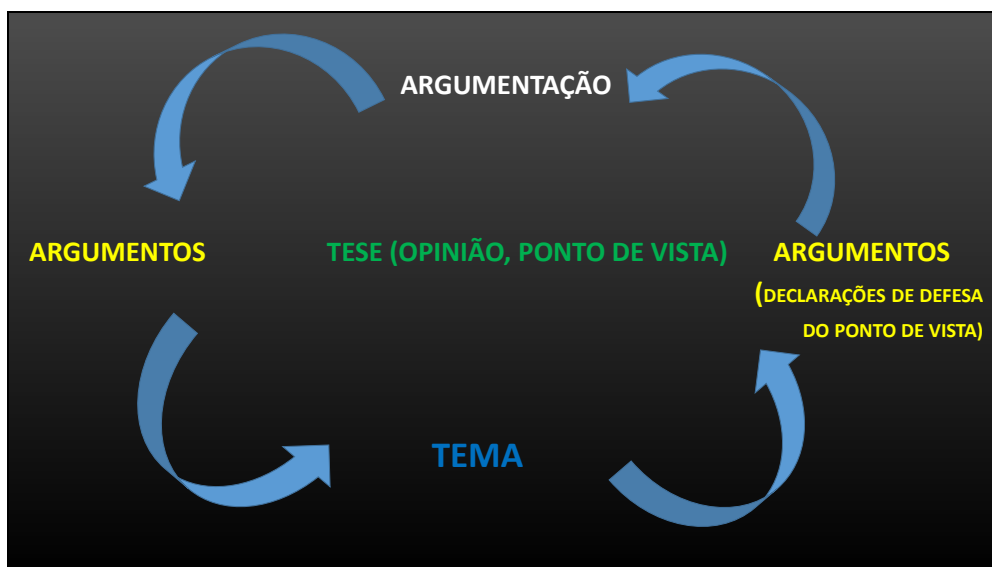
Professora Simone Albino

Slide 2

BUSCANDO UMA DEFINIÇÃO:

- Troca de palavras em controvérsia, disputa; discussão.
- É a capacidade de relacionar fatos, teses, estudos, opiniões, problemas e possíveis soluções a fim de FUNDAMENTAR determinado pensamento ou ideia.
- Trata-se do raciocínio que se utiliza para demonstrar ou comprovar uma proposição ou para convencer outra pessoa daquilo que se afirma ou se nega.

Slide 3



Slide 4

ALGUMAS ESTRATÉGIA DE ARGUMENTAÇÃO

Slide 5

- EXPLICAÇÃO (como, por que)

A leitura é importante em nossa vida, porque nossa memória vai se desgastando com o tempo, a leitura fixa mais informações no cérebro, fazendo que lembremos de coisas para o resto de nossas vidas.

Slide 6

- CONSEQUÊNCIA POSITIVA

A leitura é um ato de grande importância para a aprendizagem do ser humano, além de favorecer o aprendizado de conteúdos específicos, aprimora a escrita, ajuda ainda a formular e organizar uma linha de pensamento.

Slide 7

- CONSEQUÊNCIA NEGATIVA

A leitura não foi estimulada no Brasil desde a época da colonização. Por isso, até hoje as famílias brasileiras não criaram o hábito da leitura. Há desinteresse e indiferença ao universo escrito, muitas vezes os livros servem para decorar estantes.

Slide 8

- EXEMPLO

O hábito de leitura começa em casa. No Japão, por exemplo, a versão impressa do jornal Asahi Shimbun é lida por mais de 12 milhões de cidadãos diariamente.

Slide 9

- CITAÇÃO

Infelizmente, o hábito de leitura tem sido abandonado em nome da tecnologia. Nós, pais, precisamos concordar com as palavras de Bill Gates, que diz: “Meus filhos terão computadores, sim, mas antes terão livros. Sem livros, sem leitura, os nossos filhos serão incapazes de escrever – inclusive a sua própria história”, não se pode abrir mão da leitura.

Slide 10

- Comprovação com dados estatísticos, pesquisa...

O hábito de leitura no Brasil é pequeno e precisa ser muito estimulado pela escola, como prova disso são os dados apontados pela pesquisa do Retratos da Leitura, em sua 4.ª edição em São Paulo, mostram que 44% da população brasileira não lê e 30% nunca comprou um livro.

Slide 11

- Contra-argumento

Muitos acreditam que os livros estão ultrapassados no mundo tecnológico em que vivemos, mas é preciso entender que ter acesso a computadores e internet não significa que os livros podem ser descartados. Não se pode abrir mão da leitura e, portanto, não se pode abandonar os livros.

Slide 12

Agora é sua vez

Concordo em parte...

A leitura é fundamental na formação do aluno. Concordo em parte com essa afirmação, a leitura é mesmo fundamental, pois traz inúmeros benefícios, mas somente a leitura não garante a formação de um aluno competente, a escrita e a leitura caminham juntas nessa formação.

Slide 13

Agora é sua vez

Ler um jornal significa saber o que se passa no mundo. A leitura aprofundada de um jornal permite-nos obter mais informações que um noticiário de televisão. Além disso, o jornal tem classificados sobre empregos, filmes, serviços e ainda informações sobre esporte.

Slide 14

- Expressões modalizadoras que mostram a posição de um autor:

O vídeo game é prejudicial a saúde da criança.

Constatação- Eu vejo que, eu percebo

Certeza - Eu acredito, Tenho certeza, é certo

Possibilidade- É possível, talvez, provavelmente

Obrigatoriedade – Todos precisam entender, não se pode negar

Julgamento- Infelizmente, felizmente

Slide 15

Agora é sua vez:
Controlar o acesso a internet é primordial.

Constatação-
Certeza -
Possibilidade-
Obrigatoriedade –
Julgamento-

Slide 16

Fonte:

- ARAUJO, Ana Paula de. Argumentação. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/redacao/argumentacao/>> Acesso em: 06 de Jun. de 2017.
- Conceito de argumento - O que é, Definição e Significado. Disponível em: <http://conceito.de/argumento/#ixzz4jBxk27x5>. Acesso em: 06 de Jun. de 2017.
- GROSS, Marcos. A falta de leitura tem seu preço. Disponível em: <<http://www.catho.com.br/carreira-sucesso/colunistas/marcos-gross/a-falta-de-leitura-tem-seu-preco>> Acesso em: 06 de Jun. de 2017.

Slide 17

Fonte:

- Por que a leitura é importante. Disponível em: <<http://clikaki.com.br/por-que-a-leitura-e-importante>> Acesso em: 06 de Jun. de 2017.
- RODRIGUES, Maria Fernanda. 44% da população brasileira não lê e 30% nunca comprou um livro, aponta pesquisa Retratos da Leitura. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/blogs/babel/44-da-populacao-brasileira-nao-le-e-30-nunca-comprou-um-livro-aponta-pesquisa-retratos-da-leitura/> Acesso em: 06 de Jun. de 2017.
- O debate: argumentação e contra-argumentação orais. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=20527> Acesso em: 06 de Jun. de 2017.

ANEXOS

ANEXO 1- Artigos de opinião utilizados como exemplos na última atividade da Rota

O que deixar para nossas crianças

Lya Luft

Aos que detestam datas marcadas, porque as consideram exploração comercial, digo que concordo em parte; explora-se a nossa burrice existencial básica, que se submete aos modismos, às propagandas, ao consumismo desvairado. Pais que se endividam para comprar brinquedos e objetos caros e supérfluos para crianças que poderiam fazer coisa bem mais interessante, como jogar bola, pular corda, ler um livro, armar um quebra-cabeça, praticar esporte. Isso acontece na Páscoa, no Dia das Crianças, no Natal, em cada aniversário. Nesse aspecto, acho que os dias marcados para celebrar coisas positivas se tornam – para os tolos e frívolos, os desavisados – coisa negativa, fonte de tormento e preocupação.

Mas, visto sob outro prisma, não acho ruim existirem datas em que a gente é levada a lembrar, a demonstrar o afeto que se dilui no cotidiano, a fazer algum gesto carinhoso a mais. A prestar uma homenagem: refiro-me agora à data vizinha do Dia das Crianças, o Dia do Professor, celebrado na semana passada. Ofício tão desprestigiado, por mal pago, pouco respeitado e mal amado, que milhares e milhares de jovens escolhem outra carreira. E não me falem de sacerdócio: o professor, ou a professora, precisa comer e dar de comer, morar e pagar moradia, transportar-se e pagar transporte, comprar remédio, respirar, viver. Além disso, deveria poder estudar, ler, comprar livros, aperfeiçoar-se e descansar para enfrentar o dia-a-dia de uma profissão muito desgastante.

Então, reunindo a idéia das duas datas, crianças e mestres, reflito um pouco sobre o que me sugeriu dias atrás um amigo: “- Escreva sobre que mundo estamos deixando para nossas crianças, pois vai nascer minha primeira neta, e essa questão se tornou presente em minha vida”.

Pois é. Criança tem entre muitos esse dom de nos dar um belo susto existencial: abala as estruturas da nossa conformidade, nos torna alerta, nos deixa ansiosos. O que estou fazendo por ela, o que posso fazer por ela, quem devo ser ou me tornar para representar um bem para esse neto ou neta, filho ou filha, aluno ou aluna?

Se forem as crianças de minha casa, a questão se torna crucial, e o amor é a dádiva primeira. E aí entram também os casais, tema por vezes espinhoso. Temos em casa um clima fundamentalmente bom e harmonioso, apesar das naturais diferenças e dificuldades? Por baixo do cotidiano de aparente rotina corre um rio de afeto ou grassam discórdia e rancores? Como apresentar ao imaginário infantil a figura do nosso parceiro ou parceira? Lembro aqui a atitude infeliz de tantas mulheres: desabafar diante dos filhos, pequenos ou adultos, sua raiva e insatisfação. Pior; usar os filhos para manipular emocionalmente o parceiro, usando-os para promover a própria vitimização e tornar quase um monstro o pai deles.

Vão mais uma vez dizer que privilegio os homens, mas essa postura, vingativa, cruel e mesquinha, é muito mais freqüente nas mulheres, sobretudo nas separadas. Não somos todas umas santas, não somos boazinhas. A mãe-vítima e a santa esposa me assustam: hão de cobrar, com altos juro, todo esse sacrifício.

Enfim: que legado deixamos para as crianças? Primeiro, vem o legado pessoal: quem somos, quem podemos ser, quem poderíamos nos tornar, para que elas tenham um mínimo de confiança, um mínimo de amor por si próprias, um mínimo de otimismo para poder enfrentar a dura vida. Depois, podemos olhar para fora e imaginar um mundo, pelo menos um país, onde elas não tenham de presenciar espetáculos degradantes de corrupção, melancólicos jogos de interesse ou de poder. Onde os líderes sejam honrados, onde seus pais não se desesperem nem descreiam de tudo. Onde todos tenham escolas sólidas com professores bem pagos e bem preparados. Onde, em precisando, elas disponham de hospitais excelentes e médicos em abundância, de higiene em sua casa, comida em sua mesa, horizonte em sua vida. E que as crianças possam ter a seu lado, mais que um anjo da guarda, a Senhora Esperança: ela será a melhor companheira e o mais precioso legado.

Lya Luft (1938) é uma escritora brasileira. Sua produção literária reúne poesias, ensaios, contos, literatura infantil, crônicas e romances. É colunista da Revista Veja. Foi tradutora e professora universitária.

(Fonte: <http://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/8216-educacao-reprovada-8217-um-artigo-de-lya-luft>)

As redes sociais digitais: necessidade ou vício?

Tania Tait

Com o advento dos aparelhos móveis e a ampliação dos recursos dos celulares, a expansão da internet se dá de forma assustadora e seu uso passa de esporádico para instantâneo. Essa evolução, ao fortalecer o paradigma de “computador onde a pessoa se encontra, a qualquer hora e lugar”, referindo-se aos aparelhos móveis, modifica também comportamentos como o chamado “vício eletrônico”.

Antes, a expressão indicava o vício das pessoas que não conseguiam se deligar de seus computadores para entrar nas redes sociais, jogar, fazer comentários ou verificar o que está sendo postado. Hoje, a situação se torna mais complexa e alarmante. Basta observar ao redor: pessoas caminhando e usando celular; pessoas em bares e restaurantes que não interagem com outras pessoas, mas com seus aparelhos. Crianças e adolescentes conectados o tempo todo. Adultos usando aparelhos de comunicação em festas e cerimônias formais. Imagens sendo postadas e divulgadas em cada momento. O chamado vício agora se irradia: as pessoas podem acessar suas informações em qualquer lugar e horário, pois carregam os aparelhos consigo.

Ao lado dos inúmeros serviços ofertados na internet, tais como a realização de pesquisas, serviços bancários, serviços públicos e a comercialização de produtos e serviços, entre outros, encontra-se uma forma de comunicação via redes sociais, que se tornou parte do dia a dia das pessoas em todo o mundo. O próprio conceito de redes sociais é antigo e indica a integração de pessoas que têm um objetivo comum e se comunicam para compartilhar ideias ou realizar ações conjuntas. No caso das redes sociais digitais, essa comunicação se dá por meio de uma tecnologia, que fornece acesso por meio de diversos tipos de aparelhos (celulares, tablets etc).

Cada vez mais atraentes, as redes sociais são utilizadas também pelas empresas na promoção de seus bens e serviços, com base no perfil dos usuários e seus interesses. Há uma estrutura para capturar as informações via redes sociais e transformá-las em conteúdo para marketing e propaganda, para captar novos clientes ou garantir os existentes.

Percebe-se, entretanto, que as redes sociais digitais possuem um tempo de vida útil. A rede social digital mais utilizada, atualmente, começa a apresentar desgaste devido ao uso de “correntes”, pensamentos de autores que nem sempre são verídicos, comentários pagos por partidos políticos e excesso de propagandas de empresas na comercialização de seus produtos e serviços. Essas informações descaracterizam o que inicialmente seria utilizado para que as pessoas se comunicassem.

Além dos problemas psicológicos de vício e isolamento social que estão sendo estudados, não se pode negligenciar outros itens no quesito saúde, devido à radiação e ao contato direto com os aparelhos, que trazem problemas como diminuição da visão, tendinite, dor nas costas, má postura e ansiedade, entre outros.

Destaca-se, por sua vez, o lado fantástico dessa tecnologia que possibilita comunicação em tempo real, com fotos, imagens e comentários, o que pode aproximar as pessoas e colocá-las a par dos acontecimentos familiares, de relacionamentos e de acontecimentos de interesse público, mesmo a longa distância. Inclusive comenta-se que as pessoas nunca escreveram ou leram tanto como após o advento das tecnologias de informação e comunicação. Não vamos entrar aqui no mérito do que e de como se escreve, o que tem se tornado preocupação dos professores e professoras de Língua Portuguesa pela qualidade duvidosa e pelos incontáveis erros de escrita que circulam pela internet.

Enfim, devemos aprender a dosar o uso das novas tecnologias de comunicação para que seus benefícios possam ser aproveitados de maneira a contribuir para a real aproximação e compartilhamento entre as pessoas, com liberdade e não como escravidão e dominação.

Professora Associada do Departamento de Informática da Universidade Estadual de Maringá (UEM), aposentada em julho/2014. Professora e coordenadora do Curso de Engenharia de Computação da FEITEP. Pós-doutoranda em História.

(fonte: <http://www.gazetadopovo.com.br/opinioao/artigos/as-redes-sociais-digitais-necessidade-ou-vicio>.)

ANEXO 2- Compêndio dos Comentários Produzidos Pelos Participante da Pesquisa no Debate Virtual

Deve haver limites para a Liberdade de expressão?

sim, todos temos liberdade de expressão mas temos que respeitar a opinião dos outros ,pois cada um tem sua opinião.

Claro. bom no conceito, podemos postar o que quiser mas, independente do que seja(o que você vai postar) haverá consequências . E as vezes podemos ate causar uma briga em rede social. Então devemos medir nossas palavras e evitar conflitos!

Pensando bem.... nao temos total liberdade de expressão pois a liberdade de expressão nao consiste em postagens na internet .. em atos também, e com isso um exemplo.. vamos supor que a pessoa e a favor do nazismo ir em meio de uma praça publica com uma bandeira do tal. essa pessoa nao sairia dali livre eu acho..kkkkk mesmo que aquela seja sua opiniao. por isso temos ate pela lei limitar sua opiniao. mesmo que vc seja a favor (nessa situação) mas em outras como nao do tipo desse exemplo, podemos expresar nossos argumentos e o que achamos mas com moderação e respeito.

Sim; você não pode agir ou argumentar o que você quiser e nem fazer mal a alguém pois você pode magoar as pessoas, elas podem ficar tristes e nem falar com você mais!

SIM, MAS DEVEMOS TER CONSCIENCIA DO QUE ESTAMOS FALANDO.

concordo, consciencia e também respeito.

Sim, Pois podemos ofender algumas pessoas . Existem alguns limites para comentários. Quis dizer que NÃO devemos ofender as outras pessoas e sim TER LIMITES sobre nossos comentários para não ofender os outros... dependendo da pessoa e dboa. mas temos que saber que tem pessoas nesse mundo que nao aceita e nao leva na brincadeira e isso pode gerar confusão.

Sim. Porque podemos expressar nossa opinião sempre, por ser um direito de todos ,porém devemos pensar antes de falar para não ofender ninguém e não ser de certa forma grosseiro.

Concordo...plenamente!!
concordo!

Não. porque quem está digitando sou eu, deus me deu uma boca e com ela falo o que quiser!
Não concordo, pois devemos ter limites para expressar nossa opinião. mas o nome mesmo já fala, liberdade de expressão.

Sim, o livre arbítrio esta ai e podemos falar e fazer qualquer coisa que quisermos. Mas dependendo do que vc demonstrar ou agir podemos afetar o próximo.. Como eu disse para o Lucas: (isso depende muito, as vezes o que vc divulga ou demonstra nas suas ações pode afetar outra pessoa que dependendo pode servir para ela. entao como vc disse preocupe mais com suas palavras e pense nas consequências que´´a sua boca`` ira causar).

não, pois o próprio nome já diz, "liberdade" tudo se pode fazer mas nem tudo está correto.!!!!
Mas se nem tudo está correto porque tudo se pode fazer?

sim, porque e direito de qualquer pessoa fala livremente sua opinião, mas sem magoar.

Claro que existe. Eu gosto de dividir a liberdade de expressão em dois casos, a liberdade de expressão absoluta e a convencional Algumas pessoas confundem liberdade de expressão absoluta com a liberdade de expressão convencional, o correto é a forma convencional pois ela apenas expressa a sua opinião sem ofender ou atacar ninguém, já a absoluta é completamente o oposto, pois ela não tem limites, e usa a convencional como justificativa para os seus ataques e ofensas.
slk... concordo plenamente. tem pessoas que nao sabem a diferença.

Para alguns, ela deve ser geral e irrestrita, pois, se houver limites, não existirá liberdade de fato. Outros, consideram que há temas como a religião, que devem ser preservados, pois o direito de se expressar livremente não inclui a possibilidade de ofender. Há ainda quem defenda que a liberdade tem de coexistir com a responsabilidade e se submeter a uma ética.

Sim, pelo fato de termos que saber quando e como utilizar essa liberdade, pois não consiste apenas no que queremos, mas no impacto que isso causará no outro. Um dos limites é pensar como isso irá afetar o outro. Porque toda ação tem uma reação.

Concordo, plenamente.

Sim, Você tem que ter cuidado para não ofender as pessoas com as suas palavras. Porquê elas podem ter ideias diferentes das suas e você pode não concordar também com as delas.

sim, podemos expressar nossa opinião mas só não podemos machucar os sentimentos dos outros pois, ofender as pessoas é errado.

Sim, há limites.

A liberdade de expressão não consiste só em expressar como e o que quiser, consiste em limites e ética, devemos ter a consciência e cidadania de respeitar e conviver de uma maneira harmoniosa com todos ao seu redor. Como exemplo, não é de boa maneira falar e fazer tudo que se pensa, devemos rever os atos antes de falar ou agir.

Ética é cidadania entre povos.

Se for assim, não será liberdade, será "expressão do que os outros querem ouvir".

Mas vamos supor H. R., todos temos uma liberdade de expressão, sim isso eu concordo, podemos impor nossas opiniões é o que achamos. mas, um exemplo: eu acho uma pessoa chata, feia etc..dependendo de quem se trata ela não vai gostar nem um pouco e tem casos (nao nesse exemplo né) mas tem casos em que a pessoa pode até te processar. Entao vc vai ter que assumir as consequencias de seus atos. Como a S. G. falo : `` toda acao tem uma reação`` sendo ela boa ou ruim.

Sim. Há pessoas que não medem suas palavras antes de proferi-la a alguém. Temos de ter limites pelo fato de que as vezes podemos, por exemplo, estar ofendendo a outra pessoa. Concordo plenamente sobre termos de ter limites.

concordo!!

sim, porem devemos ter cuidado com o que dizemos e fazemos.

Talvez. Motivos como futebol coisas que pessoas não aceitam sua opinião. Pois dependendo da pessoa ela pode levar para o pessoal e partir para agressão.

Concordo, mas vem de cada um sua reação e respeito aos outros.

é . as vezes as pessoas causam uma briga por motivos bobos . Como o exemplo do futebol.

Não , pois a boca é minha e quem deve se preocupar com as minhas palavras sou eu!

A boca é sua e Deus lhe deu, mas quando tirar vai pensar em tudo que falou enquanto a tinha.

É, mas no caso, eu sou ateu, ou seja, não tem como alguém que para mim não existe tirar algo de mim!

isso depende muito, as vezes o que vc divulga ou demonstra nas suas ações pode afetar outra pessoa que dependendo pode servir para ela. entao como vc disse preocupe mais com suas palavras e pense nas consequências que a sua boca ira causar.

Sra mas é como o H. falou, é liberdade de expressão.. Já que não posso falar o que eu bem quero não é liberdade de expressão e sim falando o que os outros querem ouvir.

nunca ninguém disse que vc não pode falar mas se vc tiver apenas um pinga de respeito com o próximo vc poderia impor sua opinião , demonstrala sem atingir níveis extremos mesmo que a opinião seja diferente.

Sra, respeito eu até tenho, mas não deixarei de dar a minha opinião sobre o assunto só porque uma pessoa irá gostar ou deixar de gostar. Mas o objetivo não é ofender ninguém, é só dar a opinião sobre o assunto.

entao.. kkkk é isso que eu estou falando, podemos expressar nossa opinião ,outra pessoa de opinião oposta claramente não vai gostar,mas vc está expondo sua opinião. o problema é quando vc

estrapola e isso pode até gerar uma briga sendo que vc poderia resolver isso pacificamente. e de acordo com sua resposta(Não , pois a boca é minha e quem deve se preocupar com as minhas palavras sou eu!) deu a entender que independente da opinião dos outros e aquilo é pronto . vc pode expor sua opinião e falar o que acha,mas pacificamente...

De fato a boca é sua, você pode falar o que quiser...

Mas a partir do momento que suas palavras denigre a imagem dos outros, você certamente irá ser processado, aliás existem leis que falam que injúria é crime.

Então por esse motivo considero que há limites para liberdade de expressão.

Como eu mesmo já falei, o objetivo é dar opinião e não ofender alguém, ou seja, não estou falando mal de alguém e nem denegrindo a imagem da pessoa, tu tá confundindo as coisas sra.

Então... em seu comentário tu afirmou que NÃO há limites para liberdade de expressão, em cima disso fiz uma observação.

Da mesma forma eu fiz uma observação falando mais para o lado de opinião, até porque disse que o objetivo não é ofender alguém, ou seja, não para o lado ofensivo.

"Não , pois a boca é minha e quem deve se preocupar com as minhas palavras sou eu!"

Em nenhum momento vc citou que temos liberdade apenas para dar opiniões.

Liberdade de expressão é um tema que não aborda somente as opiniões que temos sobre o mundo.

E sim a forma na qual falamos e agimos perante a sociedade.

Sim não aborda somente isto, mas como eu disse eu fiz uma observação perante um comentário que fiz na minha frase, caso não tenha entendido. E liberdade de expressão, você está se expressando em relação a algo, não ofendendo e xingando alguém, acho que deveria procurar saber mais sobre isso sra.

Inicialmente tu postou :Não , pois a boca é minha e quem deve se preocupar com as minhas palavras sou eu!

Ou seja você indiretamente disse que pode falar o que bem entender ... Depois afirmou que estava falando somente sobre dar sua opinião...

Meio distorcido uma resposta da outra.

Sim, acho que pelo fato da boca ser minha eu posso falar e me expressar o que eu quiser e sobre o que quiser. Eu disse que estava me referindo mais para a parte de opinião, e me expressar sobre algo é mais para o lado de expressão e não sair difamando todos e sem motivo. Mais para o lado de opinião.

Então esse é o ponto...

Não há problemas em expressar suas opiniões

Desde que não difame a imagem de alguém...

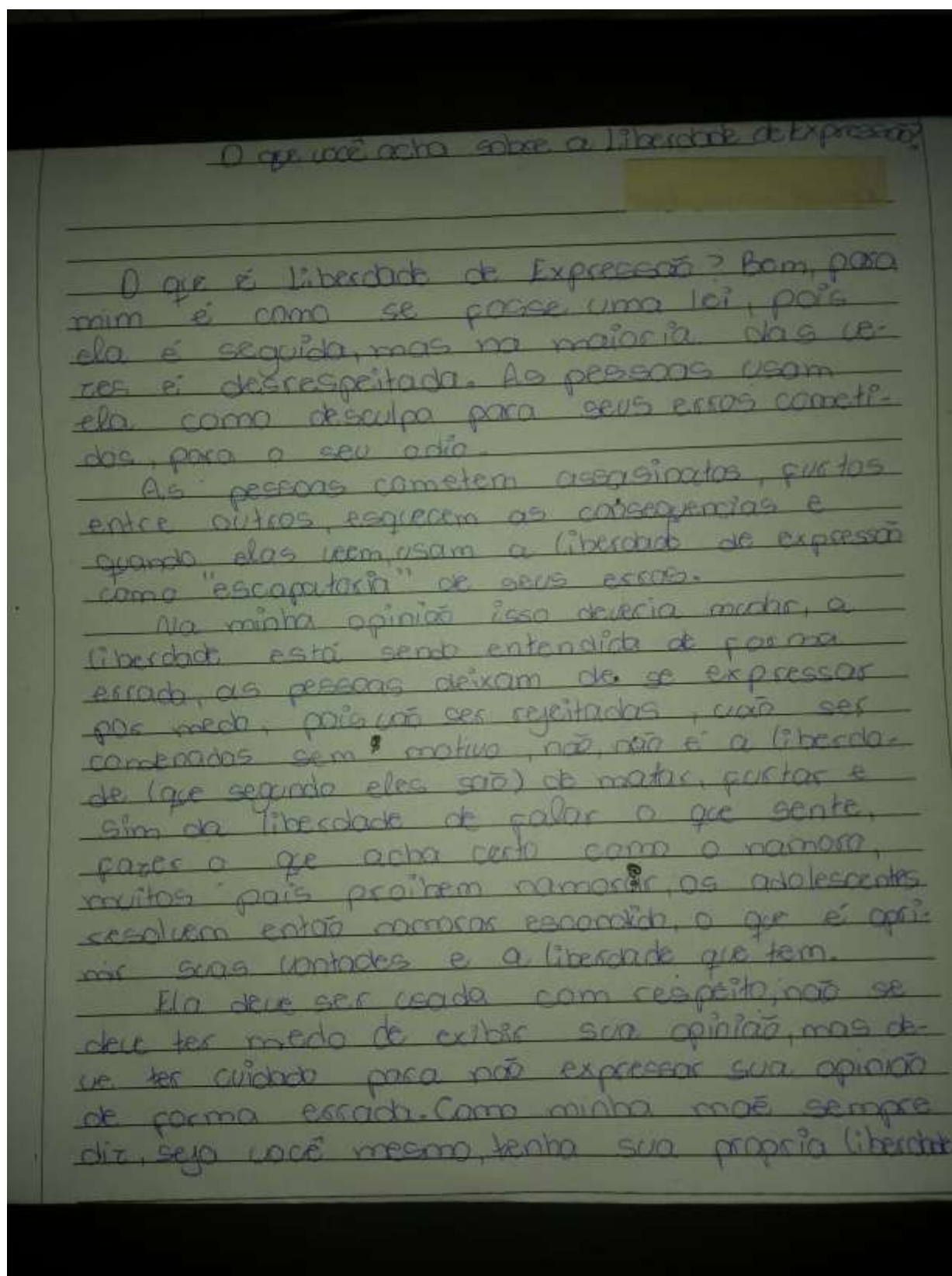
Sim , para não conseguir machucar os outros.

sim, todos nós devemos ter liberdade de expressão tendo respeito, pois as formas que falamos com as pessoas conta bastante, nem sempre as pessoas acham a mesma coisa que você, por isso devemos pensar antes de agir.

Sim. Porque as vezes o que falamos vai afetar o próximo e isso causará consequências , e independente delas temos que respeitar as pessoas . porque pensando bem se fizermos uma coisa ruim ao outro iríamos querer que fizessem com a gente?

concordo.. essa resposta foi bem elaborada hein...

ANEXO 3- Textos selecionados para publicação na sala virtual



A liberdade de expressão

A liberdade de expressão é algo importante e muito utilizado pela nossa sociedade, ela está sempre em nossa vida em todos os momentos.

Ela ocorre por exemplo na internet, em algum diálogo com a família ou amigos, na religião, estilo, etc. Na internet é muito usada, há sempre várias postagens de pessoas se expressando com suas opiniões de vários tipos de assuntos, e sempre há alguma pessoa discordando ou concordando com suas opiniões. Na religião também é muito usada pelo poder ou não de expressar no que você acredita. Ou seja, a liberdade de expressão está sempre conosco e é um direito nosso poder demonstrar sua opinião de vários assuntos diferentes.

A liberdade de expressão é um direito de todos e podemos usa-la sempre que quisermos mas, em minha opinião, devemos usa-la com cuidado, pois podemos ofender algumas pessoas com nossa opinião, como por exemplo, isso acontece muito na internet, muitas pessoas fazem comentários com ou sem intenção que acaba ofendendo outras pessoas através de postagens sobre religião, sexualidade, estilo, etc.

Também, não podemos deixar que algumas pessoas nos tirem nosso direito de liberdade de expressão, e isso acontece muito, como por exemplo na religião onde existem

várias proibições, algumas delas prendendo sua liberdade de expressão, onde não se pode comentar e se expressar. Como o nome já diz: "liberdade", não podemos deixar que ninguém tire essa nossa liberdade para se expressar, acreditar no que quiser, para comentar, para vestir, para escrever, etc.

Qu seja, temos e podemos usar a liberdade de expressão mas sem ofender as outras pessoas e nunca deixar que tirem o nosso direito de poder nos expressar.

Liberdade de Expressão e Limites Caminhos Juntos

O que é liberdade de expressão? É ter o direito de expressar algo. Assim tendo seus limites e suas consequências. Todos têm o direito de expressar o que quer, mas não as consequências necessárias.

Muitas pessoas acham que não deixam sentir a liberdade de expressão, pois acabam tornando essa liberdade em algo negativo. Mas aí que entra a questão de sentir ou não limites na liberdade de expressão. Os limites faz com que as pessoas tenham consciência do que expressam. Se você está na internet e quer expressar o que está sentindo no momento, você tem o direito de expressar, mas tomar cuidado com o que você expressar, pois se o que você diz pode tornar algo contra você mesmo. Eu acho que deixam sentir não a liberdade de expressão, mas com os limites necessários.

Contudo a liberdade de expressão caminha junto com os limites, pois sem limites não há liberdade e sem liberdade não há limites. Logo na sociedade em que vivemos falar em liberdade significa ter o direito de fazer o que quer, mas não é assim. Enfim, liberdade de expressão não pode expressar o que quer, mas com limites.

Ocupado entretanto a liberdade de expressão

Liberdade de expressão é a liberdade que temos de expressar nossas sentimentos e opiniões. É um tema bastante discutido pela gente das pessoas, temos opiniões diferentes e isso sempre é um tema bastante discutido e é a liberdade de expressão. Diante disso eu te pergunto: Como vivenciamos com essa liberdade?

Não moramos dia a dia um porcelamos mais esta nos diretamente ligados ao direito da liberdade de expressão, e muitas pessoas não conseguem compreender que ter voz é muito e uma cara positiva, e que devemos complementar a ele o respeito. Pois apesar de ter uma liberdade de se expressar, uma minha opinião, devemos sempre pensar nos outros, por que apenas uma palavra pode mudar a vida de alguém. O respeito tem que ser a base. E você tem exercido sua liberdade de expressão respeitando os outros?

Mais também temos que aprender a ouvir a verdade pois não temos todos quem fala a verdade e isso como pessoa. É aí que entra o respeito e a pensar na próxima, você tem que pensar na vida de cada um, as outras e quem ouvir a verdade antes de ficar chateado tem que lembrar que as pessoas podem ter as suas opiniões.

E aí vem o ponto negativo da liberdade de expressão, muitas pessoas costumam dizer isso tudo para justificar alguns comportamentos e atitudes, disso que a liberdade de expressão vem perdendo o seu verdadeiro significado.

Apartir desses fatos que eu afirmo que não tem existir limites para liberdade de expressão, mas quais os pontos positivos e negativos se encontram. Por isso uma sugestão que dou a vocês leitores, pensem bem antes de expressarem suas opiniões pois apesar disso ter um direito, o respeito ao próximo sempre vencerá seu lado melhor.

limites na liberdade de expressão

Como o próprio nome, liberdade de expressão fala, e por isso consiste não é nada mais que ter liberdade em expressar o que se sente, é saber falar e agir como todo ao ponto, liberdade de expressão tem vários "mais ou menos".

Por exemplo, temos que limitar tudo que somos falar e dirigir a outra pessoa, não é questão de dignidade, mas sim de ética, respeito, cidadania e limitações.

No meu ponto de vista, o que fala para os outros a então públicos mas redes sociais, tem de ser de uma forma moderada. Mas se a pessoa quiser usar a tal liberdade de forma diversa e antitética, nada a impede de usar, então, há um porém, que são as consequências a se lidar com isso.

O ódio que as pessoas carregam, como a agressão física ou verbal, o assassinato e várias outras catástrofes, tem sido usado como desculpa que é apenas uma maneira de liberdade de expressão. Por tudo isso, a liberdade tem sim que ter limites.

A nossa expressão deve haver limites?

Expressar o que sentimos, pensamos e achamos é um direito nosso. Fazemos isso a todo momento e em todo lugar. Em uma roda de amigos, em família no trabalho... A expressão não envolve apenas o ato de falar, mas sim o de ouvir, agir e pensar.

Concordamos que nem todo mundo tem a mesma opinião, afinal, o que seria do mundo se todos gostassem das mesmas coisas? É essa discordância excessiva que às vezes gera conflito entre as pessoas.

Na minha opinião, temos que deixar e regular nossas palavras, não deixando de falar a verdade, mas, procurando não ofender o próximo.

Se pensarmos bem, existem leis que limitam certo exagero da nossa forma de expressar. Um exemplo, se você em uma manifestação contra algo, você pode demonstrar e se expressar o seu lado da situação pacificamente, sem vandalismo e violência. No contrário disso você poderá ser preso, pois vandalismo é crime.

Infim, devemos aprender a deixar nossas palavras para evitar conflitos. Afinal, a liberdade de expressar sua opinião é um direito básico que é presente no Brasil, e que nem todo país tem! Vamos saber aproveitar e vivenciar esse direito de maneira bela e usá-lo para o bem!

Você tem liberdade de expressão?

Liberdade de expressão é poder expressar sua opinião livremente, mas com limites. Você acha que no Brasil existe liberdade de expressão?

Vejo nas redes sociais, por exemplo, pessoas usando a liberdade de expressão da maneira errada, com palavras inadequadas e difamatórias.

Às vezes nos irritamos com algumas coisas que ouvimos ou vemos, e sentimos uma extrema vontade de falar tudo o que pensamos... Bom, podemos falar tudo o que queremos, desde que seja de forma civilizada, ou seja, com respeito ao próximo e tomando cuidado para não ofender outras pessoas.

Então... De acordo com as coisas que vivencio em meu cotidiano, no Brasil não existe liberdade de expressão, pois muitas vezes damos nossa opinião sobre um assunto e já somos julgados pela sociedade.

Na minha opinião todos devem ter liberdade de expressão, até porque, isso é um direito humano, mas que infelizmente na maioria das vezes não é respeitado.

Liberdade de expressão é um direito seu, não deixe que tirem isso de você!